

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

SAMANTHA JACKELINE COSTA DE ANDRADE

**CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS DE POVOS DE MATRIZ AFRICANA PARA A
FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DO BRASIL:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

UBERLÂNDIA/MG

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – ROFLETRAS**

SAMANTHA JACKELINE COSTA DE ANDRADE

**CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS DE POVOS DE MATRIZ AFRICANA PARA A
FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DO BRASIL:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras — PROFLETRAS — da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini.

UBERLÂNDIA/MG

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A553 Andrade, Samantha Jackeline Costa de, 1983-
2024 Contribuições lexicais de povos de matriz africana para a
formação linguística e cultural do Brasil [recurso eletrônico] :
Uma proposta didática para o ensino de Língua Portuguesa /
Samantha Jackeline Costa de Andrade. - 2024.

Orientadora: Adriana Cristina Cristianini.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Letras.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.545>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Cristianini, Adriana Cristina ,1969-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Letras. III.
Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3291-8323 - www.profeletras.ileel.ufu.br - secprofeletras@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras			
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional			
Data:	28 de junho de 2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento: 17:30
Matrícula do Discente:	12212MPL009			
Nome do Discente:	Samantha Jackeline Costa de Andrade			
Título do Trabalho:	CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS DE POVOS DE MATRIZ AFRICANA PARA A FORMAÇÃO LINGÜÍSTICA E CULTURAL DO BRASIL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA			
Área de concentração:	Linguagens e Letramentos			
Linha de pesquisa:	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR PARA O ESTUDO/ENSINO DO LÉXICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE			

Reuniu-se, remotamente via Google Meet, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: Profa. Dra. Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto, Doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP; Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho, Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas; Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini, Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Adriana Cristina Cristianini, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos,

Ata de Defesa - Pós-Graduação 9 (5499442) SEI 23117.041959/2024-79 / pg. 1

conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Cristina Cristianini**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/06/2024, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria do Socorro Vieira Coelho**, **Usuário Externo**, em 28/06/2024, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **VERA LÚCIA DIAS DOS SANTOS AUGUSTO**, **Usuário Externo**, em 28/06/2024, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso=0, informando o código verificador **5499442** e o código CRC **6310A67E**.

Referência: Processo nº 23117.041959/2024-79

SEI nº 5499442

Ata de Defesa - Pós-Graduação 9 (5499442) SEI 23117.041959/2024-79 / pg. 2

À minha querida família, em especial para
minha mãe, uma mulher forte e corajosa,
cujos exemplos me mostraram
a importância de nunca desistir.

AGRADECIMENTOS

Durante esses dois anos de dedicação ao Mestrado, tive o privilégio de contar com a presença e o apoio de pessoas que compartilharam esse caminho e lutaram ao meu lado. É com profundo reconhecimento que expresso meus sinceros agradecimentos.

Começo expressando minha gratidão a Deus. Agradeço por permitir que eu alcance o título de Mestre. Eu sou eternamente grata pelo amparo espiritual que recebi durante essa caminhada. Amparo esse expresso com o envio de pessoas incríveis no meu caminho.

Aos meus pais, Adilson e Janice, expresso minha profunda gratidão por serem os pilares de minha família e por desempenharem o papel de meus primeiros mentores! Sou muito grata por incentivarem meus sonhos e por transmitirem valores que carregarei ao longo de toda a minha vida!

Aos meus irmãos, Ariella e Alisson, que representam para mim a ideia de união, agradeço de coração. Vocês são meus parceiros em todos os momentos, sempre presentes nas alegrias e nos momentos difíceis.

Às minhas amadas filhas, Anna Júlia e Victoria Elise, que me auxiliam de maneira inexplicável, sendo, por diversas vezes, minha razão para continuar mesmo quando as coisas apertam. Amo-as sem medidas.

A todos os meus familiares: sobrinhos, cunhado, tios, primos, avós, a minha mais profunda gratidão!

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), uma instituição renomada, pela qual tenho profundo apreço por ter cursado minha graduação e, agora, completado meu mestrado. Gostaria de expressar meus agradecimentos ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) por proporcionarem a oportunidade de realizar meu mestrado. Também quero estender meu reconhecimento à equipe da coordenação local do PROFLETRAS, representada inicialmente pela Professora Doutora Marlúcia Alves, que desempenhou um papel fundamental durante minha jornada, e, posteriormente, assumida pelo Professor Doutor João Carlos Biella, a quem também sou grata pela atenção e o apoio constantes que me ofereceram ao longo deste percurso, junto ao secretário Andson, que desempenhou um papel igualmente relevante em todo o

processo.

Expresso minha gratidão a todos os professores da Turma VII pela dedicação, pelo comprometimento, o afeto e a prontidão que demonstraram durante o período em que lecionaram. Cada um deles, de maneira singular, desempenhou um papel significativo no êxito de nosso trabalho.

A todas as minhas colegas da Turma VII, sou grata por tornar minhas segundas-feiras mais leves, apesar de toda bagagem de conteúdo indispensável para a conclusão desse ciclo. Levarei todas em meu coração. Gratidão às colegas com as quais pude estar mais próxima por compartilharmos de atividades em grupo em alguma disciplina, em especial à querida Janete, que muito me ajudou!

Agradeço, em especial, às professoras Dra. Maria do Socorro V. Coelho e Dra. Vera Lúcia D. dos Santos Augusto pela participação e pelas importantíssimas contribuições em minhas bancas de qualificação e defesa de Mestrado.

Eu sou imensamente grata por ter sido escolhida pela professora Dra. Adriana Cristina Cristianini como sua orientanda. Ela foi muito mais do que uma professora orientadora. Ela me direcionou, escutou, apoiou, acolheu e acompanhou, paciente e amorosamente, na fase mais difícil da minha vida, sem deixar de ser profissional. Ela foi uma luz em muitas horas de desespero. Não consigo externalizar em palavras o que esse ser divino foi na minha vida!

À Secretaria de Educação de Uberlândia, por viabilizar a realização da nossa pesquisa.

Aos amigos e companheiros da Escola Estadual Mário Porto. Agradeço à diretora Regina Beatriz, pela confiança, posteriormente substituída pelo diretor Jakes Paulo, pelo incentivo, auxílio e encorajamento a continuar firme no propósito de ser a diferença na educação por intermédio dela. Gratidão aos vice-diretores Adilson Vagner, Raquel Baia, Gislene Fraga, Marlúcio, Valéria Naresse. Agradeço o incentivo da supervisora Elen Maria.

Aos amigos e companheiros da Escola Municipal Professora Josiany França. Agradeço à diretora Ana Maria pelo apoio, à vice-diretora Sueli, às supervisoras Elaine e Karolina.

Agradeço a todos os colegas de trabalho das duas escolas em que atualmente estou lotada e tantos outros que me incentivaram a trilhar este caminho. Agradeço aos meus atuais e ex-alunos e a todos que acreditaram que esse sonho de concluir o Mestrado seria possível!

Por último, e não menos importante, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão aos que vieram antes de mim, aos que resistiram, aos que sofreram e aos que lutaram para pavimentar o chão sobre o qual agora caminho com mais dignidade e amor.

Em especial, quero prestar homenagem aos negros escravizados, cujas lutas e resistência moldaram a sociedade brasileira. Reconheço os sacrifícios feitos, as lágrimas derramadas e as batalhas travadas. Cada conquista que alcancei é um tributo ao seu legado de resistência e coragem. Prometo honrar o passado, aprender com ele e lutar por um futuro mais justo para todos. Grata por terem iluminado o caminho para que eu pudesse caminhar sobre solo firme, com mais compreensão, empatia e amor.

Com respeito e gratidão eterna.

“Eu não falo aqui a minha língua
Eu falo a língua que me deram
Mas essa língua é minha agora
Da forma que eu sei falar.”

Gabriel Nascimento

RESUMO

A presente pesquisa, conduzida por meio de uma abordagem bibliográfica, tem como objetivo principal apresentar uma proposta didática para professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, com foco nas contribuições lexicais dos povos de matriz africana para a formação linguística e cultural do Brasil. Para atingir essa meta, os seguintes objetivos específicos foram delineados: (i) retomar a história do tráfico de pessoas negras no Brasil a fim de compreender o processo de colonização e escravidão de africanos no Brasil e a incorporação das línguas africanas à Língua Portuguesa; (ii) tratar, sob um viés histórico, das políticas educacionais voltadas para o negro no Brasil, com foco nas Leis nºs 10.639/2003 (Brasil, 2003) e 11.645/2008 (Brasil, 2008); (iii) apresentar, teoricamente, as contribuições linguísticas e culturais de povos de matriz africana para a Língua Portuguesa; (iv) criar uma obra literária infanto-juvenil com palavras de origem africana como suporte para o ensino dessas contribuições linguísticas e culturais; (v) criar um material didático baseado na obra literária infanto-juvenil, para o professor de Ensino Fundamental, em especial para o professor de Português, como plano de ensino das contribuições culturais e linguísticas dos povos de matriz africana; (vi) e promover uma educação inclusiva que reconheça e valorize a diversidade cultural, conscientizando os alunos a se tornarem cidadãos respeitosos da pluralidade étnica e cultural do Brasil. O embasamento teórico desta pesquisa se apoia em autores como Castro (2001, 2005, 2012, 2019, 2022), Biderman (1996, 2001a, 2001b, 2001c), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (1999, 2014, 2016) e Antunes (2005, 2007, 2012). Como resultado, a pesquisa propõe uma proposta didática para o ensino de Língua Portuguesa da Educação Básica, com a criação de uma obra literária infanto-juvenil e um material didático acessível e de fácil utilização pelos professores de Português como base nas reflexões sobre a temática do léxico afro-brasileiro.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Léxico Afro-Brasileiro; Material Didático; Obra Literária Infanto-Juvenil.

ABSTRACT

The present research, conducted through a bibliographic approach, aims to present a didactic proposal for Portuguese Language teachers in Elementary Education, focusing on the lexical contributions of African-descended peoples to the linguistic and cultural formation of Brazil. To achieve this goal, the following specific objectives were outlined: (i) to revisit the history of the trafficking of black people in Brazil in order to understand the process of colonization and enslavement of Africans in Brazil and the incorporation of African languages into Portuguese; (ii) to address, from a historical perspective, the educational policies aimed at black people in Brazil, focusing on Laws 10.639/2003 (Brazil, 2003) and 11.645/2008 (Brasil, 2008); (iii) to theoretically present the linguistic and cultural contributions of African-descended peoples to Portuguese; (iv) to create a children's literary work with words of African origin as a support for teaching these linguistic and cultural contributions; (v) to create didactic material based on the children's literary work for Elementary Education teachers, especially for Portuguese teachers, as a teaching plan for the cultural and linguistic contributions of African-descended peoples; and (vi) to promote inclusive education that recognizes and values cultural diversity, raising student awareness to become respectful citizens of Brazil's rich ethnic and cultural plurality. The theoretical foundation of this research is based on authors such as Castro (2001, 2005, 2012, 2019, 2022), Biderman (1996, 2001a, 2001b, 2001c), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (1999, 2014, 2016), and Antunes (2005, 2007, 2012). As a result, the research proposes a didactic approach for teaching Portuguese language in Basic Education. This approach involves creating a children's and young adult literary work, along with accessible and user-friendly teaching materials for Portuguese teachers. These materials are based on reflections about the Afro-Brazilian lexicon.

Keywords: portuguese language teaching; afro-brazilian lexicon; didactic materials; children's and young adult literary work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do livro <i>A Festa no Terreiro</i>	91
Figura 2 - Personagens Moleque e Bá.....	93
Figura 3 - Instrumentos musicais de origem africana presentes na narrativa: berimbau e caxixi.....	95
Figura 4 - Instrumentos musicais de origem africana presentes na narrativa: berimbau e caxixi.....	96
Figura 5 - Dengo: expressão afetiva de origem africana na narrativa <i>A Festa no Terreiro</i>	97
Figura 6 - Sincretismo religioso.....	98
Figura 7 - Palavras e expressões que nasceram do contato colonial com povos negros e adquiriram conotações pejorativas no português brasileiro.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA -	Bahia
BNCC -	Base Nacional Comum Curricular
LA -	Linguística Aplicada
LDB -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LP -	Língua Portuguesa
PB -	Português Brasileiro
PCN -	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE -	Pernambuco
PROFLETRAS -	Mestrado Profissional em Letras
UFU -	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
1	OS POVOS DE MATRIZ AFRICANA NA HISTÓRIA DO BRASIL.....	22
1.1	“DESCOBRIMENTO” DO BRASIL E INTERAÇÃO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS.....	22
1.2	O TRÁFICO DE PESSOAS NEGRAS AFRICANAS PARA O BRASIL..	26
1.3	A INCORPORAÇÃO DAS LÍNGUAS AFRICANAS AO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	31
1.4	BREVE RESUMO SOBRE AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA O NEGRO BRASILEIRO: DO BRASIL COLONIAL AOS DIAS ATUAIS.....	32
1.5	LUGARES NO BRASIL ONDE MAIS SE OBSERVA A INFLUÊNCIA AFRICANA NA COMPOSIÇÃO DAS PALAVRAS EM USO.....	36
2	O LÉXICO: CONCEITOS E PERSPECTIVAS.....	41
2.1	DEFINIÇÃO DE LÉXICO.....	42
2.2	O LÉXICO AFRO-BRASILEIRO.....	45
2.3	ORIGENS E INFLUÊNCIAS CULTURAIS.....	45
2.4	PROCESSOS DE INCORPORAÇÃO E ADAPTAÇÃO.....	46
2.5	IMPORTÂNCIA NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA.....	50
3	INTERAÇÕES ENTRE LINGUÍSTICA APLICADA, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	52
3.1	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	53
4	A IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAREM, NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, PALAVRAS QUE SÃO ORIUNDAS DE POVOS DE MATRIZ AFRICANA.....	73
4.1	O PAPEL DA LINGUÍSTICA APLICADA NO ESTUDO DO LÉXICO AFRO-BRASILEIRO.....	74
4.2	A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL....	75

4.3	O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA LÍNGUA.....	77
4.4	A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COM PERSPECTIVA INTERCULTURAL.....	79
5	MÉTODOS E PROCEDIMENTOS.....	82
5.1	MATERIAL DIDÁTICO DESENVOLVIDO.....	86
6	DOS SABERES ANCESTRAIS À SALA DE AULA: MATERIALIZANDO AS CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS AFRO-BRASILEIRAS EM PRÁTICAS DIDÁTICAS.....	90
6.1	A ESCOLHA DA TEMÁTICA: A LÍNGUA COMO LEGADO CULTURAL	90
6.2	PALAVRAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: SELEÇÃO E SIGNIFICADOS.....	94
6.3	O MANUAL PEDAGÓGICO: MEDIAÇÃO CRÍTICA E SENSÍVEL.....	98
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICES.....	112
	APÊNDICE A – A FESTA NO TERREIRO.....	113
	APÊNDICE B – MATERIAL PARA PROFESSORES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS DOS POVOS DE MATRIZ AFRICANA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	170

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino da Língua Portuguesa (LP) nas escolas de ensino básico no Brasil é desafiador para os profissionais da área da educação. Isso se deve à necessidade de compreender e lidar com um sistema linguístico em constante evolução. A LP é influenciada por uma série de elementos, como características sociais, culturais, históricas e linguísticas, que desempenham um papel significativo em sua estrutura e uso. Os profissionais da área precisam lidar com alterações gramaticais, um vocabulário diversificado e diferentes registros linguísticos.

Ao ensinar a LP, é fundamental reconhecer que ela vai além de regras gramaticais e normas formais. É preciso considerar a dimensão social da língua, compreendendo-a como um instrumento de comunicação e expressão que reflete a realidade em que vivemos. A língua está intrinsecamente ligada às práticas sociais, aos valores culturais e aos aspectos históricos de uma determinada comunidade linguística.

Entre os desafios que permeiam o sistema educacional brasileiro, está a necessidade de investimentos contínuos em programas de formação profissional, medida importante para auxiliar no processo de aprimoramento e atualização dos conhecimentos dos professores a fim de possibilitar-lhes acompanharem as transformações que ocorrem no campo do ensino. Os conhecimentos em LP exigem, como quaisquer outros, atualização constante. Nesse contexto é que surge o PROFLETRAS, Programa de Mestrado Profissional em Letras, voltado para a formação de professores de LP, que promove a qualificação e o aprimoramento dos docentes, buscando fortalecer o ensino da referida disciplina nas escolas brasileiras. Por meio do PROFLETRAS, os docentes têm a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos, habilidades e competências, embasando-se em suas próprias experiências práticas no campo da educação, o que lhes torna possível o desenvolvimento de uma abordagem mais eficiente no ensino da Língua Portuguesa, uma vez que o programa busca proporcionar uma formação continuada alinhada com as demandas contemporâneas e as novas práticas pedagógicas. Assim como Freire (1996), acreditamos que ensinar exige pesquisa constante.

O professor desempenha um papel fundamental como agente de transformação na sala de aula, utilizando seu conhecimento, sua experiência e suas

habilidades pedagógicas para potencializar a aprendizagem dos alunos e promover o desenvolvimento linguístico e cultural de cada um deles. É por meio dessa interação dinâmica e constante que se estabelece um ambiente propício ao aprendizado da língua e a formação de falantes competentes e críticos.

Nessa interação, o professor assume o papel de mediador entre o conhecimento e o aluno. Bock (1999) corrobora tal pensamento ao afirmar que:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida (Bock, 1999, p. 124).

Desse modo, a aprendizagem é um processo intrinsecamente relacionado às interações humanas, e a relação entre o indivíduo e o mundo ao seu redor é constantemente mediada pelas interações com outras pessoas. Sendo assim, motivação para iniciar esta pesquisa sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o português brasileiro surgiu a partir da minha experiência docente. Ao longo dos anos, dediquei-me ao ensino da Língua Portuguesa, observando com atenção a prática e me deparando com uma realidade que me inquietava: a carência de materiais pedagógicos adequados para abordar as questões étnico-culturais. Essa constatação me impulsionou a buscar soluções, ao perceber a necessidade premente de incorporar o léxico afro-brasileiro no ensino de LP, reconhecendo sua importância histórica e cultural. Outra questão importante a se levar em consideração era a necessidade de combater o preconceito linguístico e garantir o uso adequado e respeitoso dos termos afrodescendentes em diversos contextos sociais.

Diante do problema da invisibilidade e da marginalização da herança lexical afro-brasileira no ensino de LP, surge a pergunta norteadora desta pesquisa de mestrado: **“Como podemos incorporar o léxico afro-brasileiro no ensino de Língua Portuguesa, promovendo o reconhecimento da sua importância histórica e cultural, combatendo o preconceito linguístico e garantindo o uso adequado e respeitoso dos termos afrodescendentes na obra literária, na sala de aula e em outros contextos sociais?”**.

A justificativa para a presente pesquisa reside, assim, na escassez de materiais didáticos dedicados às contribuições lexicais de povos de origem africana traficados para o Brasil durante o período colonial. Essa lacuna é particularmente preocupante,

considerando o papel fundamental que tais contribuições tiveram na formação da identidade linguística e cultural do País, ressaltando a necessidade urgente de investigar e desenvolver recursos eficazes que possam suprir essa falha e promover um ensino mais inclusivo e enriquecedor.

Ao longo da história, o Brasil recebeu um influxo significativo de africanos escravizados, cujas línguas e culturas deixaram uma marca indelével no léxico¹ e na diversidade linguística brasileira. No entanto, a maior parte dessas contribuições permanece sub-representada e subvalorizada nos materiais didáticos disponíveis, refletindo uma narrativa histórica eurocêntrica e excludente.

Assim, a necessidade de preencher essa lacuna é importante para promover uma compreensão mais abrangente da história e da cultura brasileiras, a fim de fomentar um ambiente educacional mais diversificado, inclusivo e respeitoso com as diversas origens e contribuições étnicas que compõem a identidade nacional, alinhado com os princípios da igualdade e do respeito pela diversidade presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996) e nas Leis n^{os} 10.639/2003 (Brasil, 2003) e 11.645/2008 (Brasil, 2008).

Ademais, para a realização da pesquisa, foram examinadas as interconexões entre a LDB (Brasil, 1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), documentos os quais constituem um conjunto de regulamentos e orientações que direcionam o sistema educacional brasileiro. Unidos, desempenham um papel significativo na melhoria e na padronização do sistema educacional, proporcionando uma base sólida para a qualidade do ensino em todo o Brasil.

A LDB (Brasil, 1996) estabelece princípios e regras fundamentais para o sistema educacional brasileiro, incluindo a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino. Ela serve como o alicerce legal para o desenvolvimento dos PCN (1998) e da BNCC (Brasil, 2018). Os PCN, por sua vez, fornecem detalhes e complementam os aspectos da LDB, oferecendo orientações práticas aos educadores e às escolas sobre como implementar as diretrizes da LDB em sala de aula. Construída considerando tanto a LDB quanto os PCN, a BNCC representa um significativo avanço na educação brasileira ao unificar as diretrizes curriculares para todas as escolas do País, garantindo a atualização e o alinhamento das expectativas educacionais para os

¹ Léxico é o “conjunto das unidades lexicais de uma língua, abrangendo todas as palavras e expressões que a compõem, bem como suas variantes e especializações” (Ferreira, 2004, p. 45).

alunos em todas as etapas da Educação Básica.

Esta pesquisa promove a inclusão por reconhecer e valorizar as contribuições linguísticas e culturais dos povos de matriz africana para o português brasileiro (PB). Ao investigar o vocabulário das línguas africanas, os professores podem despertar nos estudantes, especialmente naqueles com raízes africanas ou afrodescendentes, a atitude de se reconhecerem e identificarem-se positivamente com sua contribuição cultural. Isso fortalece sua autoestima, seu senso de pertencimento e a valorização de sua identidade linguística e cultural, contribuindo para uma maior inclusão e representação desses grupos na sociedade brasileira, mas enriquecendo a experiência de aprendizado de todos os estudantes.

Nesse contexto, há que se esclarecer o motivo da escolha lexical de “matriz africana” para o título da presente pesquisa, visto que essa expressão se refere às origens ancestrais africanas dos povos cujas contribuições linguísticas estão sendo estudadas. A palavra² "matriz", sob essa perspectiva, denota uma fonte primária ou ancestral. Portanto, "matriz africana" sugere que os povos africanos são a fonte original das contribuições linguísticas em análise, ou seja, as palavras, expressões e estruturas linguísticas que foram emprestadas ou influenciaram o desenvolvimento da LP no Brasil. A expressão destaca a importância da contribuição linguística africana na formação e na evolução do idioma, reconhecendo a significativa influência cultural e linguística dos povos africanos na nação brasileira.

Diante disso, o objetivo principal da pesquisa “Contribuições lexicais de povos de matriz africana para a formação linguística e cultural do Brasil: uma proposta didática para o ensino de Língua Portuguesa” é apresentar uma proposta didática para professores de LP do Ensino Fundamental, com foco nas contribuições lexicais de povos de matriz africana para a formação linguística e cultural do Brasil.

Como parte integrante dos objetivos específicos, pretendemos:

- retomar a história do tráfico de pessoas negras no Brasil a fim de compreender o processo de colonização e escravização de africanos no Brasil e a incorporação das línguas africanas à Língua Portuguesa;
- tratar, sob um viés histórico, das políticas educacionais voltadas para o negro no Brasil, com foco nas Leis nºs 10.639/2003 (Brasil, 2003) e 11.645/2008 (Brasil, 2008);

² Palavra é a unidade linguística dotada de significação, constituída de fonemas e morfemas, que pode funcionar de maneira independente no discurso (Bechara, 2009, p. 72).

- apresentar, teoricamente, as contribuições linguísticas e culturais de povos de matriz africana para a Língua Portuguesa;
- criar uma obra literária infantil com palavras de origem africana como suporte para o ensino dessas contribuições linguísticas e culturais;
- criar um material didático baseado na obra literária infanto-juvenil, para o professor de Ensino Fundamental, em especial para o professor de Português, como plano de ensino das contribuições culturais e linguísticas dos povos de matriz africana;
- promover uma educação inclusiva que reconheça e valorize a diversidade cultural, conscientizando os alunos a se tornarem cidadãos respeitosos da pluralidade étnica e cultural do Brasil.

É importante ressaltar que essa abordagem não menospreza a relevância do tripé formado pelos povos negros, indígenas e europeus, que constituem a base da miscigenação étnica e cultural brasileira. A miscigenação no Brasil é um fenômeno abrangente e multifacetado que transcende as esferas linguísticas e culturais. Ao longo da história, o País contou com interações entre povos de diferentes origens étnicas, resultando em uma gama variada de influências linguísticas e culturais. A identidade linguística do PB também se revela nas contribuições lexicais e gramaticais trazidas pelos diferentes grupos étnicos. O léxico brasileiro foi enriquecido com palavras³ de origem indígena, africana e europeia, entre outras, que permeiam o vocabulário cotidiano e refletem a diversidade cultural do País. Sobre o léxico, Biderman (2001b, p. 179) define:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

Ao desenvolver esta pesquisa, baseamos nossas reflexões em diversas referências acadêmicas relevantes. Autores como Castro (2001, 2005, 2012, 2019, 2022), Biderman (1996, 2001a, 2001b, 2001c), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (1999, 2014, 2016) e Antunes (2005, 2007, 2012) foram fundamentais para embasar

³ Apesar de, para a Linguística, outros termos serem mais adequados no que se refere aos itens lexicais, neste trabalho utilizaremos o termo “palavra” por ser de uso mais corrente entre o principal público-alvo de nosso texto.

nossas reflexões e contribuir para a construção do conhecimento nesta pesquisa.

Esses autores apresentaram perspectivas teóricas e análises significativas sobre temas relacionados à nossa investigação, como o estudo do léxico e a influência dos povos de matriz africana na formação do léxico e do ensino da LP e a importância da diversidade linguística.

Com o intuito de apresentar de forma organizada as reflexões realizadas, esta pesquisa foi estruturada em capítulos que abordam diferentes aspectos relacionados ao tema em pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado *Os povos de matriz africana na História do Brasil*, visa contextualizar a presença e a influência dos povos de matriz africana na história do País. São explorados aspectos como a chegada dos africanos ao território brasileiro durante o período colonial, o sistema escravista e a contribuição cultural desses povos para a formação da identidade brasileira. Apresentam-se informações históricas e análises que evidenciam sua importância para a construção do Brasil.

No segundo capítulo, *O léxico: conceitos e perspectivas*, trazemos diferentes perspectivas teóricas sobre o léxico, reconhecendo sua importância fundamental na comunicação humana.

Interações entre Linguística Aplicada, variação linguística e o estudo das palavras de origem africana na Língua Portuguesa é o título do terceiro capítulo, no qual a pesquisa apresenta conexões entre esses campos interdisciplinares, revelando como a interseção entre a Linguística Aplicada (LA) e outras áreas representa papel fundamental na compreensão da variação linguística e na análise das normas linguísticas vigentes.

No quarto capítulo, *A importância de se ensinarem, nas aulas de Língua Portuguesa, palavras oriundas de povos de matriz africana*, apresentaremos as raízes linguísticas que permeiam a Língua Portuguesa. Ao integrar esses conhecimentos nas aulas, podemos promover um entendimento mais amplo e sensível de nossa identidade linguística e cultural, proporcionando aos estudantes uma visão mais enriquecedora e inclusiva do mundo linguístico em que vivemos.

Métodos e procedimentos, a quinta parte deste volume, trata da abordagem metodológica adotada na pesquisa, incluindo detalhes sobre o método, as fontes utilizadas e os procedimentos de pesquisa, elaboração e análise. São apresentados os critérios de seleção das informações e a maneira como foram interpretadas para embasar as reflexões realizadas. Além disso, há o detalhamento da elaboração do

material didático, os objetivos e as justificativas das escolhas para a constituição do trabalho. Também são discutidos eventuais desafios encontrados durante a pesquisa e as estratégias adotadas para superá-los.

O Capítulo 6, *Dos saberes ancestrais à sala de aula: materializando as contribuições lexicais afro-brasileiras em práticas didáticas*, apresenta a elaboração dos produtos da pesquisa — o livro infantojuvenil *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) e o *Manual para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024b).

Como um fechamento que não necessariamente seja um término, as *Considerações Finais* (seguidas das Referências e dos Apêndices) resumem as conclusões obtidas a partir das reflexões realizadas durante a pesquisa, destacando pontos-chave, contribuições para o campo de estudo e possíveis implicações práticas. Apresentam-se ainda recomendações para futuras pesquisas e sugestões para a aplicação dos resultados no âmbito educacional e social. Ademais, essa seção destaca a importância do estudo, contribuindo para a expansão do conhecimento na área e fornecendo subsídios para práticas pedagógicas mais eficientes e inclusivas.

1 OS POVOS DE MATRIZ AFRICANA NA HISTÓRIA DO BRASIL

Ao examinar o surgimento dos povos de matriz africana na História do Brasil, adentramos em um passado marcado por lutas, resistências e conquistas, permeado por processos históricos, sociais e culturais que moldaram a formação do nosso País. Compreender a presença e a influência desses povos em nossa sociedade é essencial para um entendimento acerca da formação da identidade brasileira.

Nesse sentido, é imprescindível reconhecer a relevância do estudo sobre o resgate da história afro-brasileira, no que tange à valorização e à preservação das memórias, das tradições e das contribuições dos povos africanos e seus descendentes para a cultura brasileira.

A seção que se segue aborda a interação entre colonizadores e povos originários no Brasil, desde os primeiros encontros até os conflitos e resistências que caracterizaram esse período.

1.1 “DESCOBRIMENTO” DO BRASIL E INTERAÇÃO COM OS POVOS ORIGINÁRIOS

Em meados de 1500, o rei de Portugal, Dom Manuel I, autorizou uma expedição liderada por Pedro Álvares Cabral, um nobre e experiente navegador português. Couto (1999) relata que a expedição tinha como objetivo alcançar as terras das Índias contornando a África, uma rota já iniciada por Vasco da Gama em 1498.

O “descobrimento”⁴ do Brasil ocorreu em 22 de abril de 1500, apresentado na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, quando uma frota de navios portugueses, liderada por Pedro Álvares Cabral, chegou à costa leste do que é hoje o Brasil. Essa expedição fazia parte do esforço de Portugal em encontrar uma rota marítima para as Índias, com o objetivo de estabelecer rotas comerciais e expandir seus domínios territoriais. De acordo com Castro (2013), a visualização de terras ocorrida em 22 de abril de 1500 foi descrita por Pero Vaz de Caminha, escrivão da expedição, da seguinte forma:

⁴ Optamos por inserir aspas na palavra descobrimento, no que se refere à expressão “descobrimento” do Brasil”, pois em 22 de abril de 1500 os portugueses chegaram às terras que hoje pertencem ao Brasil. No entanto, essa data não representa uma verdadeira “descoberta”, pois já havia habitantes no território (os povos originários). O termo “descobrimento” é eurocêntrico, pois implica que não havia habitantes nas terras encontradas pelos portugueses. Na realidade, os povos autóctones já viviam aqui.

No dia seguinte [22 de abril] — quarta-feira pela manhã — topamos aves a que os mesmos chamam de fura-buchos. Neste mesmo dia, à hora de vésperas [entre 15h e 18h], avistamos terra! Primeiramente um grande monte, muito alto e redondo; depois outras serras mais baixas, da parte sul em relação ao monte e, mais, terra chã. Com grandes arvoredos. Ao monte alto o Capitão deu o nome de Monte Pascoal; e à terra, Terra de Vera Cruz (Castro, 2013, p. 87).

A escravidão no Brasil, por sua vez, foi estabelecida durante as primeiras décadas da colonização, na década de 1530, quando os portugueses introduziram o sistema das capitanias hereditárias e iniciaram o processo de colonização da América Portuguesa. Anteriormente, os portugueses haviam se envolvido no comércio de escambo com os indígenas, especialmente na exploração do pau-brasil.

Em sua narrativa, Couto (1999) relata que, ao chegar ao litoral brasileiro, os portugueses tiveram o primeiro contato com os nativos indígenas. As interações iniciais foram marcadas por estranhamento mútuo, e os portugueses trocaram presentes com os indígenas, como espelhos e colares, com o intuito de conquistar a confiança dos povos originários das terras recém-descobertas. O historiador afirma que, na carta escrita por Caminha, há uma descrição detalhada sobre os nativos:

A feição deles é parda, algo avermelhada; de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem-feitos. [...] Ambos [...] traziam o lábio de baixo furado e metido nele um osso branco e realmente osso, do comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do lábio, e a parte que fica entre o lábio e os dentes é feita à roque de xadrez, ali encaixado de maneira a não prejudicar o falar, o comer e o beber (Couto, 1999, p. 90).

A partir de 1534, as capitanias hereditárias foram implantadas pelos portugueses, incentivando o cultivo da cana-de-açúcar e o desenvolvimento de engenhos para a produção de açúcar. Dado que essa atividade exigia mão de obra significativa, os portugueses optaram pela escravidão como resposta à escassez de trabalhadores, uma vez que eles próprios evitavam realizar trabalhos árduos. Isso levou à submissão dos povos indígenas à escravidão, como destacado por Quijano (2005, p. 226):

Na América a escravidão foi deliberadamente estabelecida e organizada como mercadoria para produzir mercadorias para o mercado mundial e desse modo, para servir aos propósitos e necessidades do capitalismo. Do mesmo modo a servidão imposta aos índios, inclusive a redefinição das instituições da reciprocidade, para servir os mesmos fins, isto é, para produzir mercadorias para o mercado mundial. E enfim, a produção mercantil independente foi estabelecida e expandida para os mesmos propósitos.

Sujeito a debates intensos e desentendimentos entre a esfera religiosa e o Estado, seu caráter complexo no sistema burocrático colonial fica claramente evidenciado, sendo sua característica principal a competição com o poder do Estado:

Regimento das Missões foi dado aos Regulares o governo supremo sobre todos os índios e que estes vivessem aldeados, e que fossem governados pelos padres missionários e ficassem os ditos índios obrigados às aldeias, sem que possam delas sair para viverem em outra parte por nenhuma razão que seja. Destes índios, assim aldeados, compete a cada missionário para o seu serviço, sem que neste número entrem sacristãos, barbeiro e todos os mais oficiais mecânicos. Fora destes índios de serviço têm os padres da Companhia a aldeia de Maracu, na capitania do Maranhão, e a de Gonçari, nesta, e os padres capuchos outras povoações a que eles chamam Doutrina, cujos moradores de umas e outras povoações não podem fazer serviço algum que não seja para os padres, e além desta gente todas as das aldeias da Repartição, que deveram ser dos moradores e que eles lhes usurpam, e ainda que não podem deixar de lhes conceder, experimentam a fraude que em seu lugar direi. Esta aparente liberdade que sempre clamam as Religiões é o mais rigoroso cativoiro que se pode imaginar (Mendonça, 2005, p. 109).

Diante dos conflitos entre Igreja e Estado, tornou-se mais viável a importação de mão de obra escrava de outra localidade. O historiador Alencastro (2018) declara que o primeiro registro de desembarque de africanos escravizados ocorreu na década de 1560. Sendo assim, os primeiros escravos africanos começaram a ser importados em meados do século XVI; seu emprego nos engenhos brasileiros, contudo, ocorria basicamente nas atividades especializadas: os escravos africanos eram economicamente mais vantajosos do que os indígenas, conforme afirma o historiador Schwartz (1988, p. 70):

Os africanos sem dúvida não eram mais “predispostos” ao cativoiro do que índios, portugueses, ingleses ou qualquer outro povo arrancado de sua terra natal e submetido à vontade alheia, mas as semelhanças de sua herança cultural com as tradições europeias valorizando-nos aos olhos dos europeus. A suscetibilidade dos índios de todas as idades às doenças europeias aumentava o risco do investimento de tempo e capital para treiná-los em trabalhos artesanais ou de fiscalização. Naturalmente também os africanos sofriam nas condições ambientais do Brasil, mas as taxas de mortalidade entre os negros eram sempre encontradas entre os recém-chegados (boçais) e as crianças. Assim, tão logo um escravo se ambientava e ultrapassava a idade infantil, tinha grandes chances de sobrevivência e, portanto, de ser um investimento seguro.

Após 1560, com a ocorrência de várias epidemias no litoral brasileiro (como sarampo e varíola), os escravos índios passaram a morrer em proporções alarmantes, o que exigia reposição constante da força de trabalho nos engenhos. Na década seguinte, em resposta à pressão dos jesuítas, a Coroa portuguesa promulgou leis que coíbiavam de forma parcial a escravização de índios. Ao mesmo tempo, os portugueses

aprimoravam o funcionamento do tráfico negreiro transatlântico, sobretudo após a conquista definitiva de Angola em fins do século XVI. Os números do tráfico bem o demonstram: entre 1576 e 1600, desembarcaram em portos brasileiros cerca de 40 mil africanos escravizados; no quarto de século seguinte (1601-1625), esse volume mais que triplicou, passando para cerca de 150 mil os africanos aportados como escravos na América portuguesa, a maior parte deles destinada a trabalhos em canaviais e engenhos de açúcar (Alencastro, 2000, p. 69; Schwarcz, 1988).

Durante o avanço dos colonizadores no interior do Brasil, ocorreram confrontos frequentes com os povos indígenas devido a disputas territoriais e recursos naturais, resultando em violência e perdas significativas. Além disso, o contato com os europeus teve consequências devastadoras para a saúde dos indígenas, pois foram expostos a doenças como varíola, gripe e sarampo, para as quais não tinham imunidade, resultando em epidemias e grandes perdas populacionais (Almeida, 2019). No período inicial da colonização, os colonizadores subjugaram alguns grupos indígenas, obrigando-os a trabalhar nas plantações. Entretanto, essa abordagem revelou-se impraticável devido à resistência dos indígenas ao trabalho compulsório e às elevadas taxas de mortalidade causadas por doenças europeias. Diante disso, os colonizadores voltaram-se para o tráfico de escravos africanos como uma alternativa para suprir a demanda por mão de obra.

À medida que o contato entre europeus e indígenas se intensificava, houve casos de miscigenação, levando à formação de uma população mestiça conhecida como "caboclos", que representa a fusão das culturas indígena e europeia. Esse processo complexo de interação cultural moldou profundamente a história do Brasil, criando uma diversidade étnica e cultural única.

Até o século XVII, os indígenas constituíam a principal força de trabalho escravo, sendo amplamente empregados em engenhos no Brasil. No entanto, o crescimento econômico da indústria açucareira resultou em um aumento significativo da chegada de africanos, especialmente em regiões como Pernambuco (PE) e Bahia (BA). Segundo o historiador Schwartz (2018, p. 219), os nativos eram designados como "negros da terra" e tinham um custo até três vezes inferior em comparação com os escravos africanos. Por volta da década de 1570, um escravo indígena tinha um preço aproximado de 7 mil-réis, ao passo que um escravo africano custava cerca de 20 mil-réis.

O encontro entre europeus e indígenas no Brasil foi caracterizado por uma

mescla intrincada de interesse, exploração, confrontos, violência, assimilação cultural e tragédias humanas. Compreender essa história é essencial para analisar a estrutura da sociedade brasileira e os obstáculos enfrentados pelos povos indígenas ao longo dos anos e, em consequência, para compreender a história dos povos negros de origem africana no Brasil.

1.2 O TRÁFICO DE PESSOAS NEGRAS AFRICANAS PARA O BRASIL

Entre os séculos XVI e XIX, ocorreu o processo de importação de africanos como escravos para o Brasil. O tráfico transatlântico de escravos africanos para o Brasil teve início no século XVI para atender à demanda de trabalho nas colônias brasileiras. Os navios negreiros partiam principalmente das costas ocidentais da África, em áreas como a África Ocidental [Costa da Guiné], África Central [Congo e Angola] e África Oriental, formando as rotas conhecidas como "Tráfico Triangular", observados segundo (Castro, A., 2012, p. 17):

A África, onde são faladas mais de 2.000 línguas, é um continente que engloba quatro grupos etnolinguísticos ou quatro famílias de povos com suas línguas respectivas:

- Afroasiática, antes chamada de hamíto-semítica, são as línguas da África do Norte, compreendendo cinco subgrupos: semítico (o árabe e línguas etíopes); cuxítico (Somália); chádico (o hauçá, noroeste da Nigéria); berbere (Maghreb); egípcio antigo (em territórios do Nilo).
- Khoisan, dos povos Khoi e San, com suas línguas de clique, concentrados no deserto de Kalahari.
- Nilo-Saariana, com as línguas nilóticas do sul do Sudão e do Saara (kanure, songhai, maban...)
- Níger-Congo, a maior família linguística, com cerca de 1.500 línguas, abrange dois grandes grupos: o banto, localizado abaixo da linha do equador, e o que é a oesteafricano, ao longo da costa atlântica, que vai do Senegal à Nigéria, na região do Golfo do Benin, com línguas tradicionalmente denominadas de sudanesas. Entre elas, as do grupo linguístico gbe ou ewe-fon do Togo, Gana e Benin, antigo Daomé, conhecidas no Brasil por minas ou jejes, e o iorubá falado na Nigéria Ocidental e no vizinho reino de Ketu, no Benin atual, onde é chamada de nagô.

Os mercadores de escravos europeus, predominantemente portugueses, holandeses, ingleses e espanhóis, estabeleciam negociações com líderes locais africanos, capturando pessoas em conflitos tribais, expedições punitivas ou até mesmo comprando prisioneiros de guerra. Thompsell (2020, tradução nossa) argumenta que os comerciantes africanos não consideravam os indivíduos escravizados como "[...] seus próprios" devido às diversas afiliações sociais e políticas. A ausência de uma identidade africana unificada fazia com que os

escravizados de tribos rivais fossem percebidos como inimigos ou forasteiros, o que facilitava a venda desses indivíduos aos comerciantes europeus:

Uma coisa que muitos ocidentais se perguntam sobre os escravizadores africanos é por que eles estavam dispostos a vender seu próprio povo. Por que venderiam africanos para europeus? A resposta simples para essa pergunta é que eles não viam as pessoas escravizadas como "seu próprio povo". A negritude (como identidade ou marcador de diferença) era, naquela época, uma preocupação dos europeus, não dos africanos. Também não havia, nessa época, um senso coletivo de ser "africano." Em outras palavras, os comerciantes africanos de escravos não sentiam obrigação de proteger os africanos escravizados porque não os consideravam seus iguais (Thompson, 2020, tradução nossa).

Após serem capturados, os escravos eram frequentemente forçados a realizar longas marchas até os portos de embarque, enfrentando condições extremamente desumanas, incluindo escassez de alimentos, água e abrigo adequado durante o percurso. Nos portos africanos, eram confinados em fortes ou depósitos antes de serem levados a bordo dos navios negreiros. As condições nesses locais eram horrendas, levando muitos escravos a sucumbirem a doenças, fome ou exaustão antes mesmo de iniciar a viagem transatlântica. Rediker (2011) estuda o processo de venda dos escravos para as colônias do Novo Mundo, descrevendo como eles deixavam suas terras e eram transportados em condições desumanas nos porões dos navios negreiros, alcançando seu destino após meses de travessia.

Essa travessia, conhecida como "passagem do meio", era uma experiência cruel e desumana. Os escravos eram amontoados em compartimentos apertados e insalubres, onde não havia espaço adequado para todos se sentarem ou permanecerem em pé. A falta de higiene e a propagação de doenças pioravam ainda mais as condições. Na maioria dos navios, os escravos eram dispostos lado a lado, acorrentados, deitados em meio às suas próprias fezes, enfrentando um ambiente insuportável.

A poesia tem o poder de nos transportar para épocas e cenários distantes, nos permitindo vivenciar experiências e refletir sobre realidades que, por vezes, estão além da nossa compreensão imediata. Nesse sentido, o poema *Navio Negreiro*, escrito por Castro Alves⁵ (1986), emerge como uma obra que nos conduz por uma dolorosa jornada através da passagem do meio, um dos períodos mais sombrios da história da humanidade. Esta passagem, conhecida como a travessia nos navios

⁵ Trazemos ao longo do texto o nome do poeta como é mais conhecido, mas, nas Referências, entramos como ALVES, Castro.

negreiros, representa um capítulo terrível da história da escravidão, onde vidas humanas foram reduzidas à mercadoria em uma viagem marcada pela desumanidade e pela tragédia.

Neste contexto, o poema de Castro Alves (1986) descreve o ambiente dos navios, evoca as emoções, os horrores e os desafios enfrentados pelos africanos escravizados durante essa jornada angustiante. Ao adentrar nos versos desse poema emblemático, somos confrontados com a crueldade do comércio transatlântico de escravos e convidados a refletir sobre as profundas cicatrizes deixadas por essa página sombria da história:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
(Castro Alves, 1986, p. 277).

Durante a viagem do tráfico de africanos escravizados para o Brasil, a taxa de mortalidade era extremamente alta, devido a uma combinação de doenças, desnutrição severa e abusos físicos. As condições insalubres a bordo dos navios negreiros facilitavam a propagação de doenças infecciosas, enquanto a falta de alimentos adequados e água potável levava à desnutrição e desidratação. Além disso, os maus-tratos e a violência dos traficantes de escravos aumentavam o sofrimento e contribuíam significativamente para o número de mortes durante a travessia. Rodrigues (2018, p. 347) declara que a "[...] mortalidade média era de ¼ de todos os africanos embarcados". Alencastro (2000) descreve como era a travessia dos povos bantos:

Na região banto, os traficantes utilizavam os serviços dos *pombeiros*, homens negros e mestiços, que percorriam trilhas, adentrando territórios até alcançar as aldeias, por mais longínquas que fossem, a fim de negociar a troca com os sobas locais por quinquilharias, panos, armas, sal e açúcar, de indivíduos que estivessem ali mantidos na condição de escravos (homens, mulheres e crianças), por se tratar de prisioneiros de guerra ou acusados de crime ou ofensa ou pagos por dívidas. Escolhiam mulheres jovens, vigorosas, vistas como boas parideiras entre as “servidoras” do soba, alguns moleques e, de preferência, homens fortes, robustos, trabalhadores do campo e de habilidades manuais, como os ferreiros. Feita a “negociação”, eram levados, acorrentados por *libambos* (kimb. correntes de ferro) e marcados por

*carimbo*s de ferro em brasa (kimb. sinetes), para depósitos ou barracões localizados nos portos de Luanda e outros ao longo da costa de Angola, onde permaneciam à espera dos navios *tumbeiros* para o embarque transatlântico ou, então, para a ilha de São Tomé, que servia de entreposto na rota para as Américas (Alencastro, 2000, p. 52).

Os povos afro-brasileiros esculpiram um rico patrimônio cultural que desafia o silêncio imposto pela escravidão. A visão descrita na canção *No Tempo do Cativo*, interpretada por Mestre Boca Rica e Mestre Toni Vargas (No tempo [...], 2020), retrata a profunda dor e o sofrimento dos povos africanos sequestrados e traficados para o Brasil. A letra narra a brutalidade da travessia transatlântica em navios negreiros, onde os escravos eram amontoados em condições precárias, sujeitos a doenças, fome e violência, seja no tronco de pau ou no chicote, péssimas condições no cativeiro, trabalho forçado na lavoura:

No tempo do cativeiro
Como o senhor me batia
Eu rezava por nossa senhora, meu Deus!
Como as pancadas doíam

Trabalhava na lavoura
No açúcar e no cinzal
Nego era chicoteado
No velho tronco de pau
Quando cheguei na Bahia
A capoeira me libertou
E até hoje ainda me lembro
Das ordens do meu senhor

Trabalha negro, negro trabalha
Trabalha negro pra não apanhar
(No tempo [...]) (2020).

Ao chegarem ao Brasil, os escravos que haviam sobrevivido eram colocados em leilões públicos. Nesses eventos, potenciais compradores os examinavam, avaliando suas condições físicas e habilidades laborais. Esses leilões eram profundamente desumanos, tratando os escravos como mercadorias e concedendo aos compradores o poder de determinar o destino de suas vidas. Segundo Fausto (2013), o custo de aquisição de um escravo era tão alto que o colono precisava de 13 a 16 meses, o que significava que o trabalho do escravo, durante esse período, era direcionado exclusivamente para pagar o seu próprio custo de compra, podendo ainda contar com fatores que influenciavam o preço do escravo, como idade (adultos eram mais caros que crianças), sexo (homens geralmente valiam mais que mulheres), habilidades específicas (artesãos e especialistas em determinados ofícios tinham preços mais altos) e estado de saúde (escravos doentes ou debilitados valiam menos).

Esses escravos eram então destinados a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar, café, tabaco, algodão e outras plantações, além de serem empregados em minas de ouro e diamantes e em tarefas domésticas. Eles enfrentavam condições de trabalho extremamente brutais, desprovidos de direitos e sujeitos a castigos físicos severos, incluindo açoitamentos, torturas e, em alguns casos, execuções. Sobre o trabalho escravo nas plantações durante o Brasil Colônia, Rolnik (2006) afirma que:

O trabalho escravo nas plantações de cana-de-açúcar era caracterizado por longas jornadas de trabalho, condições precárias de saúde e higiene, violência física e psicológica, e poucas oportunidades de descanso e lazer. Essa realidade brutal levava à alta mortalidade dos escravos, à sua desumanização e à constante luta pela sobrevivência (Rolnik, 2006, p. 50).

A miscigenação no Brasil é um fenômeno marcante e complexo que reflete a diversidade cultural e racial do País. Resultante do encontro de povos indígenas, europeus colonizadores e africanos traficados como escravizados, a miscigenação começou durante o período colonial e continuou ao longo dos séculos, moldando a composição étnica e cultural da nação. Esse processo foi influenciado por uma variedade de fatores, incluindo o sistema escravista, o casamento inter-racial, a migração interna e as políticas de imigração no século XIX. A mistura de diferentes grupos étnicos resultou numa ampla gama de tons de pele, traços faciais e texturas de cabelo, criando uma riqueza de identidades dentro da população brasileira. Acerca dessa mistura racial, Alencastro (2000) esclarece:

Houve no Brasil um processo específico que transformou a miscigenação em simples resultado demográfico de uma relação de dominação e de exploração na mestiçagem, processo social complexo dando lugar a uma sociedade plurirracial. O fato de esse processo ter se estratificado e, eventualmente, ter sido ideologizado, e até sensualizado, não se resolve na ocultação de sua violência intrínseca, parte consubstancial da sociedade brasileira: em última instância, há mulatos no Brasil e não há mulatos em Angola porque aqui havia a opressão sistêmica do escravismo colonial, e lá não (Alencastro, 2000, p. 353).

O comércio de escravos através do Atlântico perdurou por séculos, resultando na estimativa de que milhões de africanos tenham sido transportados à força para o Brasil ao longo desse período. Esse processo de escravidão deixou um legado de injustiça, desigualdade e discriminação que continua a afetar a sociedade brasileira até os dias de hoje. É necessário e urgente recordar e ponderar sobre essa parte trágica do passado, de modo que possamos extrair lições dos erros anteriores e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária no presente e no futuro.

1.3 A INCORPORAÇÃO DAS LÍNGUAS AFRICANAS AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Durante o período colonial no Brasil, as línguas dos africanos, trazidas pelos escravizados, foram gradualmente integradas ao português, a língua oficial e predominante na colônia. Devido à diversidade de idiomas africanos e à necessidade de comunicação entre os escravizados e com os colonos, uma língua híbrida surgiu, misturando elementos do português com palavras e estruturas linguísticas africanas.

Com o tempo, especialmente em áreas do Brasil onde havia uma grande concentração de escravizados, começaram a surgir os chamados "crioulos", línguas nativas que se desenvolveram a partir da fusão do português com os idiomas africanos, usados como meio de comunicação entre os próprios escravos e, frequentemente, constituíam a única forma de comunicação disponível para eles. Sobre esse intercâmbio linguístico, Castro (2005) salienta que:

Nesse processo, o negro banto, pela antiguidade, volume populacional e amplitude territorial alcançada pela sua presença no Brasil colônia, como os outros, adquiriu o português como segunda língua, tornando-se o principal agente transformador da língua portuguesa em sua modalidade brasileira e seu difusor pelo território brasileiro sob regime colonial e escravista. [...] Ao encontro dessa matriz já estabelecida, assentaram-se os aportes do *ewe-fon* e do iorubá, menos extensos e mais localizados, embora igualmente significativos para o processo de síntese pluricultural brasileira, sobretudo no domínio da religião (Castro, 2005, p. 8).

Desse modo, o crioulo é uma língua rica em história e diversidade, especialmente no contexto brasileiro, no qual se formou como resultado do intenso intercâmbio linguístico entre os escravizados africanos e os colonos portugueses. Assim, a língua crioula facilitou a comunicação entre pessoas de diferentes origens linguísticas e se tornou uma expressão poderosa da identidade cultural dos afro-brasileiros, destacando-se como influência das raízes africanas na formação da sociedade brasileira.

Verifica-se então que a interação dos africanos com os falantes de português promoveu uma transferência de palavras e expressões das línguas africanas para o PB, além de certas características gramaticais, influenciando a estrutura do idioma. Sobre a interação dos povos escravizados no Brasil e o seu legado, segue a formulação provocativa de Kopytoff (1982, p. 221-222, tradução nossa):

A escravidão não deve ser definida como um status, mas sim como um processo de transformação de status que pode prolongar-se uma vida inteira

e inclusive estender-se para as gerações seguintes. O escravo começa como um estrangeiro social e passa por um processo para se tornar um membro. Um indivíduo, despido de sua identidade social prévia, é colocado à margem de um novo grupo social que lhe dá uma nova identidade social. A estraneidade, então, é sociológica e não étnica.

A cultura africana, junto a suas tradições, seus costumes e expressões linguísticas, foi preservada através da resistência cultural dos escravos. Esse fenômeno contribuiu para a influência contínua das línguas africanas no PB, resultando na formação de uma língua única com características distintas. O PB, assim moldado, é uma língua rica em diversidade, mantendo traços significativos da influência africana que perduram até os dias de hoje. É importante destacar que esse processo complexo de incorporação linguística variou em diferentes regiões do Brasil, resultando na formação de uma ampla gama de sotaques, dialetos e formas de falar ao longo do território.

1.4 BREVE RESUMO SOBRE AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA O NEGRO BRASILEIRO: DO BRASIL COLONIAL AOS DIAS ATUAIS

O resgate da história afro-brasileira é imperativo para compreender os reflexos presentes na LP do Brasil no século XXI. Essa tarefa é urgente, embora tenha sido historicamente negligenciada, especialmente sob a perspectiva dos escravizados e suas contribuições culturais. As variantes lexicais presentes na linguagem do povo brasileiro, assim como a cultura africana em geral, foram assimiladas e transformadas ao longo dos séculos, evidenciando a necessidade premente de trazer à luz essa história para uma compreensão mais profunda de nossa identidade linguística e cultural. Castro (2019, p. 99) afirma:

[...] os empréstimos africanos estão mais ou menos completamente integrados ao sistema linguística do português segundo os níveis de linguagem socioculturais, enquanto o português de Portugal (arcaico e regional) foi ele próprio africanizado, de certa maneira, pelo fato de uma longa convivência. A complacência ou resistência face a essas influências recíprocas é uma questão de ordem sociocultural, e os graus de mestiçagem linguística coincidem geralmente, mas não de maneira absoluta, com os graus de mestiçagens biológicas que se processam no Brasil.

As palavras originárias das línguas africanas foram assimiladas de maneira abrangente no sistema linguístico do português, apresentando variações de acordo com os contextos sociais e culturais. Simultaneamente, devido à convivência prolongada, o português de Portugal também foi moldado e, de certa forma,

africanizado por essa interação cultural contínua.

Após décadas de lutas, mostrou-se necessária a criação de leis que assegurassem o direito de igualdade de oportunidades de descendentes de escravizados, que, retirados de suas terras, tiveram direitos ceifados e, mesmo com todo esse cenário desfavorável, ainda foram protagonistas de feitos que hoje, após resgate de parte dessas histórias, são referendados.

Para compreender a necessidade de inclusão dos povos negros na educação brasileira, optamos por fazer um recorte histórico tomando como ponto de partida as últimas décadas do período escravista, anterior ao início da escolarização dos negros no Brasil, datada a partir de 1888. Essa escolha se deve ao fato de que existem registros de algumas práticas educacionais direcionadas aos escravizados, assim como da inclusão de negros libertos no sistema educacional formal durante o período do Império. Tais evidências explicam por que, nos primeiros anos da República, apenas um ano e meio após a abolição da escravidão, já havia intelectuais negros atuantes nos movimentos de reivindicação por mudanças sociais, especialmente no que diz respeito ao acesso da população negra à educação.

Em 1824, a Constituição Imperial (Brasil, 1824) estabeleceu a educação primária gratuita para todos os cidadãos, mas excluiu explicitamente os escravizados dos estabelecimentos oficiais de ensino, embora permitisse que populações negras libertas frequentassem essas instituições (Garcia, 2007). A promulgação da primeira lei nacional sobre instrução pública em 15 de outubro de 1827, embora tenha sido um marco na história da educação brasileira, não abordou a questão fundamental da inclusão dos negros no sistema educacional (Saviani, 1999).

Em 1834, um Ato Adicional reconfigurou a paisagem educacional do País, transferindo para as Assembleias Provinciais a responsabilidade de legislar sobre a instrução elementar. Esse momento foi essencial, pois descentralizou o poder de decisão, permitindo que as províncias brasileiras tivessem mais autonomia para determinar suas políticas educacionais (Saviani, 1999). Contudo, essa descentralização implicava que as políticas educacionais podiam divergir consideravelmente entre diferentes províncias, suscitando preocupações sobre a uniformidade e a igualdade no acesso à educação, especialmente para a comunidade negra.

As dificuldades enfrentadas pelas crianças negras na instituição escolar eram amplas e multifacetadas. A pobreza e a discriminação social e racial eram obstáculos

significativos. Falta de “vestimentas adequadas”, ausência de um adulto responsável para realizar a matrícula, dificuldades para adquirir material escolar e merenda, por exemplo, eram empecilhos enfrentados por alunos dessa origem para acessar a escola (Barros, 2005).

Em 1854, o Decreto nº 1.331-A, conhecido como Reforma Couto Ferraz (Brasil, 1854), tornou as escolas primárias e secundárias gratuitas na Corte, mas proibiu explicitamente a admissão de escravizados em escolas públicas do País (Araújo; Luzio, 2005). Discussões políticas sobre a Lei do Ventre Livre começaram na década de 1860 e continuaram até 1879. A partir de 1878, um decreto permitiu a matrícula de negros libertos maiores de quatorze anos nos cursos noturnos, e em 1879, a obrigatoriedade do ensino dos sete aos quatorze anos foi estabelecida (Domingues, 2007; Santana; Moraes, 2009).

A partir de 1889, intelectuais negros começaram a advogar pelos direitos da população negra, com a educação como uma demanda prioritária. Os primeiros grupos do Movimento Negro brasileiro emergiram sem um projeto ideológico e político definido, mas com uma agenda central em torno dos direitos dos homens de cor (Domingues, 2007). No início do século XX, a Reforma Rivadávia Correia, em 1911 (Brasil, 1911), introduziu exames admissionais e taxas nas escolas, limitando ainda mais o acesso à educação oficial (Garcia, 2007).

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), estabeleceu diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e representa um marco fundamental na legislação educacional brasileira. Em 2003, com a promulgação da Lei nº 10.639 (Brasil, 2003), a LDB foi alterada para incluir o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, buscando promover o respeito à diversidade cultural e combater o preconceito racial. Acrescenta ao calendário escolar a data de 20 de novembro para tratar questões sobre o “Dia Nacional da Consciência Negra”, e acrescenta o art. 26A nos incisos primeiro e segundo. Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro-Brasileira passam a ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (Brasil, 2003).

Posteriormente, em 2008, a Lei nº 11.645 (Brasil, 2008) expandiu essa inclusão, integrando também o ensino da cultura indígena no currículo escolar. Dessa forma, ao longo dos anos, essas leis têm trabalhado em conjunto para enriquecer o

sistema educacional brasileiro, incentivando o entendimento das diferentes culturas que compõem a identidade nacional e promovendo uma educação mais inclusiva e respeitosa com as diversidades étnicas e culturais do País. A LDB (Brasil, 1996) passou por várias modificações e ajustes com o intuito de assegurar o direito de acesso e permanência a diversos grupos étnicos que compõem a população brasileira. É notável a evolução e a adaptação dessa legislação para atender às necessidades educacionais de diferentes comunidades, promovendo a inclusão e a equidade no sistema educacional do País.

Neste contexto, nosso foco de pesquisa se direciona para a Lei nº 11.645 de 2008 (Brasil, 2008), que apresenta em seu texto a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, que em seu primeiro inciso apresenta:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008).

Essa legislação representa um marco, pois aborda questões importantes relacionadas à diversidade étnica brasileira, ampliando nossa compreensão sobre as políticas educacionais voltadas para a inclusão cultural e étnica no Brasil. Há, no entanto, muito a ser feito, pois apenas dedicar um dia no calendário ou incluir o conteúdo em disciplinas isoladas não é suficiente diante da magnitude do desafio.

Quanto, em especial, ao ensino da Língua Portuguesa, é urgente a necessidade de ampliar as pesquisas no campo lexical visando garantir que todos tenham acesso à extensão das contribuições dos povos de matriz africana para a LP brasileira. No contexto da busca pela igualdade social, como afirmado por Schwarcz (2009, p. 245):

É possível, portanto, pensar que no Brasil desenvolveram-se formas de sociabilidade diversas, nas quais a afirmação do igualitarismo das Luzes e dos Direitos dos Homens pode existir de maneira difusa por causa da “ausência da noção de direitos do cidadão [...] ‘os homens da lei’, que apenas teoricamente se afastavam desse debate, já que oficialmente defendiam a adoção de um Estado liberal no país, mas temerosos com os efeitos da Grande Guerra e da mestiçagem acelerada, ponderavam sobre a justeza de se ‘agir sobre o perfil de nossa população, composta por tantas raças desiguais, e talvez pouco preparada para o exercício da cidadania’”.

A ampliação das pesquisas no campo lexical da LP, com foco nas contribuições

dos povos de matriz africana, é uma medida necessária para combater o racismo estrutural e promover a igualdade social. Essa iniciativa exige a reformulação do ensino da LP, a descolonização do currículo escolar, a formação docente adequada, o incentivo à pesquisa e o diálogo permanente com a comunidade afrodescendente. Ao reconhecer a pluralidade linguística e cultural presente na LP do Brasil, podemos construir um ensino mais justo, inclusivo e valorizador da diversidade.

1.5 LUGARES NO BRASIL ONDE MAIS SE OBSERVA A INFLUÊNCIA AFRICANA NA COMPOSIÇÃO DAS PALAVRAS EM USO

O Brasil carrega em seu histórico uma narrativa cultural profundamente influenciada pela colonização, tema comumente explorado em obras didáticas. A tradicional concepção do "Descobrimento do Brasil" em 1500, frequentemente encontrada em livros didáticos, merece uma análise mais cuidadosa. É fundamental salientar que o termo "descobrimento" não deve ser interpretado literalmente, dado que as terras brasileiras já eram habitadas por povos indígenas muito antes da chegada dos europeus (Souza, 2019). O encontro entre essas culturas diversas marcou um ponto importante na história brasileira, estabelecendo complexas interações que moldaram profundamente a sociedade e a cultura do País (Oliveira, R., 2017).

A exploração das riquezas das terras brasileiras testemunhou a tragédia da tentativa de escravização dos índios, resultando em massacres e resistência indígena, e marcou o início de uma prática brutal e triste: o tráfico transatlântico de escravizados africanos. Entre os séculos XVI e XVIII, milhões de africanos foram traficados para o Brasil, destinados a trabalhar nas lavouras de café e nas minas, contribuindo significativamente para a economia do País (Schwarcz, 2018).

Além de sua força de trabalho, os africanos trouxeram consigo uma riqueza cultural inestimável. Sua influência reverbera em diversos aspectos da cultura brasileira: na dança, na música, na religião, na culinária, nos modos de vida e nas tradições mitológicas (Moura, 2019). Entre as contribuições mais notáveis, estão as influências linguísticas. Os africanos trouxeram consigo seus idiomas e dialetos, que gradualmente se mesclaram ao português do Brasil. Esse processo, conhecido como

crioulização⁶⁵ linguística, moldou a nossa língua, enriquecendo-a com uma variedade de palavras e expressões de origem africana (Mello, 2004).

Foi somente no século XX que a Linguística começou a dedicar uma atenção ao português falado no Brasil, incluindo o estudo das palavras de origem africana. Essas pesquisas ampliaram nosso entendimento sobre a diversidade linguística do País e destacaram a contribuição vital dos povos africanos na formação do PB, evidenciando a importância de suas línguas e dialetos na diversidade linguística do Brasil. Castro (2022) aponta, sobre a contribuição dos povos negros escravizados e a disseminação do português vernáculo:

Em consequência, portanto, da amplitude geográfica alcançada por essa distribuição humana, o negro-africano foi uma presença constante em todas as regiões do território brasileiro sob regime colonial escravista e responsável pela difusão do atual português vernáculo falado no Brasil. Em tempos mais modernos, essa atribuição deve-se à população negra brasileira, afrodescendente, ainda hoje vítima da falta de políticas públicas do Estado, e do preconceito sociorracial por parte da elite, não só de pele branca, do povo brasileiro (Castro, 2022, p.129).

Castro (1983) enfatiza que a contribuição africana para o português no Brasil se reflete no acréscimo de quase 200 palavras de origem africana incorporadas ao vocabulário cotidiano. Além disso, a autora acrescenta que há influências notáveis nos domínios da morfologia e da fonologia na língua falada no Brasil. Como já abordado, com o início do tráfico entre o Brasil e a África, houve uma interação linguística significativa. Assim,

Em linhas gerais podemos dizer que, iniciado o tráfico entre o Brasil e África no século XVI, observa-se a confluência do português europeu antigo e de falares africanos ao encontro de Línguas indígenas brasileiras (Castro, 1983, p. 96).

A presença de palavras como "bagunça", "cachaça" e "cochilar", todas com raízes em línguas africanas, revela contribuições culturais para o Brasil. No entanto, a invisibilidade da história por trás dessas palavras, que muitas vezes não é transmitida aos falantes nativos, contribui para a perpetuação de visões eurocêntricas da língua e da sociedade brasileira. Através da educação formal e informal, podemos descolonizar nosso conhecimento e reconhecer a ancestralidade africana presente no idioma, promovendo uma maior valorização da diversidade cultural e combatendo o racismo.

⁶ Processo pelo qual uma língua originada pelo contato de uma língua europeia com a língua nativa de uma região se torna língua materna de uma comunidade; passagem de um pidgin a crioulo.

O "sentido de pertencimento", ou a falta dele, refere-se à sensação de os estudantes afro-brasileiros e suas comunidades não se sentirem adequadamente incluídos na narrativa histórica e cultural apresentada nos livros didáticos e no ensino em sala de aula. A falta de conhecimento sobre a história, a cultura e as contribuições dos afro-brasileiros cria uma lacuna no sentimento de pertencimento desses indivíduos dentro do contexto educacional. A ausência de uma representação adequada desses aspectos na educação nacional leva a um questionamento fundamental sobre a identidade e conexão desses estudantes com a história de seu próprio país. Nesse sentido, acerca de sentido de pertencimento associado ao processo de escravização dos povos africanos para o Brasil, Castro (2022, p. 10) declara:

Eles não eram “os escravos africanos que vieram ou chegaram ao Brasil”, como ainda ensinam nossos manuais e livros didáticos, insinuando o falso pressuposto de que a escravização para o negro-africano era uma condição natural, de nascença. Eles tornaram-se *negros escravizados*, indivíduos trazidos à força para o Brasil, e não nasceram desumanizados por ter a cor da pele preta, fruto do ventre do porão de um navio negreiro, estampado na extraordinária e dramática imagem poética de Capinan, na canção “Yáyá Massemba”, na voz de Maria Bethânia. Nasceram humanizados, sim, do ventre de uma mulher africana, mãe negra que os pariu, amamentou, e lhes ensinou a falar palavras que não foram perdidas ao vento, no vazio, fossem elas de origem banto, ewe-fon ou nagô-yorubá. No Brasil, quando essas vozes começaram a falar a língua de Luís de Camões, o poeta maior da língua portuguesa seiscentista, transformaram-na no “berço esplêndido” do português brasileiro como território de pertencimento e de identidade nacional do seu povo.

Durante toda a história do Brasil, os povos africanos tiveram um impacto significativo no enriquecimento do vocabulário da LP. Embora a influência africana tenha se estendido por várias partes do Brasil, algumas regiões receberam contribuições linguísticas mais notáveis devido à alta concentração de populações africanas e às peculiaridades de suas culturas e línguas. Sobre os aportes negro-africanos no português, Castro (2022) sustenta que:

Se a profundidade sincrônica revela uma antiguidade diacrônica, datam desse período os aportes léxicos negro-africanos que estão de tal maneira integrados ao sistema linguístico do português que formam diferentes derivados portugueses a partir de uma mesma raiz, geralmente de base banto. Visto por outro plano, sincronicamente, a constatação desse fato já denuncia a maior antiguidade e a integração dos aportes linguísticos de substrato banto no português do Brasil. Esses aportes, no processo de integração morfológica e fonológica em contato com o português, sofreram a perda da tonalidade — as línguas subsaarianas são tonais — e viram os seus limites morfológicos (.) desaparecerem, como, por exemplo, no caso dos lexemas do banto, todos compostos de um conjunto prefixal (*pf*), de um radical (*rad*) e eventualmente de um sufixo (*sf*), reinterpretados como se

fossem formados de um radical único, enlarguecido (Castro, 2022, p. 119).

O Nordeste do Brasil recebeu uma grande quantidade de africanos escravizados, especialmente nas plantações de cana-de-açúcar. Cidades como Salvador (BA), Recife (PE) e Olinda (PE) destacaram-se como centros cruciais de trocas culturais e linguísticas, onde as influências africanas se refletiram no vocabulário e nas tradições culturais. Por outro lado, Minas Gerais, devido à mineração e à formação de quilombos, também recebeu contribuição dos povos africanos. Cidades históricas como Ouro Preto, Mariana, entre outras áreas de mineração, foram moldadas pelas línguas e culturas africanas.

O Rio de Janeiro, capital tanto do Brasil colonial quanto do Império, foi profundamente influenciado pela presença africana. A chegada de escravizados africanos à cidade enriqueceu o vocabulário carioca. Na Bahia, especialmente em Salvador, a influência dos povos africanos foi notável devido à sua história como ponto de entrada de escravizados, o que preservou diversas tradições culturais africanas na região. Em Pernambuco, em cidades como Recife e Olinda, a influência africana foi rica, especialmente devido às plantações de cana-de-açúcar. Nessas regiões nordestinas, as contribuições linguísticas dos africanos também foram significativas, graças à presença de plantações e atividades econômicas relacionadas à escravidão. O reconhecimento das contribuições africanas ao PB foi retardado, segundo Bagno (2016) em *O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro*, devido ao racismo:

Durante muitas e muitas décadas, o impacto dos falantes de origem africana sobre a formação do português brasileiro foi ou simplesmente negado ou reduzido a aspectos caricaturais, como as recorrentes listas de palavras de origem africana introduzidas na nossa língua. Só muito recentemente, menos de trinta anos na verdade, é que um novo impulso de pesquisa tem lançado luzes cada vez mais fortes sobre o que podemos agora chamar sem rodeios de origens africanas do português brasileiro ou, como sugere o título de um livro importante sobre o assunto, o português afro-brasileiro (Lucchesi, Baxter e Ribeiro, 2009). Cada vez mais autores reconhecem que as diferenças marcantes entre o português brasileiro e a língua da qual ele se originou — o português europeu em sua fase de transição do período medieval para o moderno — se devem primordialmente ao multilinguismo que caracterizou a história do Brasil na maior parte do período colonial. A dispersão pelo território brasileiro de milhões de negros escravizados, falantes de muitas línguas diferentes, não pode ter deixado de incidir fortemente sobre o desenvolvimento do português brasileiro (Bagno, 2016, p. 20).

É fundamental destacar que as influências linguísticas dos povos africanos não se restringiram a essas áreas específicas, mas se estenderam a outras partes do Brasil devido à migração, ao comércio interno e à interação cultural. Conforme declara

Castro (2022) acerca da diversidade de povos bantos dentro das senzalas:

É possível que esse *dialeto*, sob a forma de *dialetos rurais*, estendera-se em campos circunvizinhos ao encontro da “língua geral”, por efeito da interferência linguística banto num contexto multilíngue, consequência do largo alcance territorial da distribuição humana do povo banto durante o povoamento do Brasil colonial, bem demonstrado pelo lexema banto *quilombo* para denominar as inúmeras revoltas que foram por eles promovidas. Ao longo do tempo, o conjunto desses fatores de natureza histórica e etnolinguística, provavelmente, favoreceu a ampla ocorrência dos traços comuns que se mostram na variedade não padrão do português europeu dos falares rurais e da linguagem coloquial urbana em todo o território brasileiro, sobretudo entre a população menos escolarizada, sem implicar a necessidade de uma língua crioula como antecessora (Castro, 2022, p. 199).

A influência africana no vocabulário brasileiro é vasta e se reflete em termos, expressões, nomes de alimentos, animais, objetos e práticas religiosas, entre outros aspectos da cultura nacional. Essa influência é resultado da presença dos povos africanos, especialmente os de origem Banto e Iorubá, no Brasil desde o século XVI. A adaptação cultural e linguística desses africanos levou à assimilação de novas palavras, que passaram a compor a LP brasileira.

2 O LÉXICO: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

O léxico, enquanto componente fundamental da linguagem, representa o conjunto de unidades lexicais que compõem uma língua, abrangendo tanto palavras quanto expressões idiomáticas, neologismos e termos técnicos. A compreensão do léxico é essencial para a análise linguística, pois ele reflete a estrutura linguística, os aspectos socioculturais e históricos de uma comunidade de falantes. Este capítulo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o conceito de léxico, suas definições e implicações teóricas, bem como introduzir a especificidade do léxico afro-brasileiro.

Para abordar as discussões que permeiam o entorno do léxico, optamos pelas pesquisadoras Biderman (1996, 2001a, 2001b, 2001c) e Antunes (2005, 2007, 2012), em razão das contribuições que cada uma apresenta abordando questões relacionadas a significação, relações entre palavras e processos cognitivos.

Biderman (1996, 2001a, 2001b, 2001c), renomada pesquisadora brasileira, dedicou-se ao estudo do léxico. Ela considerava o léxico um elemento central da língua, sempre escrevendo “Léxico” com letra maiúscula para enfatizar sua relevância. Além de pesquisadora, também foi lexicógrafa, contribuindo para a elaboração e a publicação de diversos dicionários. Seu trabalho ajudou a consolidar as Ciências do Léxico no Brasil. Suas reflexões teóricas abordam aspectos metodológicos na elaboração de dicionários e a compreensão das palavras em seu contexto cultural e histórico. A autora também orientou várias dissertações de mestrado e teses de doutorado, influenciando uma nova geração de pesquisadores do léxico.

Por sua vez, Antunes (2005, 2007, 2012) concentrou-se na aplicação prática do léxico no ensino. Ela criticava a abordagem reduzida do léxico nas aulas de LP, considerando-o muitas vezes secundário e insuficientemente explorado. Sua pesquisa é intrinsecamente ligada à didática e à LA. Essa autora buscava formas eficazes de ensinar vocabulário aos alunos, tornando o léxico mais acessível e relevante em sala de aula. Enquanto Biderman focava a pesquisa teórica e a lexicografia, Antunes priorizava a prática pedagógica.

A combinação das teorias de Biderman (1996, 2001a, 2001b, 2001c) e Antunes (2005, 2007, 2012) oferece uma visão abrangente e humanizada do léxico, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades de análise linguística e consciência crítica da linguagem. O estudo do léxico sob essa perspectiva nos permite

compreender melhor a diversidade da linguagem humana, em especial, a afro-brasileira.

2.1 DEFINIÇÃO DE LÉXICO

Nesta subseção, analisamos as definições do léxico propostas por diferentes estudiosos, destacando suas colaborações para a linguagem e a comunicação. Exploramos as perspectivas individuais desses autores, cada um oferecendo uma compreensão particular sobre o léxico. O léxico, como o inventário de todas as unidades lexicais de uma língua, abrange palavras, relações e significados, sendo fundamental para a linguagem humana.

Para Biderman (2001c, p. 153), o léxico “[...] se relaciona com a cognição da realidade e com o processo de nomeação que se cristaliza em palavras e termos”. A autora destaca a importância do contexto na definição e no uso das unidades lexicais, enfatizando a interação entre significado e uso. No âmbito semântico, o léxico abrange o significado das palavras, as relações entre elas em diferentes contextos. A compreensão dos significados é fundamental para a interpretação precisa das mensagens, pois permite que os falantes decodifiquem as intenções e os sentidos por trás das palavras.

Em paralelo, o léxico também incorpora elementos pragmáticos, ou seja, as regras e convenções que orientam o uso das palavras em situações específicas. Essas regras determinam a escolha das palavras adequadas, a construção de frases coerentes e a adaptação da linguagem ao contexto social e cultural em que a comunicação ocorre. Sobre léxico, Biderman (2001b) esclarece que:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (Biderman, 2001b, p. 178).

A combinação de aspectos semânticos e pragmáticos no léxico permite que os

falantes se comuniquem de forma eficaz, transmitindo seus pensamentos, ideias e sentimentos com clareza e precisão. O léxico está intrinsecamente ligado à nossa compreensão da realidade e ao processo de nomeação, que se manifesta nas palavras e nos termos que usamos. Biderman (2001b) compara o universo conceitual de uma língua a um sistema organizado e estruturado de categorias – o que nos leva a supor que, na sala de aula, a compreensão do léxico é fundamental para desenvolver habilidades de comunicação, leitura e escrita, permitindo que os alunos expressem suas ideias de maneira mais precisa e eficaz. Ao dominar o léxico, os indivíduos ampliam suas possibilidades de expressão, enriquecem seu repertório linguístico e constroem pontes de comunicação mais sólidas.

A LP, como um organismo vivo em constante mutação e atualização (Antunes, 2012), reflete as mudanças sociais, culturais e tecnológicas de forma dinâmica. Nesse contexto, as palavras de origem africana que compõem o léxico brasileiro também sofrem transformações ao longo do tempo. Sobre léxico, Antunes (2005) acrescenta que:

O léxico é um componente essencial da língua, abrangendo todas as palavras e expressões utilizadas pelos falantes, incluindo as variantes regionais e contextuais. Como um espelho da cultura, o léxico reflete a história e a memória de um povo, sendo influenciado por fatores históricos, sociais e culturais (Antunes, 2005, p. 47).

As palavras de origem africana, presentes no PB desde a época da colonização, foram gradualmente incorporadas à língua. Muitas delas, ao longo dos séculos, sofreram adaptações fonéticas, semânticas e ortográficas, fundindo-se ao léxico geral da língua. Ferreira (1986) apresenta as palavras "candomblé", da língua iorubá "candomblé", que significa "casa de dança"; "capoeira", da língua banto "kapoera", que significa "dançar em roda"; "samba": da língua banto "samba", que significa "dançar ao som de tambores". Essas mudanças demonstram a vitalidade do léxico, que se adapta às novas realidades e reflete a riqueza cultural da Língua Portuguesa.

Sob a perspectiva de Antunes (2005, 2007, 2012), podemos afirmar que léxico é um componente essencial da língua, engloba a totalidade de palavras e expressões utilizadas pelos falantes, incluindo as variantes regionais e contextuais. Como um espelho da cultura, o léxico reflete a história e a memória de um povo, sendo moldado por fatores históricos, sociais e culturais. As palavras, em constante evolução, são pontes que nos conectam ao passado, ao presente e ao futuro, transmitindo saberes

e experiências. O léxico é um retrato fiel da cultura, revelando costumes, crenças, valores e visão de mundo de um povo.

Embora as abordagens e as perspectivas dos estudiosos citados apresentem enfoques e particularidades, suas definições de léxico convergem em pontos fundamentais. Para todos, o léxico constitui o conjunto de palavras e expressões que compõem uma língua, englobando o vocabulário em uso comum, suas variações morfológicas e semânticas. Além disso, reconhecem a natureza dinâmica do léxico, que evolui e se adapta conforme as necessidades comunicativas e contextuais dos falantes. A dimensão sociocultural é igualmente ressaltada, evidenciando que o léxico reflete a riqueza e a diversidade cultural de uma comunidade linguística. Essas definições sublinham a complexidade e a importância do léxico, tanto como um inventário de unidades lexicais quanto como um fenômeno em constante transformação, influenciado por fatores históricos, sociais e culturais.

No âmbito da LP, o léxico abrange desde termos técnicos e científicos até expressões coloquiais e gírias, englobando um universo de palavras que se articulam e se transformam ao longo do tempo. Conclui Biderman (2001a, p. 178): “[...] ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico”.

É importante ressaltar que o léxico não se confunde com o vocabulário individual de um falante. O vocabulário representa o conjunto de palavras que um indivíduo domina e utiliza em seu cotidiano, sendo apenas uma pequena fração do léxico total da língua. Biderman (1996, p. 32) diferencia: “[...] léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades”. Cada palavra no léxico possui características próprias, como sua classe gramatical, categoria semântica, frequência de uso e etimologia – a origem histórica da palavra.

O léxico afro-brasileiro constitui uma parte vital do PB, refletindo a influência das línguas africanas trazidas pelos povos escravizados durante o período colonial. Assim, examinamos aqui características e particularidades do léxico afro-brasileiro, abordando suas origens, os processos de incorporação e adaptação ao português, e seu impacto na identidade cultural e linguística do País. Através da análise de palavras e expressões de origem africana, torna-se possível entender como essas contribuições enriqueceram o vocabulário brasileiro, integrando-se de forma indelével ao nosso cotidiano e manifestando-se em diversos âmbitos, como a culinária, a

religião, a música e outras práticas culturais.

2.2 O LÉXICO AFRO-BRASILEIRO

Este subtítulo se concentra na especificidade do léxico afro-brasileiro, explorando suas origens, influências culturais e sociais, e sua importância na constituição da identidade linguística brasileira. São analisados os processos de incorporação e adaptação de palavras de origem africana no português do Brasil, além de estudos de caso que ilustram a riqueza e a diversidade desse léxico.

Conforme já dito, o léxico afro-brasileiro, como um caleidoscópio de palavras e expressões vibrantes, reflete a influência da cultura africana na formação da LP no Brasil. Essa contribuição linguística, enraizada em diversas línguas africanas, principalmente iorubá, banto e quimbundo, transcende o mero vocabulário, constituindo-se como um testemunho vivo da história e da cultura afro-brasileira (Silva, 2001).

Assim, as palavras de origem africana, como notas musicais em uma sinfonia, foram incorporadas ao PB ao longo dos séculos, através do contato direto entre falantes de diferentes línguas, do processo de crioulização e da influência cultural africana em diversos aspectos da vida social brasileira (Castro, Y., 2012).

2.3 ORIGENS E INFLUÊNCIAS CULTURAIS

O léxico afro-brasileiro é um misto de palavras e expressões que refletem a influência da cultura africana na formação da Língua Portuguesa no Brasil. Essa herança linguística tem suas raízes em diversas línguas africanas, principalmente iorubá, banto e quimbundo, trazidas ao Brasil pelos povos africanos que foram escravizados durante o período colonial.

O reconhecimento e a valorização do léxico afro-brasileiro são imprescindíveis para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao reconhecer a contribuição africana na formação da Língua Portuguesa brasileira, celebramos a diversidade cultural e linguística que compõe a identidade do nosso País (Carvalho, 2019).

O estudo do léxico afro-brasileiro nos permite compreender melhor a história e a cultura do Brasil, além de enriquecer nosso vocabulário e nossa capacidade de

expressão (Silva, 2001).

2.4 PROCESSOS DE INCORPORAÇÃO E ADAPTAÇÃO

Como já mencionado, as palavras de origem africana foram incorporadas ao PB através de diversos processos, que abordamos a seguir.

O contato direto entre falantes de português e de diversas línguas africanas durante o período colonial foi um fator fundamental para a incorporação de palavras africanas ao português brasileiro. Essa interação linguística permitiu o intercâmbio de vocabulário e a adaptação das palavras africanas ao sistema fonético e gramatical do português (Carvalho, 2019).

A crioulização, entendida como o processo de formação de uma nova língua a partir do contato intenso entre línguas diferentes, foi um dos mecanismos que permitiram a incorporação de elementos lexicais, fonológicos e sintáticos das línguas africanas ao português brasileiro. Essa influência é perceptível em palavras do cotidiano, na musicalidade da fala e em construções gramaticais típicas do português falado no Brasil (Avelar; Galves, 2014, p. 243).

A influência cultural africana em diversos aspectos da vida social brasileira, como a culinária, a música, a religião e as artes, possibilitou a integração de palavras africanas ao PB. Palavras relacionadas a essas áreas culturais, como "acarajé", "samba" e "macumba", ilustram a profunda influência da cultura africana na Língua Portuguesa falada no Brasil (Souza; Guasti, 2018).

Palavras como "capoeira", "acarajé", "dendê", "macumba" e "samba" exemplificam a integração da cultura africana à LP e à identidade brasileira (Silva, 2001; Carvalho, 2019).

As palavras de origem africana que foram incorporadas ao português brasileiro sofreram diversas adaptações para se adequar ao sistema linguístico português. Tais adaptações ocorreram nos níveis fonético, semântico e gramatical, demonstrando a plasticidade da língua e a influência cultural africana na formação do português brasileiro.

As adaptações fonéticas referem-se às mudanças nos sons das palavras africanas ao serem incorporadas ao PB – mudanças que podem ser explicadas por diversos fatores, como a diferença entre os sistemas fonológicos das línguas africanas e do português, a influência da pronúncia dos falantes portugueses e a necessidade de adequar as palavras à sonoridade do PB. Seguindo as transformações lexicais

ocorridas, podemos nos atentar a quilombo, que possui origem banto "kilombo", com adaptação da consoante final (Silva, 2001, p. 28); samba, de origem banto "samba", com adaptação da consoante inicial (Carvalho, 2019, p. 12); e macumba, que é de origem banto "makumba", com adaptação da consoante inicial e da vogal final (Silva, 2001, p. 30).

As adaptações semânticas referem-se às mudanças no significado das palavras africanas ao serem incorporadas ao PB, alterações as quais podem ocorrer por diversos motivos, como a necessidade de adaptar o significado ao contexto cultural brasileiro, a influência da LP ou a evolução do significado original ao longo do tempo. As adaptações semânticas observadas têm destaque para moqueca: origem iorubá "mókèka", que significa "comida cozida", com ampliação do significado no português brasileiro (Silva, 2001, p. 32); candomblé, de origem banto "kandomblé", que significa "casa de dança", com mudança de significado no português brasileiro (Carvalho, 2019, p. 15); e atabaque: origem iorubá "àtàbakè", que significa "tambor", com mudança de significado no português brasileiro (Silva, 2001, p. 34).

As adaptações gramaticais referem-se às mudanças na flexão e na estrutura das palavras africanas ao serem incorporadas ao português brasileiro. Essas mudanças são necessárias para que as palavras se adéquem às regras gramaticais do português, como a concordância de gênero e número, a conjugação de verbos e a formação de palavras compostas. Gramaticalmente, atentamos às palavras capoeira de origem banto "kapoera", com adição do artigo feminino "a" e da terminação "-a" para indicar gênero feminino (Silva, 2001, p. 36); afoxé, de origem iorubá "àfòṣé", com adição do artigo masculino "o" para indicar gênero masculino (Carvalho, 2019, p. 18), malandro, de origem banto "malandro", com flexão de gênero e número para se adequar ao português brasileiro (Silva, 2001, p. 38).

As adaptações fonéticas, semânticas e gramaticais das palavras africanas ao PB demonstram a dinâmica e a flexibilidade da língua, que se transforma e se enriquece com o contato entre diferentes culturas. Essas adaptações são essenciais para a compreensão da história e da cultura afro-brasileira, além de contribuir para a diversidade linguística do português brasileiro.

A riqueza e a diversidade do léxico afro-brasileiro podem ser observadas em diversos estudos de caso. Palavras como "capoeira", "acarajé", "dendê", "macumba" e "samba" são apenas alguns exemplos de como a cultura africana se integrou à Língua Portuguesa e à identidade brasileira.

A análise de expressões como "malandro", "moleque" e "menino" como sinônimos demonstra como palavras de origem africana podem assumir novos significados e variações no contexto brasileiro, refletindo as relações sociais e culturais do País. No Brasil, "malandro" frequentemente se refere a uma pessoa que vive de maneira astuta e esperta, muitas vezes evitando o trabalho árduo e usando a esperteza para tirar vantagem de situações ou de outras pessoas. Essa definição tem raízes no imaginário cultural brasileiro, especialmente associado ao samba e à malandragem carioca, em que o malandro é visto como um personagem arguto, charmoso e cheio de artimanhas. Historicamente, o malandro é uma figura associada ao subúrbio e à boêmia do Rio de Janeiro no início do século XX. Ele é visto como alguém que desafia as normas sociais e vive de pequenas trapagens, sempre de maneira engenhosa. A figura do malandro é apresentada em diversas músicas, filmes e peças de teatro no Brasil, simbolizando resistência e criatividade na adversidade.

Em um sentido mais pejorativo, "malandro" pode descrever alguém que age de maneira desonesta ou aproveitadora, enganando os outros para benefício próprio. Neste caso, o termo pode apresentar uma forte carga negativa, implicando falta de ética e moralidade. No uso coloquial, chamar alguém de malandro pode também ser uma forma leve e até carinhosa de reconhecer a esperteza e a sagacidade da pessoa, sem necessariamente atribuir uma conotação negativa.

A palavra "moleque" tem origem no termo de origem africana "muleke", que era usado para se referir a meninos escravizados no Brasil colonial. Com o tempo, o termo evoluiu e se incorporou ao português brasileiro, adquirindo novas conotações. A palavra "moleque" possui múltiplas conotações e significados, que variam conforme o contexto em que é utilizada. Em muitos contextos informais no Brasil, "moleque" é utilizado para se referir a um menino ou garoto, geralmente de maneira afetuosa ou casual. Pode ser sinônimo de criança do sexo masculino, sem implicações negativas. Em outras situações, "moleque" pode descrever alguém, geralmente um menino ou jovem, que é travesso, arteiro ou danado, implicando comportamento indisciplinado ou desobediente. "Moleque" também pode ser usado de forma pejorativa para se referir a alguém que é considerado malcomportado, irresponsável ou imaturo, independentemente da idade.

A palavra "menino" é uma forma mais direta e universal de se referir a uma criança do sexo masculino. Diferentemente de termos como "moleque," que podem ter conotações variadas dependendo do contexto, "menino" é geralmente neutra e

clara. Em seu sentido mais básico e universal, "menino" refere-se a uma criança do sexo masculino. É um termo amplamente aceito e utilizado em contextos formais e informais. Diferentemente de termos como "moleque," que podem ter conotações específicas ou pejorativas, "menino" tende a ser mais neutro e afetuoso, sem implicar comportamento travesso ou desobediente. Em diferentes regiões do Brasil, "menino" pode ser utilizado de formas ligeiramente diferentes, mas sua essência como termo para uma criança do sexo masculino permanece consistente.

Analisando outra palavra, temos que, no período do Brasil colonial, o termo "bá" era frequentemente utilizada para se referir às amas-de-leite, geralmente mulheres negras escravizadas, responsáveis por amamentar e cuidar dos filhos de seus senhores. Essas mulheres desempenhavam um papel crucial nas casas grandes, sendo encarregadas não apenas da alimentação, mas também dos cuidados diários e da educação inicial das crianças brancas da elite colonial. A relação entre a ama-de-leite e as crianças de quem ela cuidava era muitas vezes próxima e afetuosa, e a designação "bá" refletia essa intimidade e o papel materno que essas mulheres assumiam na vida das crianças, apesar das circunstâncias opressivas da escravidão. Assim, a figura da "bá" simboliza tanto a contribuição inestimável das mulheres negras na sociedade colonial quanto a complexa dinâmica de poder e afeto que caracterizava essas relações.

A palavra "babá" tem uma origem profunda e significativa no português afro-brasileiro, derivada do iorubá, uma das línguas africanas trazidas ao Brasil pelos escravizados. No iorubá, "babá" significa "pai" ou "pai mais velho", mas no contexto brasileiro, especialmente no português afro-brasileiro, a palavra foi adaptada para designar uma cuidadora de crianças. Essa evolução semântica reflete a importância cultural e social das tradições africanas na formação da língua e da cultura brasileiras. A forma reduzida "bá", frequentemente usada de maneira afetuosa por crianças, preserva essa herança linguística e cultural. Assim, tanto "babá" quanto "bá" são testemunhos da influência africana no vocabulário brasileiro, demonstrando como a Língua Portuguesa no Brasil foi enriquecida por essas contribuições culturais.

Palavras como "capoeira" (dança e luta brasileira de origem africana), "acarajé" (bolinho de feijão frito típico da culinária baiana), "dendê" (azeite de palma utilizado na culinária afro-brasileira), "macumba" (religião afro-brasileira) e "samba" (ritmo musical afro-brasileiro) exemplificam a integração da cultura africana à Língua Portuguesa e à identidade brasileira (Silva, 2001; Carvalho, 2019). A análise de expressões como

"malandro" (indivíduo astuto e esperto), "moleque" (jovem ou menino) e "babá" revela como palavras de origem africana podem assumir novos significados e variar no contexto brasileiro, espelhando as relações sociais e culturais do País (Silva, 2001).

2.5 IMPORTÂNCIA NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Estudar, reconhecer e valorizar o léxico afro-brasileiro nos possibilita compreender melhor a história e a cultura do Brasil, enriquece nosso vocabulário e nossa capacidade de expressão, além de apresentar um vasto campo de pesquisa a ser explorado. A investigação sobre a história e a etimologia das palavras, a análise de sua presença em diferentes gêneros textuais e a compreensão de suas nuances socioculturais são apenas alguns exemplos de temas que podem ser aprofundados em pesquisas futuras (Carvalho, 2019).

O aprofundamento do estudo do léxico afro-brasileiro permitirá uma compreensão mais abrangente da história, da cultura e da identidade brasileira, promovendo o diálogo intercultural e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva (Silva, 2001).

Durante o período colonial brasileiro, a chegada dos africanos escravizados teve um impacto profundo na formação da sociedade e da cultura do País. Esses indivíduos trouxeram consigo uma riqueza de experiências, línguas, crenças e tradições, que se entrelaçaram com as realidades já existentes no Brasil. Os africanos da África Ocidental constituíam uma parcela significativa dos escravizados trazidos para o Brasil, pertencendo a diversas etnias e culturas, como Yoruba, Ashanti e Mandinga. Suas características distintas influenciaram profundamente a formação da identidade afro-brasileira.

Os Yoruba, originários da região que hoje compreende a Nigéria e o Benin, trouxeram consigo uma tradição religiosa, com divindades (orixás) e rituais que se fundiram com elementos indígenas e europeus no Brasil. Os Ashanti, provenientes da atual Gana, eram conhecidos por sua organização social, seu artesanato e habilidades agrícolas, deixando influências na música e na dança afro-brasileira. Já os Mandinga, originários da região que abrange Guiné, Senegal e Mali, trouxeram consigo uma tradição oral rica em histórias e poesia.

Além disso, os bantos, vindos principalmente de Angola, Congo e Moçambique,

também desempenharam um papel fundamental na diáspora africana para o Brasil. Sua língua influenciou o vocabulário e a fonética do PB, e a religião de matriz africana, o candomblé, tem raízes bantas. A cerâmica, a tecelagem e as práticas agrícolas dos bantos também deixaram marcas na cultura material brasileira.

3 INTERAÇÕES ENTRE LINGUÍSTICA APLICADA, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA NA LÍNGUA PORTUGUESA

A Linguística Aplicada, como campo de estudo voltado para a aplicação prática dos princípios linguísticos em situações do mundo real, oferece uma lente valiosa para examinar a linguagem em ação no estudo das palavras de origem africana na LP. Promovendo diálogos entre teoria e prática, acerca da confluência de línguas negro-africanas com o português europeu antigo, Castro (2001) afirma que:

Iniciado o tráfico entre Brasil e África, já na primeira metade do século XVI observou-se a confluência de línguas negro-africanas com o português europeu antigo. A consequência mais direta desse contato linguístico e cultural foi a alteração da língua portuguesa na colônia sul-americana e a subsequente participação de falantes africanos na construção da modalidade da língua e da cultura representativas do Brasil (Castro, 2001, p. 4).

A LA, como disciplina interdisciplinar, investiga o significado e a estrutura das palavras, assim como analisa de que forma essas palavras são adquiridas, usadas e ensinadas em contextos reais, podendo promover uma conexão intrínseca com a riqueza linguística e cultural trazida pelos africanos ao Brasil.

Assim, no âmbito da LA, estudiosos exploram as estratégias de ensino para palavras de origem africana, reconhecendo a importância de transmitir seu significado e contextualizá-las historicamente. A análise dessas palavras, sua pronúncia e variação regional são temas de estudo vitais. Educadores de LP, ao aplicar princípios da LA, podem desenvolver métodos pedagógicos que ajudam os alunos a entenderem a relevância cultural dessas palavras.

A variação linguística oriunda do uso da linguagem é um dos pontos centrais de investigação da LA, e o seu estudo consiste em compreender como essas palavras se adaptam em diferentes regiões e contextos sociais; como a variação dialetal e social influencia a pronúncia e o significado das palavras. Trata-se de questões importantes que a LA aborda, oferecendo entendimentos aos educadores que buscam ensinar essas palavras de maneira autêntica e contextualizada. Nesse contexto, conforme Naro (1981, p. 64):

As variantes populares tendem a acontecer com mais frequência na fala de pessoas com níveis socioeconômicos mais baixos, enquanto as variantes-padrão, frequentemente, são encontradas mais na fala das pessoas que possuem níveis socioeconômicos mais altos, bem como no rádio e na televisão, etc.

Tendo em vista as interações entre LA e o estudo das palavras de origem africana, tema desta pesquisa, algumas questões surgem: como esses aprendizes percebem e internalizam essas palavras? Quais são as estratégias mais eficazes para facilitar a compreensão e o uso dessas palavras? A LA contribui para a formulação de abordagens pedagógicas sensíveis e inclusivas, assegurando que todos os alunos possam apreciar a riqueza do léxico da língua, independentemente de sua origem cultural?

A variante semântico-lexical, que diz respeito ao significado e à utilização das palavras em diferentes contextos sociais e culturais, ganha especial destaque nessa análise. Compreender como os povos de matriz africana contribuíram para a expansão e enriquecimento do nosso léxico é uma maneira de reconhecer e valorizar suas vivências, saberes e expressões linguísticas, para Mattos e Silva (2004, p. 93):

[...], com base em fatores sócio-históricos ou da história social brasileira, a “voz” africana e dos afrodescendentes, adquirindo necessariamente a língua dos colonizadores, a portuguesa, como língua segunda, na oralidade do cotidiano diversificado e multifacetado, sem o controle normativizador explícito da escolarização, reestruturou o português europeu, que no Brasil começa a chegar em 1500 e sucessivamente ao longo do período colonial e, no século XIX, em contingentes significativos, com a emigração.

Ao explorar as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para a cultura brasileira, evidenciamos a relevância do aspecto sociolinguístico desta pesquisa. Compreender como essas palavras e expressões se entrelaçam com o contexto social, as identidades e as práticas comunicativas dos falantes é fundamental para o entendimento de que o léxico afro-brasileiro não se limita a um conjunto de palavras, sendo um pilar na luta contra o racismo linguístico, que nada mais é do que a desvalorização, a invisibilidade e a marginalização de palavras, expressões e variedades linguísticas de origem africana presentes no PB. A compreensão e o estudo dessas contribuições, principalmente o âmbito escolar, possibilitam a construção de uma sociedade mais justa e intercultural.

3.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Variação linguística refere-se às diferentes formas que uma língua pode assumir, tanto em termos de sons (fonologia), estrutura gramatical (sintaxe) e significado (semântica), quanto em termos de vocabulário (lexicologia) e estilo (registro), entre outros aspectos linguísticos. Tais variações podem ocorrer por uma

série de motivos, como diferenças regionais, sociais, históricas e contextuais. Em suma, a variação linguística reconhece que não existe uma única forma "correta" de falar uma língua, e sim uma variedade de formas que são social e culturalmente determinadas, sendo todas igualmente válidas dentro de seus contextos específicos. A interconexão entre a variação linguística e a norma culta constitui um aspecto essencial da investigação linguística avançada, enriquecendo nossa compreensão das complexidades inerentes ao uso da língua em diferentes contextos sociais e culturais. A variação linguística, um fenômeno inevitável em todas as línguas, reflete a diversidade intrínseca das comunidades linguísticas. Ela se manifesta por meio de diferentes dialetos, registros, sotaques, entre outros traços linguísticos influenciados por fatores socioculturais, geográficos e históricos. Acerca de norma culta e popular, no que tange à formação linguística brasileira, no período colonial, Lucchesi; Baxter e Ribeiro (2009, p. 42) afirmam que:

A norma culta seria, então, constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania e é tributária, enquanto norma linguística, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império; modelos esses decalcados da língua da Metrópole portuguesa. A norma popular, por sua vez, se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população, alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social. Na medida em que grande parte de seus antepassados eram "peças" (seres humanos reduzidos à condição de coisa, para usufruto de seus senhores), deve-se pensar que esses falares se formaram no grande cadinho que fundiu, na fornalha da escravidão em massa, as etnias autóctones e as etnias africanas na forma do colonizador europeu. Dessarte, se é uma variedade da língua do colonizador a que se impõe na fala dos segmentos sociais aí formados, não se pode deixar de perceber as marcas de sua aquisição precária e de sua nativização mestiça.

No ensino da LP, é necessário que os professores compreendam a complexidade da língua para além das regras gramaticais tradicionais. Uma reflexão acerca do estudo dos fenômenos linguísticos no ambiente escolar encontra-se presente em Cook-Gumperz (1987, *apud* Bortoni-Ricardo, 2005, p. 119):

O estudo de fenômenos linguísticos no ambiente escolar deve buscar responder a questões educacionais. Estamos interessados em formas linguísticas somente na medida em que, por meio delas, podemos obter uma compreensão dos eventos de sala de aula e, assim, da compreensão que os alunos atingem. Nosso interesse reside no contexto social da cognição, em que a fala une o cognitivo e o social.

A língua não é estática, ela evolui e se adapta aos diferentes contextos sociais e culturais. Nesse sentido, os professores devem reconhecer que as variações

linguísticas são parte integrante do processo comunicativo. Compreender que diferentes comunidades e situações propiciam variações naturais na língua é essencial para evitar preconceitos linguísticos e promover uma abordagem inclusiva no ensino. Nesse sentido, “[...] a escola deve empenhar-se também no estudo do léxico, do vocabulário da língua”, conforme Antunes (2007, p. 65). Cada variante linguística é legítima em sua própria esfera e deve ser valorizada, permitindo aos estudantes desenvolverem habilidades linguísticas sólidas enquanto respeitam e apreciam a diversidade linguística que enriquece nossa sociedade.

Em termos práticos, ao considerar as variações linguísticas relacionadas às palavras de origem africana na LP, é importante observar a variação diatópica, que destaca as diferenças regionais na pronúncia, no significado e no uso dessas palavras. Por exemplo, termos como "candomblé" e "quilombo" podem ser mais comuns em certas regiões do Brasil, enquanto em outras podem ser menos utilizados ou ter significados ligeiramente diferentes. Quanto ao significado de quilombo, Santos (2018) destaca que:

A palavra quilombo significa aldeia e agrupamento, mas também pode significar o corpo e o pensamento que não se reconhece como propriedade do outro. O quilombo atualiza-se no corpo, com novos sentidos e significados que circulam nas escolas de samba (como a Vai-Vai), nas casas de candomblé e umbanda, nos bailes black, na produção de uma imprensa negra, numa literatura afro-brasileira e nas congadas festejadas em vários estados brasileiros.

Além disso, a variação diastrática revela como o contexto social influencia a interpretação e o uso dessas palavras. Por exemplo, o termo "axé", que originalmente se refere à energia positiva na religião afro-brasileira, pode ser entendido de maneira diferente em diferentes contextos sociais, dependendo da classe social, da idade ou da formação educacional do falante, conforme afirma Santos (2018), quando se refere à mudança do contexto cultural e às mudanças que recaem nas palavras:

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais, não é possível perdê-la, a mudança de um contexto cultural para outro acompanha adaptações e recriações dadas em palavras, por isso podemos falar num movimento de antropofagia simbólica no lugar de uma simples assimilação de palavras e práticas (Santos, 2018).

A variação diafásica também é relevante ao considerar como o registro de linguagem influencia a interpretação das palavras de origem africana. Por exemplo, o uso de termos como "capoeira" e "macumba" pode ser mais comum em contextos

informais ou coloquiais do que em situações formais. O estigma e o preconceito associados a certas palavras podem ter um impacto significativo na comunicação. Devido à intolerância religiosa e ao preconceito, palavras como “macumba” podem carregar conotações negativas, visto que, segundo Lopes (2011, p. 221), pode-se referir a festança “[...] com cânticos e soar de tambores; festa de negros, com música e comida farta”. Em situações mais informais, como conversas entre amigos ou em comunidades afro-brasileiras, há maior flexibilidade no uso dessas palavras. No entanto, em contextos mais padronizados, as pessoas tendem a usar um registro mais neutro e evitar termos específicos de grupos culturais ou religiosos.

A variação estilística demonstra a flexibilidade da linguagem, pois as pessoas ajustam seu discurso de acordo com o contexto, alternando entre estilos formais e informais para se adequarem a diferentes situações. Bortoni-Ricardo (2004) inclui a ideia de adequação linguística, enfatizando a importância de ensiná-la aos alunos. Isso visa conscientizá-los sobre as disparidades linguísticas, permitindo que desenvolvam a capacidade de monitorar e ajustar seu próprio estilo.

Por fim, a variação diacrônica nos permite entender como as palavras de origem africana foram incorporadas e modificadas ao longo do tempo na LP. Por exemplo, termos como “berimbau” e “mingau” podem ter sofrido alterações fonéticas e semânticas desde sua introdução no Brasil durante o período colonial, refletindo mudanças históricas na língua e na sociedade. Nesse sentido, Santos (2018) declara que:

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes, essa é a história da língua portuguesa em solo brasileiro, ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não a impediu de acolher uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporar um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas (Santos, 2018).

As diferentes formas de variação fornecem uma compreensão mais profunda da diversidade e da complexidade das palavras de origem africana, destacando sua importância cultural e histórica na identidade linguística do País. A variação diacrônica nos permite, assim, explorar as transformações lexicais que ocorreram na LP devido às influências africanas, desde os primórdios da colonização até a atualidade. É nessa variação que podemos rastrear a transformação e a permanência das contribuições lexicais africanas, examinando como esses termos foram adaptados, integrados e, em alguns casos, modificados ao longo do tempo.

Seguindo a tendência de mutabilidade da língua, Santos (2018) destaca palavras que sofreram alteração de significado com o tempo:

Em sua língua de origem, por exemplo, a palavra beleléu, encontrada na expressão da gíria paulista “ir para o beleléu”, nomeava um local que compreendemos no Brasil por cemitério, e a palavra samba significava um ato de oração [...] banguela se referia na origem ao nome de uma etnia africana conhecida como benguelas; macumba era um instrumento musical; a palavra ginga referia-se ao nome de uma rainha de Matamba (região Banto); e quindim, da ideia original de delicadeza, tornou-se um doce feito com ovos, coco e açúcar (Santos, 2018).

Estudiosos brasileiros, como Duek, em sua obra *Dicionário do Quilombo: Palavras usadas pelos negros nas senzalas e que foram consagradas no vocabulário atual* (2002), dedicaram-se a documentar essas contribuições lexicais, revelando a riqueza do léxico africano presente no português. Além disso, autores como Lopes, em *Dicionário Banto do Brasil* (2003), destacam a influência direta das línguas africanas, especialmente as pertencentes ao tronco banto, em palavras e expressões do português falado no Brasil.

Historicamente, as interações entre os africanos escravizados e os colonizadores portugueses ocorreram em um contexto de opressão e assimilação cultural, criando um terreno fértil para a emergência de uma variedade de línguas crioulas e dialetos. Culturalmente, tais interações refletem as diferentes origens étnicas dos escravizados africanos, bem como as influências das culturas indígenas e europeias presentes no Brasil colonial.

Em especial, as práticas linguísticas dos povos africanos, permeadas por ricas tradições orais e rituais, encontraram-se com os padrões linguísticos dos colonizadores, resultando em uma fusão única de vocabulário, gramática e pronúncia. Além disso, as línguas crioulas e pidgin⁷, que surgiram como formas de comunicação entre as diferentes comunidades de línguas maternas, também desempenharam um papel significativo na formação da LP no Brasil.

Do ponto de vista linguístico, as transformações que emergiram desse cruzamento refletem a adaptabilidade e a resiliência das línguas em face das mudanças sociais e culturais. Elementos fônicos, sintáticos e lexicais foram

⁷ Línguas crioulas e pidgin são formas de comunicação que surgem em contextos de contato linguístico, mas diferem em sua complexidade e estabilidade. Um pidgin é uma língua simplificada que se desenvolve quando grupos linguísticos diferentes precisam se comunicar, mas não têm uma língua comum. Geralmente, os pidgins têm vocabulário e gramática básicos e são usados para fins de comércio ou interação temporária (Holm, 1988, adaptação e tradução nossas).

incorporados e modificados, criando um léxico rico e expressivo que captura, ademais, a luta e a sobrevivência das comunidades afro-brasileiras ao longo da história. Mergulhamos, com isso, nas narrativas vivas da diáspora africana e sua influência duradoura sobre a língua e a cultura brasileiras.

Esta pesquisa possibilita a compreensão da linguística histórica, por resgatar parte da história e da resiliência das comunidades afro-brasileiras em meio às adversidades no Brasil colonial, que repercute até a contemporaneidade. Ou seja, a resistência linguística em questão manifestou-se em expressões, ritmos e características singulares de fala, que persistiram ao longo do tempo e se integraram de maneira intrínseca à LP.

O isolamento geográfico em diferentes regiões do Brasil também desempenhou um papel significativo na diversificação da LP no Brasil. Grupos de escravizados em áreas distintas tiveram interações limitadas entre si e com os falantes nativos de português. Esse isolamento permitiu o florescimento de características linguísticas próprias em cada região, resultando em uma riqueza de dialetos⁸ e expressões únicas, moldadas pelas experiências e culturas locais.

Além disso, a posição social dos escravizados e sua interação com os colonizadores influenciaram a adoção de elementos linguísticos específicos. Aqueles que estavam mais em contato com os colonizadores, muitas vezes devido a atividades laborais ou interações cotidianas, tendiam a adotar mais características do português padrão. Por outro lado, aqueles com acesso limitado à educação formal mantinham características linguísticas mais distintas, preservando elementos de suas línguas maternas e criando um rico mosaico de variação linguística.

Verifica-se desse modo que o ensino de LP é um campo vital para a compreensão da riqueza linguística e cultural do Brasil. Uma parte fundamental desse ensino é o estudo do léxico, que ensina vocabulário, revelando as complexidades históricas, culturais e sociais de um povo. No contexto brasileiro, muitas das palavras de origem africana, por exemplo, estão relacionadas a cultura, culinária, religião e música, enriquecendo o idioma e conectando os brasileiros às suas raízes históricas. Estudar essas palavras amplia o vocabulário dos estudantes, sensibiliza-os para a diversidade linguística e cultural do Brasil.

Um exemplo é a adoção de padrões de acentuação rítmica presentes nas

⁸ Dialeto é uma linguagem própria de determinadas comunidades e que existe simultaneamente à outra língua (Cambridge Dictionary, 2023).

línguas africanas, conferindo à língua um ritmo musical e distintivo. Além disso, a supressão ou redução de consoantes finais, um fenômeno linguístico influenciado pelas línguas africanas, é observada em várias palavras brasileiras, nas quais tais consoantes frequentemente não são articuladas. A reduplicação de sílabas, uma prática comum em muitas línguas africanas para criar formas diminutivas, aumentativas ou intensificativas, também foi incorporada à LP, demonstrando a complexidade dessas interações linguísticas.

Outra área de destaque reside na influência das línguas africanas sobre a morfologia verbal da LP, em que sistemas complexos de marcadores de aspecto e tempo presentes em algumas línguas africanas foram integrados, resultando em variações morfológicas específicas. Além disso, padrões singulares de pronomes e concordância, característicos de certas línguas africanas, impactaram as estruturas sintáticas e a concordância nominal e verbal da nossa língua.

Essas dinâmicas interculturais se estendem ao vocabulário, com numerosas palavras de origem africana sendo incorporadas ao léxico brasileiro. Ademais, compreender o léxico é essencial para aprimorar as habilidades de expressão oral, a leitura e a escrita, além do aumento do vocabulário dos estudantes. Este componente do ensino linguístico não se limita à transmissão de vocabulário, mas atua como um veículo que revela a diversidade e a riqueza do idioma, ou seja, como já mencionado, o ensino dessas palavras enriquece o vocabulário dos estudantes, e também fomenta a consciência cultural e a valorização da diversidade étnica que caracteriza o Brasil. É importante, assim, catalogar, analisar e contextualizar essas palavras em narrativas históricas e sociais, proporcionando entendimento acerca das contribuições dos afro-brasileiros para o desenvolvimento do idioma.

Ao incorporar o estudo das palavras de origem africana no currículo de LP, os educadores proporcionam aos alunos uma oportunidade de conhecer a riqueza cultural: essas palavras servem como portais para explorar a língua, a música, a culinária, as tradições religiosas e a história dos afro-brasileiros, contribuindo para a desconstrução de estereótipos linguísticos e raciais, pois, ao compreender a origem e a riqueza de tais palavras, os estudantes são incentivados a desafiar preconceitos linguísticos e reconhecer a diversidade linguística como um patrimônio cultural a ser celebrado.

Sabemos que contribuições africanas para a LP permeiam diversos aspectos linguísticos, como a morfologia, a sintaxe e a fonologia. A influência africana pode ser

observada em aspectos fonológicos, como a pronúncia de consoantes, a melodia do discurso e a ênfase em certas sílabas, por exemplo.

A acentuação rítmica é uma peculiaridade amplamente observada em muitas línguas africanas, nas quais as sílabas são articuladas com variações de duração, criando um ritmo específico e marcante. A característica mais notável desse fenômeno é sua capacidade de agregar uma qualidade musical à fala, tornando o discurso mais melodioso e vívido. Esse padrão rítmico é, de fato, uma das contribuições linguísticas mais distintivas dos povos africanos, que deixaram sua marca única na fonética de várias línguas. Conforme destaca Câmara Jr. (1953, p. 59):

Numa série fônica, a intensidade permite estabelecer o contraste entre sílabas acentuadas e não acentuadas. A sílaba acentuada é pronunciada com uma energia articulatória maior que as torna mais sonoras ou audíveis em relação às não acentuadas. Nesse caso, o acento será tônico e a vogal da sílaba acentuada será aguda em relação às outras não acentuadas ou átonas. A posição do acento de intensidade, em algumas línguas, é predominante numa sílaba determinada (em francês, geralmente na última). Em outras, ele é inteiramente imprevisível, como costuma acontecer nos homônimos em português, nos quais o acento de intensidade dá aos vocábulos valores significativos e diferenciais. Exs. *Sáb*ia / *sab*ia / *sabiá* ou *ma*res / *marés*.

A acentuação rítmica vai além de simples alterações fonéticas; ela representa um elemento essencial na comunicação, permitindo que palavras e frases sejam expressas de maneira envolvente e emocional. A variação na duração das sílabas adiciona musicalidade à linguagem, influencia o significado e a interpretação das palavras. Essa ênfase peculiar cria uma cadência distintiva, moldando o modo como as histórias são contadas, as canções são cantadas e as emoções são transmitidas.

Portanto, ao analisar o fenômeno da acentuação rítmica, revelamos a complexidade da fonética, a riqueza cultural e expressiva que permeia as línguas africanas e, por extensão, a LP no Brasil. O estudo desse padrão prosódico conecta-nos às profundas tradições orais e musicais dos povos africanos, enriquecendo assim nossa compreensão da linguagem como uma forma viva e dinâmica de expressão cultural.

As raízes profundas da influência linguística africana se manifestam de maneira marcante na acentuação rítmica de palavras como "samba". Nesse termo, a sílaba "sam" é pronunciada com uma duração significativamente maior do que a sílaba subsequente, criando um ritmo distintivo. Esse padrão rítmico evoca claramente as características presentes em várias línguas africanas, em que a variação de duração

nas sílabas é importante para a musicalidade da fala.

No caso da palavra "abadá", outra demonstração eloquente da acentuação rítmica, a primeira sílaba "a" é pronunciada com uma duração mais prolongada em comparação com as sílabas subsequentes, "ba" e "dá", que possuem durações ligeiramente menores. Essa variação na duração das sílabas confere um caráter musical à palavra, evidenciando a influência contínua das línguas africanas na construção rítmica do vocabulário brasileiro. É uma expressão vívida de como as tradições linguísticas se entrelaçam, criando uma riqueza sonora única que é distintiva do português brasileiro.

Da mesma forma, a palavra "maculelê", que denota uma dança tradicional afro-brasileira, exibe uma acentuação rítmica peculiar. A sílaba inicial "ma" é acentuada com maior intensidade, seguida por "cu" e "lê", criando um padrão rítmico que ressoa com as influências das línguas africanas. O fenômeno destaca a capacidade dinâmica da língua em absorver e preservar elementos das tradições culturais que a moldaram ao longo dos séculos. Reforçamos assim as constatações sobre a essência musical das contribuições africanas para o tecido linguístico brasileiro.

Os exemplos citados oferecem uma visão clara de como a acentuação rítmica, uma característica distintiva das línguas africanas, encontrou um lar na LP do Brasil, enriquecendo-a com singularidade e diversidade fonológica. A incorporação desse padrão rítmico nas variações da língua no Brasil é um testemunho das interações linguísticas e culturais que definem a identidade do idioma. Este processo molda a pronúncia das palavras, dá forma à ênfase e ao ritmo do discurso brasileiro, conferindo-lhe uma cadência única. A interseção entre as línguas africanas e a LP revela a harmoniosa fusão de tradições linguísticas, criando um fenômeno sonoro que é, ao mesmo tempo, um tributo à diversidade e à resiliência cultural que caracteriza o Brasil. Esse fenômeno linguístico ilustra como a linguagem é um reflexo dinâmico e em constante evolução das tradições culturais que a nutrem, consolidando o PB como uma expressão multifacetada das contribuições afro-brasileiras.

Nesse sentido, de acordo com Silva e Cunha (2023), o processo fonológico de apagamento é marcado pela supressão de segmentos vocálicos, segmentos consonantais ou segmentos silábicos nas palavras. Ao acontecer o apagamento de fonema ou sílaba no início da palavra temos o processo fonológico da aférese. Ocorrendo a supressão no interior da palavra, estamos frente ao processo de síncope. A supressão no final da palavra dá ensejo ao processo fonológico conhecido por

apócope.

Aprofundando-nos um pouco mais em item já citado, tratamos da supressão de consoantes finais, um fenômeno linguístico que envolve a omissão ou a redução de consoantes posicionadas no final das palavras, uma característica marcante que ilustra a influência das línguas africanas na fonologia e fonética da LP do Brasil. Ao considerarmos a contribuição dos povos africanos para o desenvolvimento do idioma falado no Brasil, essa peculiaridade fonética emerge como um exemplo tangível das dinâmicas interculturais que moldaram a língua.

A supressão de consoantes finais se manifesta quando elas não são completamente pronunciadas, fenômeno linguístico com um padrão de pronúncia distinto do português europeu, no qual muitas dessas consoantes finais são enfatizadas de forma mais pronunciada. Esse contraste fonético revela a fluidez da língua, evidenciando como as interações culturais contribuíram para o vocabulário e a sonoridade característica do PB.

As variações regionais na pronúncia das consoantes finais refletem, ademais, as diferentes origens étnicas e culturais das comunidades brasileiras. Esse fenômeno evidencia a natureza dinâmica e evolutiva da linguagem, composta pelas diversas vozes que colaboraram para sua formação e seu desenvolvimento no contexto brasileiro. Acerca da supressão de consoantes finais nas palavras, Castro (2005) declara que:

A tendência do falante brasileiro em omitir as consoantes finais das palavras ou transformá-las em vogais, (falá, dizê, Brasiu), coincide com a estrutura silábica das palavras em banto e em iorubá, que nunca terminam em consoante. Ainda de acordo com a estrutura silábica dessas línguas, onde não existem encontros consonantais, como ocorre em português, também se observa, na linguagem popular brasileira, a tendência de desfazer esse tipo de encontro, seja na mesma sílaba ou em sílabas contíguas, pela intromissão de uma vogal entre elas, que termina por produzir outra sílaba, a exemplo de 'saravá para salvar e fulô para flor' (Castro, 2005, p.10-11).

Observamos, com frequência, a supressão ou a redução de consoantes finais em várias palavras, como, por exemplo, a palavra "cidade", muitas vezes pronunciada com a supressão da vogal final /e/⁹ resultando em formas como "cidadi" ou "cidade", onde a última vogal /e/ não é completamente articulada. Esse padrão de

⁹ Na linguística, o uso de barras oblíquas // indica a representação de **fonemas**, ou seja, as unidades abstratas de som que distinguem significados em uma determinada língua. Esse tipo de notação difere da transcrição fonética, que utiliza colchetes [] para representar a **realização concreta** dos sons, chamados fones. Como esclarece Cagliari (2009, p. 34), "[...] as barras representam a organização mental dos sons, enquanto os colchetes indicam as realizações físicas observáveis".

pronúncia reflete, também, uma peculiaridade regional.

Outro exemplo ocorre no contexto dos verbos no pretérito perfeito, como em "cantou", onde a consoante final /u/ é frequentemente suprimida. Dessa forma, a palavra é pronunciada como "cantô", com uma redução na pronúncia da consoante /u/. A palavra "muitos", por exemplo, pode ser pronunciada com a supressão ou redução da consoante final /s/, resultando em uma pronúncia mais suave de "muito". Esse fenômeno, além de ilustrar as complexidades da fonética brasileira, também ressalta a fluidez e a adaptação da língua às práticas linguísticas locais, gerando variações fonéticas interessantes e distintivas.

Acreditamos que esses exemplos destacam a variação fonética dentro da LP no Brasil, sublinhando a importância de considerar as variações linguísticas regionais como um item de riqueza da sonoridade da língua e da pluralidade cultural e linguística que caracteriza o País. A supressão de consoantes finais, uma das influências das línguas africanas, é evidente no PB, como demonstrado pelos exemplos apresentados. Essa tendência de omitir ou reduzir a pronúncia de consoantes finais contribui para a diversidade dos padrões de pronúncia e para as características fonéticas únicas que definem o idioma no País, proporcionando uma riqueza sonora que reflete a variedade cultural do Brasil.

Ademais, essa prática linguística é uma manifestação do passado no presente, pois permanece viva na fala cotidiana. Ao examinarmos essas mudanças fonéticas, retomamos na história da língua, as histórias das comunidades afro-brasileiras, evidenciando como a linguagem é um espelho dinâmico das experiências culturais e sociais que continuam a moldar o Brasil como uma nação multicultural e diversificada.

Para Silva e Cunha (2023), o processo de apagamento do rótico em final de palavras, conhecido como rotacismo, diz respeito à modificação linguística em que o som /r/ é deixado de fora ou trocado por outro som em posições específicas dentro de uma palavra ou em contextos linguísticos particulares. Esse acontecimento pode manifestar-se em várias línguas e dialetos. Em algumas situações, a supressão do /r/ pode resultar na ausência da pronúncia desse som em palavras específicas, enquanto em outras ocasiões, pode ocorrer a substituição do /r/ por outro som, tal como o // ou o /ʁ/. O rotacismo é suscetível a influências de fatores históricos, sociais e regionais, e sua presença pode ser percebida em diferentes estágios de desenvolvimento linguístico. A produtividade do fenômeno observado acontece na busca de facilitação da realização dos fonemas. Em situações informais a supressão do fonema na língua

oral não causa grandes conflitos, posto que a maioria da comunidade linguística em que está inserido realiza de maneira frequente essa variação. Contudo, é importante o professor entender que quando estamos diante de produção escrita, na maioria dos casos é necessário usar a regra formal, respeitando a ortografia dicionarizada. Sobre rotacismo, Xavier (2010) esclarece que:

[...] é o fato de os povos africanos falantes da língua banto/quimbundo desconhecerem os encontros consonantais existentes na língua portuguesa, episódio que poderia servir de barreira no contato com o português e, conseqüentemente, ter influenciado na construção da língua brasileira por intermédio dos africanos comercializados para o Brasil, os quais formaram, juntamente com os portugueses, a identidade do campista, por isso a presença do rotacismo.

Outro processo interessante é a reduplicação, um processo morfológico que consiste na repetição de uma ou mais sílabas de uma palavra para gerar novas formas, frequentemente associadas a significados diminutivos, aumentativos ou intensificativos. Essa prática não é exclusiva da LP no Brasil, mas observada em diversas línguas africanas e em muitos outros idiomas ao redor do mundo. A reduplicação confere variações semânticas às palavras, demonstrando a versatilidade da linguagem, evidenciando como diferentes culturas moldam e personalizam as estruturas linguísticas para atender às suas necessidades comunicativas. Sobre reduplicação, Castro (2022) esclarece que:

A reduplicação é um processo muito comum nas línguas negroafricanas. Corresponde à repetição do radical de um vocábulo para lhe dar uma nuance superlativa de sentido que normalmente não teria, como ocorre com a maioria dos adjetivos.
(Yor.) "fúnfún", muito branco "darádára", muito bonito (Fon) "gbógbó", em demasia "bibí", muito ágil
(Ewe) "tsótsó", muito rápido "fùfù", muito branco (Castro, 2022, p. 79).

A presença dessa prática em várias línguas africanas e sua subsequente incorporação no Brasil destacam mais uma vez a influência cultural africana no País como uma estratégia linguística que cria palavras com significados específicos e variações distintas. Por exemplo, a palavra "cafuné" é um termo carinhoso no Brasil, que descreve o ato delicado de passar as mãos nos cabelos de alguém. A reduplicação da sílaba /ca/ intensifica esse gesto de carinho, adicionando uma qualidade afetuosa à palavra.

Outro exemplo é o termo "mundaréu", usado para denotar uma grande quantidade de algo. Ao reduplicar a sílaba /mun/, a palavra ganha uma dimensão impressionante, enfatizando a vastidão ou abundância do objeto em questão. Essa

reduplicação quantifica, evoca uma sensação de magnitude, criando uma imagem vívida na mente do ouvinte sobre a extensão do que está sendo descrito.

Da mesma forma, a palavra "pouquinho" ilustra a aplicação da reduplicação para indicar algo pequeno ou diminuto em relação à forma base "pouco". Ao reduplicar a sílaba /po/, a palavra denota uma quantidade mínima, e adiciona uma qualidade encantadora de delicadeza, criando uma expressão que transmite a ideia de algo pequeno e adorável.

O termo "lambe-lambe" exemplifica como a reduplicação pode enfatizar uma ação específica. Nesse caso, a palavra descreve alguém que gosta de lambe ou chupar algo. A reduplicação da sílaba /lam/ intensifica o ato de lambe, criando uma palavra que descreve a ação, e acentua a natureza repetitiva ou prolongada desse comportamento.

A reduplicação amplia o significado das palavras, acrescenta camadas adicionais de significado, permitindo uma expressão mais vívida e colorida na LP do Brasil. Esse fenômeno linguístico ilustra a criatividade intrínseca da linguagem, revelando como as nuances culturais e emocionais são habilmente capturadas por meio da estrutura das palavras, transformando a comunicação em uma forma de arte sutil e rica em detalhes.

Ou seja, a reduplicação é uma característica que os povos africanos tiveram na morfologia do PB. Ao incorporar a técnica de repetição de sílabas para criar novas formas com significados específicos, essas influências africanas deixaram uma marca indelével e enriqueceram o léxico da LP falada no País, diversificando sua morfologia, de maneira sem igual.

É importante reconhecer que a reduplicação adicionou camadas de complexidade à LP, revelou a capacidade da linguagem de evoluir e se adaptar de maneira orgânica ao longo do tempo. Esse fenômeno linguístico representa um legado cultural, que sublinha mais uma vez a natureza dinâmica e mutável da linguagem, perpetuando a herança africana de forma profunda na essência da nossa língua.

Por seu turno, os marcadores de aspecto e tempo representam pilares fundamentais das estruturas linguísticas, permitindo a contextualização temporal e a compreensão da natureza das ações em uma língua. Nas línguas africanas, tais sistemas são notáveis por sua complexidade e variedade, capturando mudanças sutis que refletem como diferentes ações são experienciadas e situadas temporalmente. Estes sistemas intrincados incluem marcações para passado, presente, futuro,

duração, repetição, entre outros. Observa Castro (2022) acerca dos aspectos verbais nas línguas africanas:

O infinitivo dos verbos sempre vem marcado pelo prefixo *ku-* ("**ku**samba", "**ku**-shinga"), equivalente ao marcador / to / do infinitivo verbal em inglês (*to love*, amar), e a vogal final /-a/, a mesma que se observa na primeira conjugação do sistema linguístico do português (cf. cantar, falar). Já nas línguas oeste-africanas, essa vogal pode ser qualquer uma do seu sistema vocálico (cf. Yor. "jeun", comer; "gbani", possuir; "taro", estimar). (Kimb) "**ku**-samba" "**ku**-lomba" "**ku**.enda" "**ku**-zuela" (Kik) "**ku**-samba" "**ku**-lomba" "**ku**.enda" "**ku**-moka" (Umb) "**oku**-imba" "**oku**-lomba" "**oku**.enda" "**oku**-popia" orar orar andar falar (Castro, 2022, p. 54, grifos da autora).

No contexto da influência dos povos africanos sobre a LP, esses sistemas linguísticos desempenharam um papel vital na formação da morfologia verbal encontrada no Brasil e deram origem a formas peculiares de expressar aspectos temporais, contribuindo para a criação de uma riqueza de formas verbais, cada uma carregando consigo a influência sutil e profunda dos sistemas linguísticos africanos.

Entendemos, assim, como as línguas africanas forneceram palavras, estruturas linguísticas, e sistemas conceituais sofisticados que moldaram a compreensão do tempo e da ação no Brasil. Um exemplo é a expressão "vou estar fazendo", onde o verbo auxiliar "estar" é combinado com o verbo principal para indicar uma ação futura. Essa construção, característica da LP no Brasil, encontra suas raízes na influência das línguas africanas, que frequentemente utilizam marcadores de aspecto para indicar ações futuras em conjunto com verbos auxiliares.

Outro fenômeno linguístico interessante é a construção "vim chegando", que denota uma ação em andamento no momento da fala ou prestes a ocorrer. Nesta estrutura, o passado ("vim") se combina com o gerúndio ("chegando"), capturando a ação no presente ou iminente. Em algumas línguas africanas, a marcação de aspecto presente é expressa de maneira semelhante, revelando uma conexão apurada entre as estruturas verbais das duas línguas.

Além disso, encontramos a expressão simplificada "tô comendo", na qual o verbo "estar" se combina com o gerúndio "comendo" para indicar uma ação contínua no presente. Essa construção direta e eficaz, comum em nossa língua, também reflete a influência africana, evidenciando a forma como o aspecto contínuo é expresso de maneira clara e concisa, alinhando-se com padrões linguísticos africanos.

Esses exemplos oferecem uma visão de como os intrincados sistemas de marcadores de aspecto e tempo das línguas africanas permearam a morfologia verbal da LP no Brasil, resultando em construções verbais únicas. Como resultado, a

expressão dos aspectos temporais na LP no Brasil foi modificada pela influência africana, revelando uma complexidade linguística distintivamente brasileira.

O impacto dos referidos marcadores de aspecto e tempo das línguas africanas pode ser observado, em especial, na forma como os brasileiros comunicam as variações temporais em sua fala cotidiana. Assim, vemos que a incorporação desses marcadores enriqueceu a LP com uma variedade de formas verbais inovadoras, o que reflete a habilidade dos povos africanos em preservar e adaptar suas tradições linguísticas em um novo contexto.

A complexa dança dos pronomes e da concordância entre os elementos de uma frase é um componente essencial da sintaxe de qualquer língua. No campo da contribuição africana para a nossa língua, vemos padrões únicos de uso de pronomes que diferem em relação a gênero, número e pessoa, e foram transferidos para a LP, deixando uma marca indelével nas estruturas sintáticas e na concordância nominal e verbal.

Línguas africanas frequentemente apresentam sistemas de pronomes e concordância que se destacam por sua flexibilidade e complexidade. Tais sistemas, que contrastam com os do português, oferecem maneiras distintas de indicar relacionamentos gramaticais e categorias linguísticas. Fonseca Júnior (1971) esclarece:

A categorização do gênero dos nomes, em geral, é feita através dos artigos definidos em português (masc. o / fem. a), independentemente da concordância que possa haver com a vogal temática final do item africano. Como essa categoria gramatical não existe nas línguas negro-africanas e, em português, é de certa forma arbitrária, o grau de instabilidade é muito grande, com exemplos como *minha pai* na linguagem dos glossolistas, equivalente ao *"mia senhor"* do cancionário galaico-português do século XIII a XV (Fonseca Júnior, 1971, p. 21).

A expressão *"a gente"*, por exemplo, embora gramaticalmente singular na concordância verbal (*"vai"* em vez de *"vamos"*), essa construção reflete uma abordagem mais flexível encontrada em algumas línguas africanas. Tal fluidez é uma reminiscência da adaptabilidade das línguas africanas, em que a concordância se ajusta ao contexto comunicativo, ilustrando como as influências africanas moldaram a sintaxe da LP no Brasil.

Outra peculiaridade é o uso redundante do pronome *"elas"* em construções como *"essas meninas, elas são inteligentes"*, estrutura que enfatiza ou reforça a expressão, cujas raízes se encontram em padrões linguísticos africanos. Em muitas

línguas africanas, essa ênfase é comum, evidenciando-se em redundâncias pronominais.

Esses exemplos destacam a complexidade e a maleabilidade da LP no Brasil, enriquecida pela fusão de influências africanas. As mudanças presentes na organização das estruturas sintáticas e na concordância nominal e verbal celebram a contribuição africana e enfatizam a riqueza cultural que permeia o tecido linguístico do Brasil.

Os empréstimos lexicais constituem, por sua vez, uma intersecção de culturas linguísticas, representando a incorporação de palavras de uma língua estrangeira ao vocabulário de outra língua. No contexto da influência africana sobre a LP, um fenômeno linguístico emerge: muitas palavras de origem africana foram assimiladas e integradas de forma orgânica ao léxico brasileiro, enriquecendo nossa língua.

Esses empréstimos lexicais serviram como ponte linguística, preenchendo lacunas no vocabulário português para conceitos, objetos e elementos de flora e fauna intrínsecos ao cotidiano dos povos africanos, como animais específicos, plantas medicinais, alimentos exóticos, objetos artesanais e uma miríade de conceitos culturais únicos.

Assim, com uma riqueza trazida por uma série de empréstimos linguísticos de origem africana, algumas palavras da nossa língua ilustram a interconexão cultural que moldou a LP do Brasil ao longo dos séculos. A palavra "cachimbo", usada para descrever um tipo de tubo utilizado para fumar tabaco, tem suas raízes nas línguas africanas: um objeto semelhante era empregado com o mesmo propósito. Esse termo é um exemplo vívido da assimilação cultural que ocorreu durante a história do País. Castro (2022) justifica essas variações no português do Brasil da seguinte forma:

Falamos a mesma língua portuguesa, mas nos afastamos do português lusitano por usarmos uma variedade que resultou do contato continuado e direto de mais de trezentos anos de interrelação do português arcaico, a princípio, com línguas indígenas brasileiras, principalmente do grupo tupiguarani, e, em seguida, continuamente, com línguas nígero-congolesas faladas na África Subsaariana. As similaridades, notadas na fonologia e na morfossintaxe entre as estruturas dos seus constituintes com o português colonial não deram espaço para o estabelecimento de uma possível língua crioula no Brasil, como também ocorreu em Angola e Moçambique (Castro, 2022, p. 229).

O termo "maracatu", que denota tanto um gênero musical quanto uma dança tradicional originária do Nordeste do Brasil, é um empréstimo linguístico de origem africana, que se refere a um conjunto de tambores utilizados nas performances. O

"acarajé", um quitute culinário típico da BA, também tem suas raízes etimológicas na África. Feito à base de massa de feijão-fradinho frita em azeite de dendê, essa iguaria é nomeada a partir de uma palavra africana, representando a gastronomia trazida pelos povos africanos ao Brasil.

O universo religioso brasileiro é igualmente enriquecido por empréstimos linguísticos de origem africana. O nome "Ogum", que representa um importante orixá na religião afro-brasileira, é derivado de línguas africanas e é usado para descrever uma divindade guerreira. Da mesma forma, o "Candomblé", uma prática religiosa de matriz africana no Brasil, deve seu nome às línguas africanas, refletindo a contribuição cultural, a espiritualidade enraizada que perdura através das tradições religiosas afro-brasileiras.

Os exemplos apresentados oferecem uma visão da incorporação de palavras de origem africana ao vocabulário da LP, um processo que enriqueceu o léxico e serviu como uma ponte cultural entre o Brasil e suas raízes africanas. Mais do que meras adições ao vocabulário, esses empréstimos lexicais são testemunhos da diversidade linguística e cultural do Brasil, mostrando como a língua é um veículo poderoso para preservar e transmitir a identidade cultural de um povo, contribuindo para a preservação e promoção da contribuição cultural afro-brasileira e conectando as gerações presentes e futuras com suas raízes históricas.

Os marcadores de identidade cultural constituem uma parte vital da linguagem, encapsulando valores, crenças e perspectivas de grupos étnicos e culturais específicos. No cenário da contribuição dos povos africanos para a LP, expressões idiomáticas, provérbios e formas de falar provenientes das línguas africanas desempenham um papel importante na transmissão da cultura, de tradições e modos de pensamento dessas comunidades. Nesse sentido, Santos (2007, p. 45) afirma:

A linguagem é um componente fundamental da identidade cultural, pois reflete os valores, crenças e perspectivas de um grupo social específico. As expressões idiomáticas, provérbios e formas de falar particulares de cada cultura servem como marcadores de identidade, transmitindo a herança cultural, as tradições e os modos de pensar de seus povos.

As expressões idiomáticas, em particular, são intrincadas combinações de palavras que vão além do significado literal de suas partes constituintes. Elas encapsulam mudanças culturais, representando maneiras distintas de expressar ideias e emoções dentro de uma determinada sociedade. Em especial, os provérbios e os modos de falar influenciados pelas línguas africanas enriquecem o PB com uma

variedade de expressões repletas em significado. Eles ampliam o vocabulário e tradições orais e lições de vida transmitidas ao longo das gerações.

A expressão "burros n'água" se refere à ideia de investir esforço em algo e não obter sucesso. O termo "burro" é carregado de significados, associando-se a um erro ou a algo que não foi bem-sucedido. Essa expressão, profundamente enraizada na cultura africana, destaca a falta de êxito, ou a importância de aprender com as experiências para futuras empreitadas. Quando alguém exagera em festas ou celebrações, a expressão "jaca" entra em jogo, como "enfiar o pé na jaca", ou seja, cometer algum excesso em comida ou bebida. Originária do Brasil, a jaca é uma fruta típica associada a comemorações e festividades. Essa expressão revela a conexão íntima entre a cultura brasileira e suas raízes africanas, onde a abundância e a alegria nas celebrações são celebradas e compartilhadas.

"Axé", outra palavra proveniente das religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, carrega um poderoso significado espiritual. Denotando energia, força espiritual e poder, essa palavra foi incorporada à cultura brasileira como uma expressão que transmite votos de energia positiva e bênçãos. Ela serve como um lembrete tangível da espiritualidade que permeia a vida cotidiana no Brasil. Por fim, a expressão "nem morto!" é uma manifestação da negação categórica, presente em várias línguas africanas, que utiliza a morte como um elemento enfático para transmitir a certeza de que algo não será feito de forma alguma.

Provérbios e ditados populares são como pérolas de sabedoria popular, condensando ensinamentos, valores e crenças de uma cultura em frases curtas e memoráveis. No português do Brasil, muitos desses tesouros linguísticos carregam as contribuições africanas, revelando a influência dos povos africanos na formação da nossa sociedade. Um exemplo marcante é o provérbio "A boca fala o que o coração transborda", de origem Yoruba (Silva, 2008, p. 12). Essa frase nos lembra que nossas palavras são um reflexo direto do que se passa em nosso interior, revelando nossos pensamentos e sentimentos mais profundos.

Outro provérbio que ecoa a sabedoria Bantu é "Árvore que nasce torta jamais endireita" (Nascimento, 2004, p. 105). Essa expressão nos ensina que hábitos e comportamentos arraigados desde a infância podem ser difíceis de modificar. Em um mundo onde as aparências podem enganar, o provérbio Kimbundu "Cão que ladra não morde" (Silva, 2008, p. 34) nos convida à cautela, alertando que nem sempre as ameaças se concretizam. Já o provérbio Fon "Com dinheiro, até o cachorro dança"

(Silva, 2008, p. 45) nos confronta com a realidade do poder do dinheiro, capaz de influenciar até mesmo os comportamentos mais inesperados.

A persistência e a constância são celebradas no provérbio Yoruba "De grão em grão, a galinha enche o papo" (Nascimento, 2004, p. 112), ensinando que pequenas ações, quando feitas com regularidade, podem levar a grandes resultados. A importância da discrição e da prudência é enfatizada no provérbio Kimbundu "Em boca fechada não entra mosca" (Silva, 2008, p. 62), alertando para os perigos de falar demais ou revelar informações precipitadamente.

A honestidade e a responsabilidade são valores defendidos no provérbio Fon "Fiado é bom, mas pago é melhor" (Silva, 2008, p. 74), reforçando a importância de cumprir com as obrigações assumidas. A modéstia e a humildade são exaltadas no provérbio Iorubá "Lábios fechados não abrem boca" (Silva, 2008, p. 98), ensinando que nem sempre é necessário falar para ser notado ou ter valor. A verdade e a justiça prevalecem no provérbio Bantu "Mentira tem perna curta" (Silva, 2008, p. 110), alertando que as mentiras, por mais bem elaboradas que sejam, sempre serão descobertas.

Por fim, o provérbio Yoruba "Quem planta colhe" (Nascimento, 2004, p. 152) nos lembra da lei da causa e efeito, ensinando que cada um colhe os frutos das suas ações, sejam elas boas ou ruins. Esses são apenas alguns exemplos dos muitos provérbios e ditados populares de origem africana que enriquecem o PB. Cada um deles carrega consigo uma história, uma lição de vida e um reflexo da contribuição cultural dos povos africanos que moldaram a nossa sociedade.

Desse modo, constatamos que expressões idiomáticas, provérbios e modos de falar que encontramos na LP, no Brasil, são testemunhos vivos das contribuições culturais dos povos africanos que ajudaram a transformar a identidade do Brasil. Cada provérbio, cada modo peculiar de falar, nos conecta às raízes da história e da cultura do País. Além disso, essas expressões desempenham um papel fundamental na comunicação, ajudando as pessoas a se entenderem melhor e a compartilharem suas histórias de maneiras autênticas e significativas. Elas também refletem a sabedoria coletiva das comunidades africanas, proporcionando conhecimento sobre a ética, a moral e as relações humanas. Conforme destacado por Castro (2022), seguem ditados tradicionais dos nhanecas¹⁰, um povo que preserva suas tradições orais,

¹⁰ Os Nhaneca-Humbes são conjuntos de etnias agropastoras bantas localizadas no sudoeste de Angola. Essas etnias compartilham a raiz linguística nhaneca e combinam a criação de gado bovino

apesar das constantes mudanças da língua:

Huku! Nahupa na Huku.

Deus! Escapei pelo auxílio de Deus, ou seja, graças a Deus, nada me aconteceu.

Huku kapulwa, Kalunga kaminikilwa.

Não se pergunta a respeito de Deus, não se discute a existência de Deus (Castro, 2022, p. 73-74).

Ao serem preservadas e passadas de geração a geração, essas expressões continuam a ser um elo vital entre o passado e o presente, enriquecendo o tecido social do Brasil e fortalecendo o entendimento e o respeito mútuo entre as culturas que moldaram a nação. Assim, elas são componentes do idioma, pontes para compreensão, apreciação e celebração da diversidade cultural que faz do Brasil um mosaico repleto de identidades.

com uma agricultura voltada principalmente para a auto-subsistência, em vez da comercialização. A maior parte dos Nhaneca-Humbes aderiu ao cristianismo, especialmente à Igreja Católica, durante o período colonial (Ferreira, 2022).

4 A IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAREM, NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, PALAVRAS QUE SÃO ORIUNDAS DE POVOS DE MATRIZ AFRICANA

No contexto globalizado e multicultural em que vivemos, o ensino de LP é fator importante na promoção da compreensão intercultural e na valorização da diversidade linguística e cultural. Uma abordagem enriquecedora e essencial para aprimorar essa dimensão do ensino é a incorporação de palavras de matriz africana, as quais têm profunda influência na formação do vocabulário e da identidade linguística do português falado e escrito.

O idioma português, ao longo de sua história, como vimos, foi enriquecido por inúmeras contribuições provenientes de contatos interculturais, particularmente das relações entre Portugal e as nações africanas durante o período de colonização. As línguas africanas, trazidas pelos povos escravizados, influenciaram o léxico, a fonética e a gramática do português, gerando um conjunto de palavras que enriquecem a língua e carregam consigo uma profunda bagagem cultural. Incorporar vocabulário afro-brasileiro no ensino de português é necessário para reconhecer a herança cultural africana na língua e promover compreensão acerca das raízes culturais da língua.

A inclusão de palavras de matriz africana nas aulas de LP permite aos estudantes explorar a interconexão entre a linguagem e a cultura. Isso cria uma oportunidade para discutir aspectos linguísticos, contextos históricos, sociais e culturais, enriquecendo assim a compreensão dos alunos sobre a formação da língua e a identidade cultural. Além disso, conforme já mencionado, essa abordagem facilita a construção de uma consciência linguística mais ampla, uma vez que os estudantes podem perceber como diferentes culturas contribuem para a riqueza da língua que estão aprendendo. Acerca da influência banta na LP, Castro (2022) esclarece:

Ainda em banto, existe o radical *lunga*, que significa sempre alguma coisa relacionada com a inteligência, donde o substantivo *ono-ndunge*, a inteligência, formado do mesmo radical em virtude da lei fonética pela qual o *l* se transforma em *d* depois de um nasal, a exemplo do que ocorreu, no Brasil, com o termo *candomblé* de *lomba*, rezar, orar, daí *ndomba*, *ndombe*. Por exemplo, em muitas línguas, como em *umbundo*, o verbo *kulunga* e seus derivados, como *oku-lunguka*, em *cuanhama*, significa ser experimentado, esperto, audacioso, enquanto em outras, o mesmo vocábulo significa ser atento, vigilante. Assim, *Calunga* significaria o grande Ser inteligente ou grande esperto (Castro, 2022, p. 73).

As palavras de matriz africana enriquecem o vocabulário e podem sensibilizar os alunos para questões contemporâneas relacionadas a diversidade, inclusão e respeito mútuo. À medida que os estudantes aprendem sobre as origens dessas palavras e sua evolução ao longo do tempo, tornam-se mais bem preparados para reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural em seu cotidiano.

Por fim, a integração de palavras de matriz africana nas aulas de Língua Portuguesa reforça a importância do resgate histórico e da justiça linguística. Ao reconhecer as contribuições dos povos de matriz africana para o idioma, estamos corrigindo um equívoco histórico e promovendo a equidade linguística. Isso contribui para uma educação mais inclusiva, que ensina o idioma, a história, a cultura e a sensibilidade para com as diferentes comunidades que moldaram sua evolução. Bagno (2016), acerca do multilinguismo, declara que:

Cada vez mais autores reconhecem que as diferenças marcantes entre o português brasileiro e a língua da qual ele se originou — o português europeu em sua fase de transição do período medieval para o moderno — se devem primordialmente ao multilinguismo que caracterizou a história do Brasil na maior parte do período colonial. A dispersão pelo território brasileiro de milhões de negros escravizados, falantes de muitas línguas diferentes, não pode ter deixado de incidir fortemente sobre o desenvolvimento do português brasileiro (Bagno, 2016, p. 20).

Ensinar palavras de matriz africana nas aulas de LP reforça o conceito de que a língua é uma manifestação viva da identidade de um povo e, ao incorporar essas palavras, estamos fortalecendo a conexão entre as palavras faladas e a história compartilhada.

4.1 O PAPEL DA LINGUÍSTICA APLICADA NO ESTUDO DO LÉXICO AFRO-BRASILEIRO

A incorporação do léxico afro-brasileiro no ensino da LP traz diversos benefícios para o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos. Ao entrarem em contato com palavras de origem africana, os estudantes ampliam seu vocabulário, aprimorando sua capacidade de comunicação e expressão tanto oral quanto escrita. Além disso, o estudo desse léxico promove a consciência linguística e cultural, reconhecendo a diversidade presente na Língua Portuguesa e contribuindo para uma identidade nacional mais inclusiva. Adicionalmente, o ensino do léxico afro-brasileiro estimula uma postura crítica em relação aos preconceitos linguísticos e à história afro-

brasileira.

A LA, como área de conhecimento que busca soluções para problemas reais relacionados à linguagem, desempenha um papel fundamental no estudo do léxico afro-brasileiro. Através de pesquisas e ações interdisciplinares, a LA contribui para a valorização da diversidade linguística e cultural, o ensino da cultura afro-brasileira através da língua e a compreensão do impacto do léxico afro-brasileiro na comunicação.

Sendo a incorporação de palavras de origem africana ao PB o resultado do contato histórico entre povos africanos e portugueses, sabemos que, através do processo de criouliização, essas palavras se adaptaram à fonética, à gramática e à semântica da Língua Portuguesa, transformando-se em parte integrante do nosso vocabulário.

Vale reforçar que a presença de palavras de origem africana no PB não se limita apenas ao vocabulário: essa contribuição se estende para diversos aspectos da cultura brasileira, como a música, a culinária, a religião e as artes. Desse modo, ao reconhecermos e valorizarmos o léxico afro-brasileiro, estamos reconhecendo a importância da cultura africana na construção da identidade brasileira.

4.2 A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL

A diversidade linguística e cultural é um dos maiores patrimônios de uma sociedade, especialmente em um país como o Brasil, cuja história e formação social são profundamente marcadas pela influência de diferentes povos e culturas. Entre essas, a contribuição afro-brasileira ocupa um lugar de destaque, não apenas em termos culturais e sociais, mas também linguísticos. A valorização dessa diversidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Bagno (1999) aborda de forma incisiva o preconceito linguístico em suas obras. Ele destaca como, no Brasil, a variedade linguística muitas vezes é vista de maneira pejorativa, especialmente quando associada a grupos historicamente marginalizados, como os afro-brasileiros. Segundo esse autor, o preconceito linguístico é um mecanismo de exclusão social, que desvaloriza as variantes populares da Língua Portuguesa em favor de uma norma culta elitista, perpetuando desigualdades sociais.

A contribuição afro-brasileira para a LP é imensa, refletindo-se em inúmeras palavras, expressões e construções gramaticais que, como demonstrado, enriquecem

o vocabulário do País. Termos como "dengo", "moleque", "caçula", entre muitos outros, têm suas origens em línguas africanas e são utilizados cotidianamente por brasileiros de todas as regiões. No entanto, a falta de reconhecimento e valorização dessa herança linguística muitas vezes contribui para a perpetuação do preconceito e da discriminação. Acerca da necessidade de respeito ao que tange à cultura afro-brasileira, Silva (1990) ressalta:

É necessário construir heróis, instituir datas. Opor os Zumbis aos Domingos Jorge Velhos, os vinte de novembro aos treze de maio. Afirmar os valores positivos das culturas negras em oposição ao dilaceramento da decadente cultura ocidental, contrapor o nosso sentido de comunidade à impessoalidade do mundo Ocidental (Silva, 1990, p. 7).

O conhecimento acerca das bases históricas que ergueram esse País é o caminho inegociável para que o orgulho em honrar as tradições afro-brasileiras sejam instauradas, pois Biko (1978) define o que em pleno século XXI seja tão atual:

Não é de se estranhar que a criança africana aprenda na escola a odiar tudo que herdou. A imagem que lhe apresentam é tão negativa que seu único propósito consiste em identificar-se ao máximo com a sociedade branca [...] não há dúvida de que muito da abordagem para fazer surgir a Consciência Negra ser voltada para o passado, a fim de procurar reescrever a história do negro e criar nela heróis (heroínas) que formam o núcleo do contexto africano [...]. Um povo sem uma história positiva é como um veículo sem motor (Biko, 1978, p. 42).

Então, constata-se que valorizar a diversidade linguística e cultural afro-brasileira implica, portanto, reconhecer a legitimidade e a riqueza das variantes populares do português, combatendo o preconceito linguístico em todas as suas formas. Isso envolve uma mudança de atitude tanto na sociedade em geral quanto no sistema educacional. É necessário que as escolas incluam em seus currículos o ensino da história e da cultura afro-brasileira, promovendo um ambiente de respeito e valorização das diferentes formas de expressão linguística.

Bagno (2014) defende que o ensino de LP deve ser pautado pelo reconhecimento da pluralidade linguística do Brasil, rompendo com a visão prescritivista e normativa que tradicionalmente domina as salas de aula. Ele argumenta que é preciso educar os alunos para a diversidade linguística, ajudando-os a compreender e respeitar as diferentes variantes do português, e não apenas a norma culta. Essa abordagem contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos em relação às diferenças culturais e linguísticas. Bagno (2014) afirma: "Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito

social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social”, e acrescenta que “Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte”.

Ao reconhecer e celebrar a riqueza das contribuições afro-brasileiras, o Brasil pode começar a superar os preconceitos que ainda permeiam sua sociedade. As reflexões do autor supracitado sobre o preconceito linguístico oferecem uma importante base teórica para essa mudança, destacando a necessidade de uma educação linguística que respeite e valorize todas as formas de expressão.

A luta contra o preconceito linguístico e a valorização da diversidade afro-brasileira são indissociáveis. Promover o respeito e a valorização das diferentes variantes linguísticas do português é um passo fundamental para combater as desigualdades e construir um Brasil mais justo e inclusivo. Essa mudança começa na educação, mas deve se estender a todos os aspectos da vida social, celebrando a riqueza e a diversidade que são a verdadeira força do País.

4.3 O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA LÍNGUA

A língua é um veículo poderoso para o ensino da cultura afro-brasileira. Através do estudo do léxico afro-brasileiro, a LA propõe métodos e recursos pedagógicos para que a cultura afro-brasileira seja ensinada de forma eficaz nas escolas e em outros espaços educacionais.

Ensinar palavras de origem africana significa reconhecer a importância da cultura africana na formação da LP no Brasil. É uma iniciativa essencial para romper com a visão eurocêntrica da língua e para valorizar a diversidade linguística e cultural do nosso País.

Como vimos, o preconceito linguístico é uma forma de discriminação racial que se manifesta através da desvalorização de variedades linguísticas e da negação da contribuição de diferentes culturas para a LP. Ao ensinarmos palavras de origem africana, estamos combatendo esse preconceito e promovendo uma educação linguística mais antirracista. Castro (2015, p. 23), sobre preconceito, linguístico declara que "O racismo linguístico se manifesta na desvalorização e no apagamento das línguas e variedades linguísticas de povos marginalizados, como as línguas indígenas e as variedades afro-brasileiras". Almeida (2019, p. 12) salienta que "O preconceito linguístico contra as palavras afro-brasileiras é uma forma de racismo que visa silenciar

e invisibilizar a cultura e a história afro-brasileira".

Um estudo realizado por pesquisadores da área de LA analisou a presença do léxico afro-brasileiro na literatura brasileira. Os resultados da pesquisa mostraram que a presença de palavras de origem africana é significativa em diferentes gêneros textuais. Esse estudo contribui para a compreensão do impacto do léxico afro-brasileiro na comunicação e para a promoção da diversidade linguística na mídia. Através da análise de diferentes contextos comunicativos, a LA contribui para a desconstrução de preconceitos linguísticos e para a promoção de uma comunicação mais justa e inclusiva.

Nesse sentido, ao reconhecer a contribuição africana para a Língua Portuguesa e para a cultura brasileira, podemos promover o combate ao racismo e a valorização da diversidade. O ensino da história e da cultura afro-brasileira nas aulas de LP é fundamental para que os alunos compreendam a origem das palavras de origem africana e sua importância para a formação da LP no Brasil, desenvolvendo uma visão crítica sobre o racismo e a discriminação racial. Nas escolas brasileiras, as aulas de LP do Ensino Fundamental têm a missão de formar cidadãos críticos, conscientes e aptos a se comunicar com clareza e eficiência – missão que se torna ainda mais significativa quando o léxico afro-brasileiro é incorporado ao currículo, pois essa iniciativa transcende o mero aprendizado de palavras e abre portas para um universo de conhecimento, cultura e respeito à diversidade. Ao estudar o léxico afro-brasileiro, os alunos do Ensino Fundamental ampliam seu vocabulário, aprimoram suas habilidades linguísticas, se conectam com suas raízes e com a diversidade cultural do País.

Ensinar o léxico afro-brasileiro nas escolas do Ensino Fundamental é uma ferramenta necessária e urgente no combate ao racismo linguístico, conforme afirma Moura (2020, p. 25). Ao reconhecerem e valorizarem a importância dessas palavras e expressões, os alunos desafiam estereótipos e combatem a invisibilidade da cultura afro-brasileira na sociedade, vivenciando uma oportunidade valiosa de desvendar sua ancestralidade e fortalecer sua identidade. Ao se depararem com palavras e expressões que carregam a história e a cultura de seus ancestrais, os alunos se conectam com suas origens e desenvolvem um senso de pertencimento. Essa experiência contribui para a formação de indivíduos mais conscientes de seus direitos e responsabilidades na construção de uma sociedade mais justa.

Assim, incorporar o léxico afro-brasileiro às aulas de LP do Ensino Fundamental

adiciona novos conteúdos ao currículo que já deveriam estar presentes no cotidiano dos alunos, uma vez que se trata da história de um povo. É sobre criar um ambiente de aprendizado significativo e acolhedor, no qual todos os alunos se sintam representados e valorizados. Através de atividades lúdicas, pesquisas e debates, os alunos se engajam em um processo de aprendizado que vai além da memorização de palavras, promovendo a reflexão crítica, a criatividade e o respeito à diversidade.

Ao ensinar o léxico afro-brasileiro nas escolas do Ensino Fundamental, estamos investindo em um futuro mais justo e intercultural. Estamos preparando os alunos para serem cidadãos críticos, conscientes e engajados na construção de uma sociedade em que a diversidade é celebrada, o racismo é combatido e a cultura afro-brasileira é valorizada em sua plenitude.

4.4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COM PERSPECTIVA INTERCULTURAL

A formação de professores para o ensino de LP com perspectiva intercultural é fundamental para promover uma educação inclusiva e diversificada, especialmente no Ensino Fundamental. Essa abordagem enriquece o currículo escolar, proporciona uma compreensão mais profunda e respeitosa das múltiplas influências culturais que moldam a LP. O ensino do léxico afro-brasileiro nas aulas de LP destaca a importância das contribuições africanas, ajudando os alunos a reconhecerem e valorizarem a diversidade cultural presente em sua própria língua. Ao incorporar palavras de origem africana e suas histórias, os professores podem criar um ambiente de aprendizado que celebra as interconexões culturais e fomenta um senso de identidade e pertença entre os alunos afro-brasileiros. Além disso, como já comentado, essa perspectiva intercultural promove o respeito mútuo e a compreensão entre todos os alunos, preparando-os para se tornarem cidadãos mais conscientes e apreciadores da riqueza cultural do Brasil. Nesse sentido, Souza (2008) destaca que:

[A escola precisa assumir seu papel na construção de uma sociedade democrática, plural e inclusiva, valorizando as diferentes culturas que compõem o tecido social brasileiro (Souza, 2008, p. 25).

Primeiramente, é indispensável que os professores adquiram um conhecimento aprofundado sobre a história e a cultura afro-brasileira. Esse entendimento é vital para que eles possam ensinar o léxico afro-brasileiro de maneira contextualizada,

permitindo aos alunos uma imersão completa nas raízes históricas e culturais das palavras e expressões que utilizam. Além disso, os professores devem ser bem versados em conceitos de linguística e variação linguística. Nesse sentido, Oliveira, J. (2017, p. 32) declara que “É importante que as escolas e os professores estejam atentos ao preconceito linguístico e tomem medidas para combatê-lo, promovendo a valorização da diversidade linguística e o respeito a todas as variedades linguísticas”. O domínio dessas áreas permitirá que abordem o léxico afro-brasileiro de forma crítica e reflexiva, reconhecendo e valorizando as diversas influências linguísticas que compõem o PB. A variação linguística reflete a riqueza e a diversidade cultural de uma sociedade, e compreender essa variação é necessário para ensinar de forma inclusiva e respeitosa.

A eficácia no ensino do léxico afro-brasileiro também depende do conhecimento e da aplicação de métodos e recursos pedagógicos adequados. Os professores precisam estar familiarizados com diferentes abordagens pedagógicas que possam tornar o ensino desse léxico de forma eficaz, envolvente e interessante para os alunos. Utilizar uma variedade de recursos didáticos, desde materiais audiovisuais até atividades interativas, pode facilitar a aprendizagem e garantir que os alunos se sintam motivados e conectados com o conteúdo.

Um exemplo significativo de material didático que pode ser utilizado em sala de aula é o livro de literatura infantil *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024), desenvolvido para esta pesquisa. Esta obra é uma ferramenta importante para abordar a cultura afro-brasileira, apresentando palavras de origem africana que compõem a LP, como "babá", "moleque" e "dengo", dentre outras. Ao utilizar o livro, os professores introduzem os alunos ao léxico afro-brasileiro, proporcionam um contexto cultural rico que facilita a compreensão e a valorização dessas palavras. *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) permite que os alunos explorem a cultura afro-brasileira de forma lúdica e educativa, promovendo uma maior conscientização sobre a contribuição africana para a identidade brasileira.

Acreditamos que a formação contínua dos professores, através de uma educação que englobe história, cultura, linguística e pedagogia, é imprescindível para a promoção de um ensino de qualidade do léxico afro-brasileiro. Esse esforço enriquece o repertório educacional dos docentes e contribui para a valorização e a preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro, refletindo-se diretamente no empoderamento dos alunos e na construção de uma sociedade mais inclusiva e

consciente de sua diversidade cultural.

Em uma aula de LP, os alunos podem ser incentivados a pesquisar a origem de palavras como "capoeira", "candomblé" e "moqueca". Ao descobrir que essas palavras são de origem africana, os alunos percebem a importância da cultura afro-brasileira na formação da Língua Portuguesa e da identidade brasileira. Esta atividade pode levá-los a questionar estereótipos e preconceitos relacionados à cultura afro-brasileira, promovendo uma educação mais justa e inclusiva.

Outro recurso é o *Manual para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024) é uma ferramenta essencial para os educadores da Educação Básica, pois oferece um suporte abrangente e detalhado para a abordagem do léxico afro-brasileiro nas aulas de LP. Aliado à obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024), esse manual possibilita uma aula contextualizada que conecta os alunos diretamente à história e aos ancestrais do povo afro-brasileiro. Além disso, proporciona uma experiência de aprendizado lúdica, enriquecendo o conhecimento dos alunos sobre as contribuições lexicais africanas ao PB. Essa abordagem integrada promove compreensão e valorização da diversidade cultural, permitindo que os alunos reconheçam e apreciem o conhecimento linguístico afro-brasileiro.

A consolidação do estudo do continente africano, em especial do léxico, de certa forma, direciona-se para o ensino mais relacionado a questões brasileiras e afro-brasileiras. Isso busca sensibilizar os profissionais da área da educação sobre a necessidade de políticas afirmativas para valorizar a cultura negra em geral. Como afirmou Nunes Pereira (2008, p. 254), é importante "[...] revalorizar a história e culturas africanas e afro-brasileira como forma de construção de uma identidade positiva" para os alunos negros. Esse processo ocorre principalmente na escola, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998), os quais orientam que a escola seja uma instância necessária para a realização de uma cidadania democrática tolerante e inclusiva.

5 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A metodologia centrada na presente pesquisa bibliográfica focou o desenvolvimento do material didático, pautado na temática das contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o PB, que tratam tópicos-chave da LP, alinhados com as diretrizes da BNCC (Brasil, 2018). Esse material consiste em uma obra literária infanto-juvenil e um livro contendo material didático com planos de aula, atividades interativas, *quizzes* e materiais complementares, visando proporcionar suporte aos professores no planejamento e na execução de aulas, os quais se encontram descritos no item 5.1: “Material didático desenvolvido”. A pesquisa objetiva explorar e compreender as contribuições lexicais dos povos africanos no contexto brasileiro, fornecendo subsídios relevantes para a prática pedagógica e o estudo das variedades linguísticas.

Segundo as colocações de Sampieri; Colado e Lucio (2006), o processo de elaboração de uma pesquisa científica envolve uma série de etapas e aspectos essenciais que devem ser considerados.

A pesquisa científica é concebida como um processo, termo que significa dinâmico, mutante e evolutivo. Um processo composto por múltiplas etapas relacionadas entre si, que acontece ou não de maneira sequencial ou contínua. Pesquisa é um processo composto por diferentes etapas interligadas (Sampieri; Colado; Lucio, 2006, p. 583).

Entendemos ser fundamental adotar abordagens que levem em consideração fatores sociais, históricos e culturais que influenciam o uso da língua no processo de ensino e aprendizagem em todas as suas etapas, especialmente no ensino da LP, a fim de auxiliar os alunos na aquisição e no desenvolvimento dos conhecimentos pertinentes a esse campo escolar. Nesse sentido, propomos a criação de um material didático para fins educativos e execução de atividades que integrem a ludicidade em conjunto com as práticas de multiletramentos.

O material didático, resultante desta pesquisa, destinado a professores da Educação Básica, objetivou relacionar as palavras de origem africana presentes no Brasil com situações de uso contemporâneas, observando o comportamento das variações lexicais nessas circunstâncias, pois acreditamos ser uma forma de perceber a educação de maneira multicultural. Quanto a isso, Rojo (2009) acrescenta:

[...] cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica (Rojo, 2009, p. 12).

O foco desta pesquisa recai sobre a prática docente em sala de aula, como professores de LP que lecionam na Educação Básica em escolas públicas, uma condição indispensável para a participação no PROFLETRAS. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é apresentar uma proposta didática para professores de LP do Ensino Fundamental com atenção nas contribuições lexicais de povos de matriz africana para a formação linguística e cultural do Brasil. Partindo da nossa experiência prática, buscamos refletir com base em estudos de documentos, a fim de desenvolver um olhar sensível e crítico em relação à realidade educacional brasileira. A abordagem adotada possui caráter qualitativo, que busca reunir documentos para confirmar ou refutar as hipóteses.

Conforme destacado por Brandão (2001, p. 13), a pesquisa qualitativa é caracterizada por uma abordagem que valoriza a compreensão profunda e contextualizada dos fenômenos estudados, buscando captar a complexidade e as nuances presentes nas interações sociais.

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p. 13).

Na metodologia desta pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental. A escolha pela abordagem qualitativa se justifica pela natureza do nosso objeto de pesquisa, que consiste na análise de documentos, registros e materiais escritos. Utilizando-nos de revisão bibliográfica, buscamos compreender as informações explícitas nos documentos, os significados subjacentes, os discursos implícitos e as mudanças presentes nos textos. Tal abordagem proporciona uma compreensão contextualizada do conteúdo dos documentos, permitindo uma análise reflexiva sobre o tema investigado.

Foram formuladas questões com o intuito de compreender a realidade e os desafios que permeiam o ensino de LP. Surgiram nessa etapa as hipóteses a seguir.

- Quais são as origens linguísticas das palavras de origem africana presentes na Língua Portuguesa brasileira?

- Como o processo histórico da escravidão e da marginalização da cultura afro-brasileira influenciou a presença e o uso do léxico afro-brasileiro na Língua Portuguesa?
- Que papel as políticas públicas e as iniciativas sociais desempenham na promoção do reconhecimento da importância histórica e cultural do léxico afro-brasileiro?
- Como podemos incentivar o uso do léxico afro-brasileiro como ferramenta de expressão cultural e de combate à discriminação racial em diversos contextos sociais?

Essas hipóteses foram confrontadas com a teoria e a pesquisa bibliográfica, a fim de embasar a criação de uma obra literária e um material didático como proposta pedagógica para professores de LP em sua prática docente, especialmente no que se refere às influências das línguas africanas no léxico do português do Brasil.

Além disso, a pesquisa também oferece a oportunidade de colocar em prática a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), que trata do ensino da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Ao expandir esse enfoque para o campo da LP em sala de aula, estamos alinhados com documentos oficiais, como a BNCC (Brasil, 2018), que destacam a importância da diversidade cultural e da valorização das contribuições dos povos africanos para a formação da sociedade brasileira.

Uma limitação desta pesquisa é a ausência da aplicação prática do material didático em um ambiente de ensino real. Isso impede a avaliação direta de sua eficácia em sala de aula. No entanto, essa limitação é compensada pela investigação das bases teóricas e normativas, que serviram como alicerces para o desenvolvimento do livro e do material para professores.

Optamos, como produto da pesquisa em questão, pela criação de um material didático para o ensino da LP como forma de iniciar a reversão problema evidenciado pela escassez de materiais didáticos dedicados às contribuições lexicais de povos de origem africana traficados para o Brasil durante o período colonial.

Além disso, a incorporação das contribuições lexicais dos povos de matriz africana na literatura infanto-juvenil, complementada por um material didático direcionado aos professores de LP, configura-se como uma estratégia inovadora para o ensino da língua, visto que transforma a sala de aula em um espaço de aprendizado inclusivo e transformador. A obra literária infanto-juvenil afro-brasileira pode despertar o interesse pela cultura e pela história dos povos de matriz africana a partir das

palavras e dos personagens selecionados para compor a obra. O material didático complementar auxilia os professores por apresentar sugestões de utilização da obra, *quizzes* e, ao mesmo tempo, oportuniza a construção de um ambiente escolar que valoriza a diversidade cultural, no qual os alunos podem se sentir representados e valorizados.

Para o desenvolvimento do material didático resultante da pesquisa, seguimos algumas etapas importantes sobre as contribuições lexicais provenientes de povos de matriz africana.

Inicialmente, ocorreu um estudo do léxico da LP, com foco especial nos itens oriundos das línguas de matriz africana. Isso requereu uma análise de palavras e expressões incorporadas ao vocabulário brasileiro ao longo dos séculos, trazidas pelos africanos escravizados que desembarcaram em nossas terras. Essa pesquisa permitiu, assim, uma compreensão mais profunda da influência linguística e cultural dessas contribuições no nosso idioma.

Na etapa seguinte, foi delineado o público-alvo tanto da obra literária quanto do material didático. Pensou-se no público infanto-juvenil para a obra literária e a proposta pedagógica foi direcionada aos professores de LP, a fim de lhes permitir “[...] estabelecer a relação de permeabilidade entre as culturas e letramentos locais/globais dos alunos e a cultura valorizada que nela circula” (Rojo, 2009, p. 52). O desenvolvimento do *Material para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o português brasileiro* (Andrade, 2024) foi parte essencial dessa etapa, visto que foi projetado para auxiliar os professores da Educação Básica a abordarem a temática de modo abrangente. O material didático desenvolvido contém informações históricas relevantes, listas de palavras e expressões de origem africana, retiradas do glossário presente na história *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024).

O desenvolvimento do material, inicialmente, teve a intenção de suprir a escassez de materiais para esse público-alvo e, na evolução das ações, ganhou mais uma função: empoderar os professores, fornecendo-lhes um conjunto de recursos que lhes possibilitará criar um ambiente de aprendizado que respeite a diversidade linguística e cultural afro-brasileira. Além disso, o material pedagógico visa cumprir as diretrizes estabelecidas pela Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e pela Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), que exigem a inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Ao armar a sociedade de conhecimento,

minimizam-se as bases constituintes do preconceito que, nesse caso, abrange o preconceito linguístico, muito comum, no que se refere ao léxico afro-brasileiro. Nesse sentido, Barbosa (2016, p. 18) declara que “A luta contra o preconceito linguístico é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e intercultural, onde todas as variedades linguísticas sejam valorizadas e respeitadas”. Ao incorporar as contribuições lexicais dos povos de matriz africana no ensino de LP, os professores desempenharão um papel fundamental na promoção da conscientização sobre a diversidade étnica e cultural do País.

5.1 MATERIAL DIDÁTICO DESENVOLVIDO

O livro *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) é uma obra literária infanto-juvenil, exclusivamente desenvolvido para compor a presente pesquisa. A partir de uma ficção e imagens criadas, por meio de IA, para a história, o livro se propõe a cantar e contar, para crianças e adultos, um universo no qual passado e presente se entrelaçam em uma celebração única de nossas raízes. Cada página é um tesouro de palavras que surgiram da interação dos povos africanos traficados para o Brasil durante a colonização. Trata-se de um convite para explorar as tradições ancestrais que ecoam por gerações, revelando os laços profundos entre um menino curioso, carinhosamente chamando de “Moleque” e sua amada “Ba”.

A seleção de palavras de origem africana no português do Brasil para a pesquisa de mestrado está documentada no glossário do livro *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024), cujo repertório de termos reflete as influências africanas na LP. Além disso, o *Material para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024) complementa essa abordagem, oferecendo uma base para o entendimento da origem e do significado dessas palavras, bem como orientações para sua integração no ensino.

O critério de escolha das palavras de origem africana para a pesquisa baseou-se em seu uso cotidiano nas conversas da região mineira, considerando tanto o ambiente escolar quanto a comunidade em geral. Além disso, levou-se em conta sua presença em comunicações informais, como diálogos entre amigos e familiares, bem como em mídias sociais e outros meios de interação. Tal critério visou capturar a relevância histórica e cultural dessas palavras, sua vitalidade e atualidade no contexto linguístico contemporâneo, refletindo assim a diversidade da LP, com palavras que

fazem parte do cotidiano dos falantes de Uberlândia, Minas Gerais.

Essa seleção se baseou na observação enquanto docente e em conversas informais com profissionais da área da educação durante os intervalos das aulas. Palavras como “cafuné”, “dengo”, “ranzinza” e outras, escolhidas para compor o livro *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024), são familiares nessa localização mineira. Foi fundamental priorizar palavras que possuam uma conexão profunda com a cultura e a história dos povos de matriz africana no Brasil. Por exemplo, termos como “cafuné” e “moleque” têm raízes africanas e são amplamente utilizados na LP do Brasil. Além disso, ao examinar as palavras, tornou-se essencial analisar tanto o significado quanto a conotação associada a elas. Por exemplo, “dengo” pode expressar carinho e afeto, enquanto “ranzinza” tende a denotar irritação ou mau-humor. Como professora de LP na Educação Básica, foi importante selecionar palavras que pudessem ser incorporadas de maneira relevante aos exercícios no Ensino Fundamental.

O *Material para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024), por sua vez, oferece uma experiência educativa e dinâmica, por se basear na obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024). Ao integrar o conteúdo da história ao material didático, os educadores terão à disposição teoria e prática, fato que oportuniza a expansão da criatividade para o desenvolvimento de novas atividades interativas e atraentes para enriquecer suas aulas.

O *Material para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024) foi estruturado em cinco módulos interativos e encontra-se disponível no Apêndice B desta pesquisa. Cada módulo combina teoria com atividades práticas, enriquecendo o aprendizado dos alunos. Além disso, apresenta *quizzes* interativos para avaliar o conhecimento dos estudantes e fornece um roteiro didático detalhado para orientar os professores na abordagem de cada tema. Com o intuito de aprimorar a experiência do usuário, ainda apresenta um mapa clicável do livro, o que permite que os professores acessem com facilidade seções específicas, proporcionando uma leitura adaptada às suas necessidades individuais.

O primeiro módulo, "Contexto histórico - Colonização e escravização africana no Brasil", fornece um alicerce histórico, contextualizando os alunos sobre a colonização e a escravidão de africanos no Brasil, preparando-os para entender as

influências linguísticas exploradas.

No segundo módulo, "Fundamentos da Linguística e evolução das línguas", o foco está nos princípios da Linguística, explicando como as línguas evoluem ao longo do tempo, preparando o terreno para uma análise mais profunda.

A terceira parte do volume, "Origens das palavras e expressões africanas no Português Brasileiro", explora as origens das palavras e expressões africanas incorporadas ao PB, revelando a riqueza lexical desse intercâmbio cultural.

"Atividades práticas com jogos como materiais didáticos" constitui a quarta seção do material. Nela, os alunos são incentivados a criar materiais didáticos, como infográficos e mapas conceituais, para representar visualmente o conhecimento adquirido.

Finalmente, o quinto módulo, "Aplicação do aprendizado em contextos amplos", promove uma visão crítica e inclusiva ao estimular os alunos a participarem de debates e discussões sobre a diversidade cultural e linguística no Brasil, explorando a influência africana na cultura e na língua brasileira e incentivando a reflexão sobre a importância de se valorizar essa diversidade.

O intuito da proposta, além de contribuir para solucionar, pelo menos em parte, o problema da escassez de materiais dessa temática, é que, em sua aplicação, os professores levem os estudantes ao desafio de compartilhar suas perspectivas, ouvir colegas e desenvolver habilidades argumentativas. Cada módulo foi projetado com cuidado para ajudar os alunos a compreenderem plenamente as influências africanas na LP, cultivando assim uma apreciação mais profunda pela riqueza linguística e cultural do Brasil.

Ademais, o material didático oferece sugestões de atividades elaboradas para que os professores de LP possam trabalhar o tema de forma eficaz. Além dos métodos de avaliação tradicionais, como testes e trabalhos escritos, destaca-se a avaliação baseada na participação ativa dos alunos, com envolvimento nas atividades e resolução de jogos e *quizzes*. Esses elementos avaliativos servirão como norteadores do conhecimento adquirido, fornecendo noções da habilidade dos alunos em aplicar o conteúdo estudado, pois a sequência didática com avaliação integrada enfatiza o conhecimento, sua aplicação prática e a participação ativa dos alunos na construção de seu aprendizado.

O material didático culmina com a sugestão de atividade que visa a conscientização de que sua implementação pode contribuir para uma educação

mais inclusiva e culturalmente sensível. Ao capacitar os professores e enriquecer o conteúdo das aulas de LP com as contribuições lexicais de povos de matriz africana, estamos fortalecendo a relação dos alunos com a língua e cultivando cidadãos que compreendem e respeitam a pluralidade étnica e cultural que caracteriza o Brasil.

6 DOS SABERES ANCESTRAIS À SALA DE AULA: MATERIALIZANDO AS CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS AFRO-BRASILEIRAS EM PRÁTICAS DIDÁTICAS

Sob título que contempla o conteúdo da pesquisa, de sua proposta à sua concretização, este capítulo apresenta a elaboração dos produtos da pesquisa — o livro infantojuvenil *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) e o *Manual para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024) — como resultado de um compromisso ético, político e pedagógico com a valorização das heranças africanas no ensino de Língua Portuguesa. Este serve como um guia teórico e metodológico para que educadores possam desenvolver práticas pedagógicas antirracistas, baseadas no reconhecimento da importância histórica e cultural das línguas africanas na formação do léxico do português falado no Brasil.

Diante das omissões históricas que ainda persistem nos currículos escolares, especialmente no que se refere ao reconhecimento das contribuições lexicais de povos de matriz africana, os materiais foram concebidos com o objetivo de inserir, de forma significativa e acessível, esse patrimônio linguístico na prática pedagógica. Busca-se, assim, aproximar os saberes ancestrais do espaço escolar, transformando o léxico afro-brasileiro em ferramenta de aprendizagem, valorização cultural e combate ao racismo linguístico.

Ambos os materiais, ao integrarem a proposta didática apresentada nesta dissertação, visam fomentar uma educação linguística que respeite a diversidade cultural e combata preconceitos historicamente arraigados na sociedade brasileira.

6.1 A ESCOLHA DA TEMÁTICA: A LÍNGUA COMO LEGADO CULTURAL

A decisão por explorar as contribuições lexicais dos povos de matriz africana fundamentou-se na compreensão de que a linguagem é um dos elementos mais potentes da cultura. Muitas palavras de origem africana estão presentes no cotidiano brasileiro — seja na culinária, seja na música, nas vestimentas ou nas expressões populares —, mas raramente são tematizadas de forma intencional no ambiente escolar.

Nesse contexto, o título *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) foi

escolhido por sintetizar, de maneira simbólica e representativa, os principais elementos abordados na obra. A "festa" mencionada no título funciona como uma metáfora para o encontro de saberes, ritmos, alimentos, palavras e afetos que compõem a ancestralidade africana viva na cultura brasileira. O termo "terreiro", por sua vez, refere-se ao espaço comum e afetivo que, em muitas regiões de Minas Gerais, é conhecido também como quintal — lugar de convivência, memória e tradição. O cenário da narrativa, ambientado em uma vila de chão de terra batida, reforça essa dimensão cultural e simbólica. Desse modo, o título articula os aspectos linguísticos e culturais tratados no livro, que tem como objetivo apresentar e valorizar as contribuições lexicais dos povos de matriz africana no PB, especialmente para o público infantojuvenil, conforme se vê na capa da obra, presente no Apêndice A da pesquisa e representada na Figura 1.

Figura 1 – Capa do livro *A Festa no Terreiro*



Fonte: Andrade; Cristianini (2024).

Desse modo, a obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) foi pensada como um recurso literário o qual, ao mesmo tempo que apresenta uma narrativa envolvente e sensível para crianças e jovens, atua como ferramenta de ensino sobre o vocabulário afro-brasileiro. Além do uso dos nomes historicamente vinculados à resistência negra, destaca-se a palavra "terreiro", empregada em sua acepção cultural e comunitária, desprovida da conotação exclusivamente religiosa. Essa escolha lexical revela a preocupação da pesquisa em abordar o legado africano de forma ampla e plural, como advogam Munanga (2010) e Oliveira (2019).

A decisão de trabalhar a temática das contribuições lexicais de povos de matriz

africana sem centralizar o discurso nas questões religiosas decorreu do reconhecimento dos desafios impostos pelo preconceito e pela intolerância, ainda fortemente presentes no contexto educacional brasileiro. A proposta visou promover um olhar afirmativo sobre a cultura afro-brasileira, destacando sua importância na formação do PB e, conseqüentemente, da identidade nacional.

A ambientação da obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) em um espaço de convivência comunitária e cultural, denominado "terreiro", buscou justamente deslocar a ideia cristalizada que associa, de modo exclusivo, o termo às práticas religiosas afro-brasileiras. Assim, na narrativa, o terreiro é apresentado como espaço de festividade, dança, música e oralidade, aspectos estes que, segundo Prandi (2016), constituem pilares fundamentais das culturas de matriz africana, extrapolando o âmbito religioso.

Como reforço dessa perspectiva, o léxico afro-brasileiro vai muito além do campo religioso e se inscreve de forma ampla e profunda na vida cotidiana, revelando a riqueza cultural dos povos de matriz africana em diversas dimensões da sociedade brasileira. Embora muitas palavras de origem africana estejam associadas às religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, sua presença no português falado no Brasil transcende esses contextos, alcançando áreas como a culinária (acarajé, vatapá), a música (berimbau, atabaque), o corpo e o afeto (cafuné, dengo), entre tantas outras. Essa diversidade lexical evidencia que a contribuição africana não está restrita ao sagrado, e integra práticas culturais, modos de viver, sentir e se expressar, sendo parte constitutiva da identidade brasileira. Conforme Aragão (2020);

É fundamental que o ensino das contribuições lexicais africanas à língua portuguesa brasileira ocorra de modo a evitar reducionismos, reconhecendo a amplitude cultural, artística e social dessas heranças, muitas vezes invisibilizadas ou estigmatizadas (Aragão, 2020).

Essa orientação visa oferecer aos docentes ferramentas pedagógicas para enfrentar o preconceito linguístico e cultural. Logo, o legado africano na formação da sociedade brasileira deve ser compreendido em sua amplitude e pluralidade, ultrapassando estereótipos e reconhecendo a riqueza das contribuições culturais, linguísticas e sociais dos povos africanos e afrodescendentes. Segundo Munanga (2010), "[...] a presença africana no Brasil é uma das matrizes formadoras da identidade nacional e deve ser entendida como uma herança viva, presente nos modos de ser, de falar, de sentir e de viver do povo brasileiro".

Essas contribuições evidenciam a centralidade da ancestralidade africana na constituição do Brasil e reforçam a importância de valorizá-la nos espaços educativos e literários. Sendo assim, a escolha dos nomes das personagens da obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) não se deu de forma aleatória, sendo, portanto, pautada por critérios simbólicos e pedagógicos, visando evidenciar a presença histórica e cultural das palavras de origem africana na formação do PB (Figura 2).

Figura 2 – Personagens Moleque e Bá



Fonte: Andrade; Cristianini (2024).

A escolha dos nomes das personagens da obra supramencionada foi orientada por critérios que valorizam e evidenciam a presença e a permanência de lexias de origem africana no português brasileiro. A personagem Bá, por exemplo, remete ao diminutivo da palavra “babá”, de origem africana, que designava a mulher encarregada do cuidado de crianças, muitas vezes associada à figura da ama-de-leite nos tempos coloniais, como comentamos. A opção por esse nome busca, portanto, ressignificar e valorizar esse papel, frequentemente invisibilizado ou associado a estereótipos depreciativos, conforme argumenta Bagno (1999) ao tratar do preconceito linguístico e dos sentidos socialmente construídos em torno de determinadas palavras.

Da mesma forma, o nome do personagem Moleque também possui origem

africana, oriunda do termo “moleke”, que significava inicialmente “menino” ou “filho de alguém” em línguas bantas (Lopes, 2003). No entanto, ao longo do processo histórico brasileiro, essa palavra sofreu ressemantização e, por vezes, adquiriu conotações pejorativas, evidenciando o fenômeno do preconceito linguístico e racial que afeta as expressões oriundas das culturas africanas (Faraco, 2012). A adoção desses nomes na narrativa teve como propósito demonstrar a riqueza e a complexidade das contribuições africanas ao léxico nacional, além de fomentar uma reflexão crítica sobre os sentidos atribuídos a essas palavras no imaginário social brasileiro.

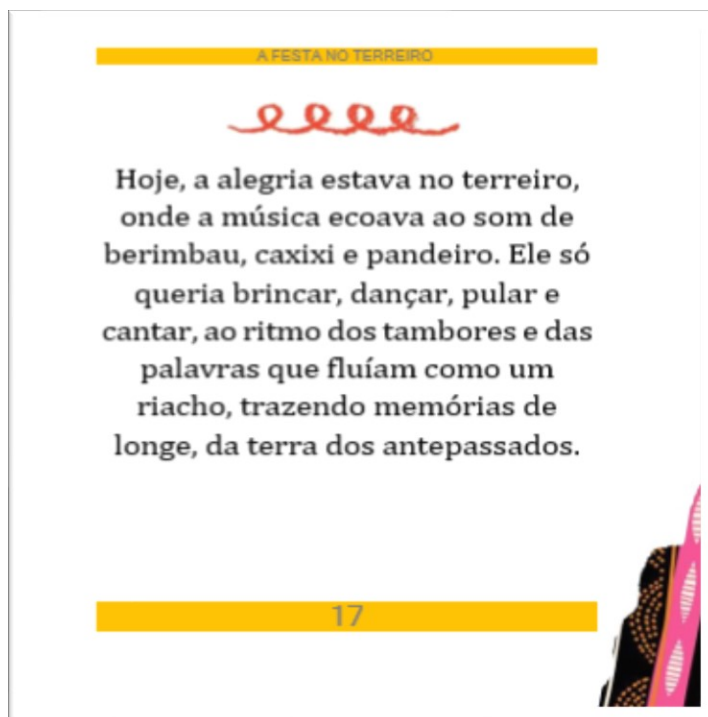
Na obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024), embora Moleque seja o nome do personagem central, na página 21 observa-se o uso do termo com letra minúscula, retomando-o em seu sentido mais comum de substantivo, e não como nome próprio. Esse recurso evidencia como certas palavras de origem africana já se encontram naturalizadas na língua portuguesa brasileira, a ponto de circularem no cotidiano sem a percepção de sua origem histórica. Castro (2001, p. 25) explica que “[...] o português do Brasil está repleto de palavras de origem africana que se tornaram usuais e familiares, de tal modo que já não são percebidas como empréstimos linguísticos”. Assim, a opção da autora em empregar “moleque” como substantivo comum sublinha o processo de internalização cultural e linguística desses vocábulos, que deixam de ser marcadores de alteridade e passam a constituir o próprio repertório do PB.

6.2 PALAVRAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: SELEÇÃO E SIGNIFICADOS

As palavras de origem africana selecionadas para compor a obra foram escolhidas, orientadas pelo pressuposto de que a língua é um reflexo das interações sociais, culturais e históricas que constituem uma comunidade (Bagno, 1999; Faraco, 2012), sendo assim elencados três critérios principais: o uso corrente no português brasileiro, seu significado cultural e seu potencial educativo. O primeiro critério considera termos que fazem parte do vocabulário cotidiano, o que facilita a identificação e a aproximação do leitor. O segundo valoriza palavras que carregam significados profundamente enraizados na cultura e nas práticas sociais de matriz africana. Já o terceiro foca a capacidade dessas palavras de estimular reflexões críticas, promover o diálogo intercultural e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Assim, termos como berimbau, caxixi (na página 17 do livro), cafuné,

cochilar e xodó (página 26) e dengo (página 40) são apresentados de forma contextualizada na narrativa, com atenção tanto ao resgate de seus sentidos originais quanto à sua possível resignificação à luz de uma abordagem educativa antirracista, observados na Figura 3.

Figura 3 – Instrumentos musicais de origem africana presentes na narrativa: berimbau e caxixi



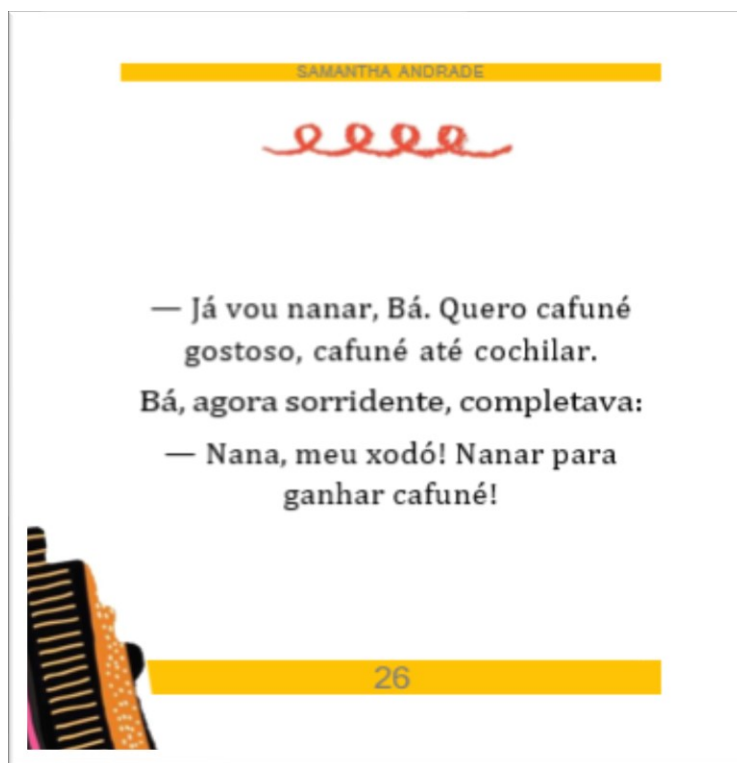
Fonte: Andrade; Cristianini (2024).

Os termos “berimbau” e “caxixi” têm origem em línguas africanas, como o quimbundo e outras de matriz banta, e estão profundamente ligados à cultura afro-brasileira. O berimbau, instrumento de corda característico da capoeira, deriva provavelmente do termo *mbirimbau* e simboliza a resistência cultural dos povos africanos no Brasil. Já o caxixi é um instrumento de percussão tradicional em várias culturas africanas, amplamente utilizado em contextos musicais afro-brasileiros, como na própria capoeira e em rituais do candomblé, reforçando a presença viva dessas heranças no cotidiano brasileiro.

As palavras “cochilar”, “cafune” e “xodó”, amplamente utilizadas no PB, têm origem africana e refletem aspectos culturais e afetivos trazidos pelos povos de matriz africana. Cafune deriva do quimbundo e refere-se ao gesto carinhoso de passar os dedos nos cabelos de alguém, representando o afeto no convívio cotidiano. Xodó, termo associado ao carinho e ao apego emocional, também possui raízes africanas e

expressa vínculos afetivos intensos. Já cochilar, embora usada para indicar um sono leve ou breve descanso, tem etimologia discutida, mas é frequentemente relacionada às influências linguísticas africanas presentes no Brasil (Figura 4).

Figura 4 – Instrumentos musicais de origem africana presentes na narrativa: berimbau e caxixi

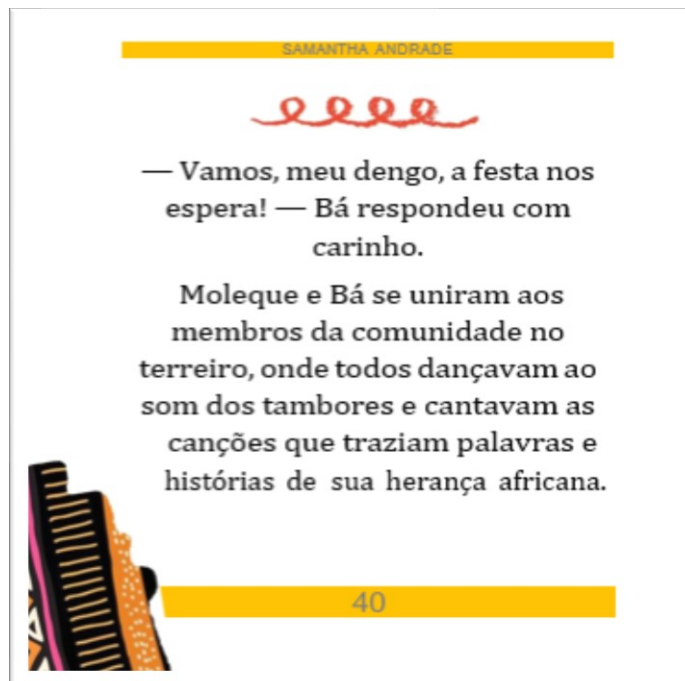


Fonte: Andrade; Cristianini (2024).

A escolha das palavras buscou sua inserção no texto, na mesma medida em que promoveu a exploração de seus contextos históricos, afetivos e simbólicos, respeitando sua origem linguística — principalmente oriunda das línguas bantas e iorubás — e sua evolução no português brasileiro. Entre essas palavras, destaca-se também “dengo”, termo de origem africana que, ao longo do tempo, adquiriu significados relacionados ao afeto, ao cuidado e à ternura, embora nem sempre sua carga histórica seja percebida no uso cotidiano. Assim, a presença de vocábulos como “cochilar”, “cafuné”, “xodó” e “dengo” na narrativa reforça o objetivo de demonstrar que a Língua Portuguesa falada no Brasil é profundamente marcada pela experiência e a resistência dos povos africanos. A Figura 5 ilustra e comprova essa inserção, evidenciando o modo como tais palavras foram incorporadas de maneira lúdica e educativa na obra. Dessa forma, o livro convida o leitor — criança, jovem ou adulto — a reconhecer que a língua é também território de memória e resistência, sendo um

espaço privilegiado para o enfrentamento de preconceitos e a valorização das múltiplas identidades que constituem a cultura brasileira.

Figura 5 – Dengo: expressão afetiva de origem africana na narrativa *A Festa no Terreiro*



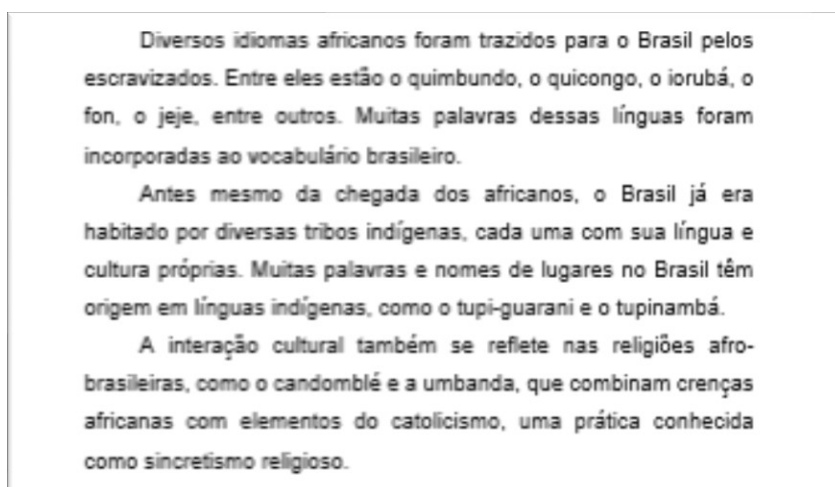
Fonte: Andrade; Cristianini (2024).

A obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) pode ser explorada de forma integrada nos diferentes níveis da Educação Básica, com propostas pedagógicas que respeitem as especificidades de cada etapa. Na Educação Infantil, podem ser realizadas atividades lúdicas envolvendo contação de histórias, músicas, brincadeiras de roda e expressão corporal, promovendo o contato inicial com a cultura afro-brasileira de maneira sensível e afetiva. No Ensino Fundamental, o livro pode ser trabalhado a partir da leitura compartilhada e da produção de textos orais e escritos, incentivando reflexões sobre identidade, diversidade linguística e manifestações culturais, além de possibilitar pesquisas sobre a origem das palavras e elementos da tradição afrodescendente. Já no Ensino Médio, a abordagem pode ser ampliada para debates críticos sobre racismo estrutural, racismo linguístico, patrimônio imaterial e representatividade, articulando os conteúdos com os componentes curriculares de Língua Portuguesa, História, Sociologia e Artes. Em todos os níveis, a proposta contribui para o fortalecimento de uma educação antirracista, interdisciplinar e alinhada à valorização da diversidade cultural brasileira.

6.3 O MANUAL PEDAGÓGICO: MEDIAÇÃO CRÍTICA E SENSÍVEL

Complementar ao livro, o manual pedagógico para professores (Andrade, 2024) foi elaborado com o objetivo de mediar e ampliar as possibilidades de uso da obra *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) em sala de aula, promovendo práticas pedagógicas antirracistas, inclusivas e contextualizadas. Entre os recursos oferecidos, destacam-se sugestões de atividades organizadas por faixa etária, contextualização histórica e linguística das palavras presentes na narrativa, além de orientações sobre como abordar temas sensíveis como racismo, identidade e preconceito linguístico. Na página 23, por exemplo, o manual trata do sincretismo religioso, oferecendo ao professor subsídios para discutir esse aspecto cultural de maneira respeitosa e informada, valorizando as múltiplas expressões de religiosidade de matriz africana presentes na cultura brasileira (Figura 6).

Figura 6 – Sincretismo religioso



Fonte: Andrade; Cristianini (2024).

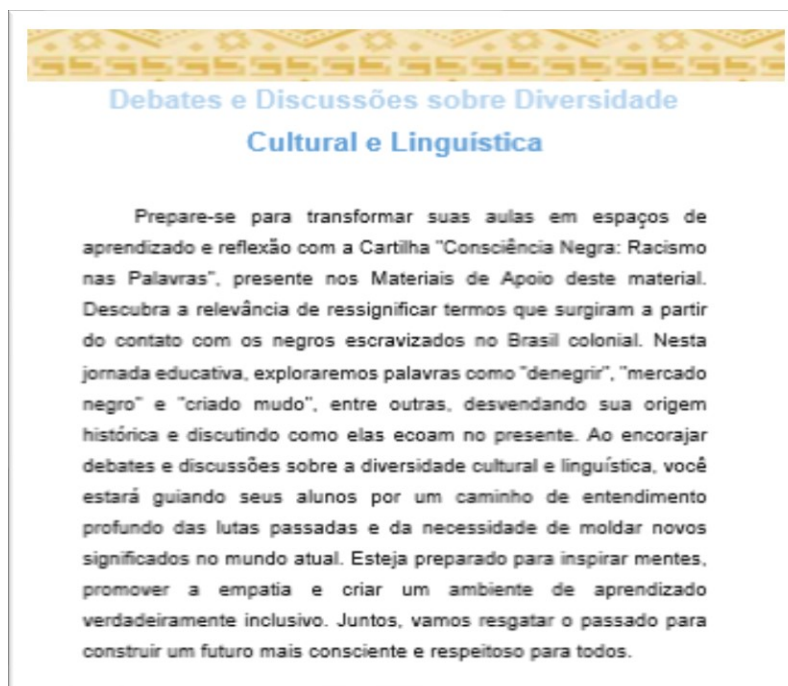
Essa abordagem possibilita que os alunos reconheçam e valorizem a diversidade religiosa presente na cultura brasileira, contribuindo para o rompimento de estigmas e a promoção do respeito às diferenças.

Outro diferencial do manual é sua adaptabilidade pedagógica. Como já mencionado, a linguagem poética, o ritmo narrativo, as ilustrações simbólicas e a musicalidade das palavras permitem que o livro seja trabalhado na Educação Infantil, com ênfase em oralidade e expressão corporal; no Ensino Fundamental, articulando leitura, produção textual e história cultural; e no Ensino Médio, por meio de debates críticos sobre identidade, racismo linguístico, sociolinguística e pluralidade cultural.

Nesse contexto, é fundamental compreender que o racismo linguístico “[...] é uma forma de dominação que se exerce por meio da desvalorização das variedades linguísticas associadas a grupos socialmente marginalizados, como os negros, os pobres e os indígenas” (Bagno, 1999, p. 34).

O manual incorpora referências legais e curriculares, como a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e a BNCC (Brasil, 2018), oferecendo orientações práticas para o desenvolvimento de avaliações formativas pautadas em atitudes, escuta sensível e aprendizagens significativas. Ao fazer isso, fortalece-se uma prática pedagógica comprometida com os direitos humanos, a equidade e a justiça social. Além disso, o referido volume configura-se como um instrumento de apoio à formação continuada dos docentes, incentivando a construção de projetos interdisciplinares e ações pedagógicas planejadas que valorizem a história, os saberes e as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes no Brasil, conforme o que se vê na Figura 7.

Figura 7 – Palavras e expressões que nasceram do contato colonial com povos negros e adquiriram conotações pejorativas no português brasileiro



Fonte: Andrade (2024).

Na página 42, propõe-se o trabalho com expressões como “denegrir”, “mercado negro” e “criado-mudo”, abordando seus significados atuais, e, principalmente, os contextos históricos e sociais de sua origem. “Denegrir”, por exemplo, significa “tornar negro” e passou a ser associado a ações de desqualificar ou difamar alguém,

perpetuando a ideia de que “o negro” está ligado ao negativo. Já “mercado negro” refere-se a atividades ilegais, mas a expressão surgiu em referência ao comércio clandestino de pessoas escravizadas, historicamente associado à cor da pele dos indivíduos traficados. Por fim, “criado-mudo” era o nome dado a um móvel que “servia” ao lado da cama dos senhores, em alusão aos criados negros que ficavam em silêncio ao lado dos patrões durante a noite.

No ambiente escolar, sugere-se promover rodas de conversa, análises de textos e debates guiados que incentivem os alunos a refletir criticamente sobre a linguagem, reconhecendo como ela pode carregar marcas do racismo estrutural e influenciar a forma como nos relacionamos com a história e com o outro. Esse trabalho contribui para a construção de uma educação antirracista, alinhada com os princípios da equidade e do respeito à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, procuramos abordar a invisibilidade e a marginalização das contribuições lexicais afro-brasileiras no ensino de Língua Portuguesa. Guiados por uma experiência docente marcada pela carência de materiais adequados, identificamos a necessidade de promover um ensino que reconheça e valorize as contribuições afro-brasileiras na formação de nossa língua e cultura.

A pergunta norteadora: "Como podemos incorporar o léxico afro-brasileiro no ensino de Língua Portuguesa, promovendo o reconhecimento da sua importância histórica e cultural, combatendo o preconceito linguístico e garantindo o uso adequado e respeitoso dos termos afrodescendentes na obra literária, na sala de aula e em outros contextos sociais?" foi o que determinou os rumos da pesquisa. A partir dela, trouxemos uma proposta didática transformadora para professores de LP do Ensino Fundamental, com foco nas contribuições lexicais de povos de matriz africana para a formação linguística e cultural do Brasil.

Para responder à pergunta norteadora, exploramos caminhos delineados pelos objetivos específicos. O desenvolvimento da pesquisa envolveu as seguintes ações: revisar a história do tráfico negreiro no Brasil; abordar o processo de colonização e escravização de africanos para entendermos a influência das suas línguas na formação da Língua Portuguesa brasileira; apresentar, sob um viés histórico, as políticas educacionais voltadas para a comunidade negra no Brasil, com foco nas Leis nºs 10.639/2003 (Brasil, 2003) e 11.645/2008 (Brasil, 2008); criar uma obra literária infantojuvenil repleta de palavras de origem africana; elaborar um material didático complementar à obra literária infantojuvenil, direcionado aos professores do Ensino Fundamental, com ênfase no professor de Português.

Apesar de termos atingido os objetivos propostos com este trabalho, é importante reconhecer que ainda há um longo caminho a percorrer. Durante a pesquisa, identificamos lacunas que não podem ser supridas exclusivamente por meio de estudos acadêmicos. Essas lacunas estão relacionadas à escassez de materiais que abordem a fundo os temas explorados nesta pesquisa. Além disso, percebemos que o Brasil precisa de um amplo trabalho de conscientização sobre suas bases históricas. Valorizar e ampliar o conhecimento que foi silenciado durante o processo

de colonização é essencial para o desenvolvimento do País.

Outro obstáculo foi encontrar palavras do léxico afro-brasileiro que fossem adequadas a crianças e jovens. Muitas dessas palavras têm raízes profundas na cultura e na história afro-brasileira e podem estar associadas a experiências dolorosas, como a escravidão e o racismo. Nesse momento, optamos por termos que fossem enriquecedores e respeitosos, evitando reforçar estereótipos negativos. Além disso, a linguagem do livro precisava ser leve e acessível, a fim de atender aos diferentes níveis de compreensão e vocabulário de crianças e jovens do Ensino Fundamental – então, a escrita precisava ser simples, porém, sem subestimar a inteligência do público-alvo da obra. Encontrar o equilíbrio entre simplicidade e profundidade foi um desafio constante.

Desafio, também, foi lidar com o preconceito e o apagamento histórico de fatos relevantes para o entendimento global, principalmente da percepção dos povos que foram traficados, violentados, massacrados e, em meio a tudo isso, ainda sim, foram capazes de produzir e disseminar cultura e conhecimento em vários campos de atuação humana. A temática afro-brasileira frequentemente é marginalizada ou minimizada, e enfrentar isso de forma sensível e educativa foi essencial. O material desenvolvido apresenta palavras de origem africana que fazem parte do PB e, ao mesmo tempo, permite abrir uma porta para reflexões mais amplas sobre a verdade histórica e a importância de reconhecer a influência dos povos de matriz africana em nossa língua e cultura.

Cabe às escolas, além de celebrar datas como o 20 de novembro, desenvolver a consciência histórica e cultural do País em suas atividades cotidianas. A rotina avaliativa desse processo, por sua vez, gera conhecimento e dá vida às práticas pedagógicas observando e respeitando a diversidade presente nos espaços escolares. Ao abdicarmos dela, instaura-se um ambiente de conflito, parcialidade, desconforto e desgaste nas interações entre os sujeitos.

A educação, como um farol a iluminar o caminho dos cidadãos, deve propiciar a reflexão. Através desse movimento, formaremos indivíduos autônomos, capazes de respeitar a diversidade inerente ao fator histórico da sociedade brasileira, construindo um futuro mais próspero e inclusivo.

No transcorrer desta investigação, deparamo-nos com um universo repleto de possibilidades que sinalizam para futuras explorações. Entre as trilhas que se desdobram à nossa frente, há caminhos que nos conduzem às raízes da Língua

Portuguesa usada no Brasil, através da historicidade e da diacronia linguística, considerando as transformações do idioma ao longo do tempo, especialmente as influências africanas desde o período colonial, de maneira aprofundada, as variações regionais desses termos, observando como diferentes regiões do Brasil adotaram e adaptaram essas palavras em seu vocabulário local; ou, até mesmo, explorar as influências das palavras afro-brasileiras na cultura popular do Brasil, analisando seu impacto na música, na dança, na literatura e em outras formas de expressão artística, sendo relevante avaliar como esses termos são ensinados e compreendidos pelos alunos.

O sincretismo linguístico e cultural é evidente, com as línguas africanas entrelaçando-se harmoniosamente com o português, resultando em variados novos termos e significados. Nesse contexto, a implementação de materiais didáticos surge como um recurso valioso, pois eles podem simplificar conceitos complexos, transformando a aprendizagem em uma experiência interativa e envolvente. Ao unir a pesquisa que desenterra as complexas origens das palavras com o uso criativo e pedagógico de materiais didáticos simples, mas não simplistas, conseguimos transmitir conhecimento e incitar o respeito pela riqueza linguística e cultural do mundo ao nosso redor. Assim, a continuidade dos estudos linguísticos enriquece nossa compreensão do passado e ilumina o caminho para um futuro educacional mais inclusivo e inspirador.

Em síntese, a realização da presente pesquisa, que culminou com a criação do livro de literatura infantojuvenil e material para professores, foi uma jornada de sensibilidade, estudo e compromisso com a valorização da diversidade. A certeza de que esta pesquisa não se encerra em si mesma, mas serve como um convite à reflexão, tornou o processo ainda mais significativo. Esperamos que esses recursos contribuam para uma educação mais inclusiva e consciente e que possam desempenhar um papel importante na formação linguística e cultural dos alunos os quais tiverem acesso ao seu resultado, ao passo que equipem professores com recursos e estratégias que promovem a compreensão, a valorização e a inclusão das contribuições culturais e linguísticas africanas.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. *In*: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Luiz Fernando de. **Diversidade linguística e ensino de português**: reflexões sobre o preconceito linguístico. Campinas: Pontes Editora, 2019.
- ALVES, Castro. **Obra completa**. Organização e notas de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. Publicado originalmente em *A Cachoeira de Paulo Afonso: poema original brasileiro* (1876).
- ANDRADE, Samantha. **Manual para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro**. Produto educacional (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2024. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Cristina Cristianini.
- ANDRADE, Samantha; CRISTIANINI, Adriana Cristina. **A Festa no Terreiro**. Produto educacional (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2024. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Cristina Cristianini.
- ANTUNES, Irandé. **A Coesão Textual**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ARAGÃO, Bruna de Faria. **Contribuições das línguas africanas ao português brasileiro**: possibilidades para a valorização da cultura afro-brasileira no ensino de língua materna. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/14565>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Henrique; LUZIO, Nildo. **Avaliação da educação básica**: em busca da qualidade e da equidade no Brasil. Brasília: Inep, 2005.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Linguística**, Montevideu, v. 30, n. 2, dez. 2014. Disponível em: SciELO Uruguay. Acesso em: 23 jul. 2025.
- BAGNO, Marcos. A língua como instrumento de poder. **UNE** - União Nacional dos

Estudantes. 2014. Disponível em: <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

BAGNO, Marcos. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, maio 2016. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i16p19-32>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115266>. Acesso em: 03 abr. 2024.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARBOSA, S. R. **Preconceito linguístico e ensino de língua portuguesa**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX. *In*: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação dos negros e outras histórias**. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico**. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 40, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. **Tradterm**, São Paulo, v. 7, 2001c. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49147>.

BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**: uma seleção dos principais textos do líder negro. São Paulo: Ática, 1978.

BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org.). **Psicologia**: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor de língua materna**: construindo uma proposta de ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRANDÃO, Zaia. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 113, jul. 2001. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100->

15742001000200008.

BRASIL. [Constituição (1824)]. **Constituição Política do Império do Brasil** (de 25 de março de 1824). Elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25 de março de 1824. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 13 jul. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854**. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>. Acesso em: 13 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Acesso em: 05 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena'. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Acesso em: 01 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Senado Federal. Subsecretaria de Informações. **Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911**. Lei Orgânica Rivadávia Correia. Approva a lei Organica do Ensino Superior e do Fundamental na Republica. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/acervos/decreto-8659-1911-lei-organica-rivadavia-correia>. Acesso em: 13 jul. 2025.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Introdução à fonética e à fonologia do português**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CÂMARA JR. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CAMBRIDGE Dictionary. **Dialeto**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/portugues-ingles/dialeto>.

Acesso em: 23 jul. 2025.

CARVALHO, José de. **Língua portuguesa**: história, sociedade e cultura. São Paulo: Scipione, 2019.

CASTRO, Amália Rodrigues de. **Introdução à linguística portuguesa**. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

CASTRO, Átila Nunes de. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

CASTRO, Heloísa Gonçalves de. **O português brasileiro**: uma história da língua em contato. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. *In*: **Secretaria Municipal de Educação** - Prefeitura da Cidade de Salvador (Org.). Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2019.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Camões com Dendê**: O Português do Brasil e os Falares Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / Topbooks, 2001.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Prefácio. A influência africana no português do Brasil, um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro. *In*: MENDONÇA, Renato. **A influência africana no Português do Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

COUTO, Jorge. A gênese do Brasil. *In*: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem incompleta**: a experiência brasileira. São Paulo: Editora Senac, 1999.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói/RJ, n. 23, 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>.

DUEK, Tufí. **Dicionário do Quilombo**: Palavras usadas pelos negros nas senzalas e que foram consagradas no vocabulário atual. São Paulo: Editora Exemplo, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. *In*: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Mary. **Povos e culturas de Angola**: Uma análise socioantropológica. 2. ed. Luanda: Editora Nzila, 2022.

FONSECA JÚNIOR, Eduardo. **Dicionário antológico da cultura afro-brasileira**. São Paulo: Maltese, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada** – um estudo sobre a história do negro na educação brasileira 1993-2005. Brasília/DF: Inep, 2007.

HOLM, John. **Pidgins and Creoles**: Volume 1, Theory and Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

KOPYTOFF, Igor. Slavery. **Annual review of anthropology**, vol. 11, 1982. DOI <https://doi.org/10.1146/annurev.an.11.100182.001231>.

LOPES, Nei. **Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LUCCHESI, Dante Eustachio; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523208752>.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MELLO, J. C. **Nação e Cidadania no Brasil**: Um Debate. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

MENDONÇA, Mário Carneiro de. **A Amazônia na era Pombalina**. 2. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2005.

MOURA, Clóvis Steiger de Assis. **Africanos no Brasil**: A Construção da Liberdade. Companhia das Letras, 2019.

MOURA, M. C. de. **O léxico afro-brasileiro na escola**: propostas para o ensino de língua portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. **Cadernos Penesb**, 08/ju 2010, 2010. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_EducacaoEDiversidadeCultural.pdf. Acesso

em: 26 ago. 2025.

NARO, Anthony. The social and structural dimensions of syntactic change. **Language**, v. 57, n. 1, 1981.

NASCIMENTO, Gabriel. **Preconceito Linguístico**: Os Subterrâneos da Linguagem e do Racismo. Belo Horizonte: Editora Letramentos, 2019.

NASCIMENTO, Sílvia Fernandes do. **O provérbio africano no português brasileiro**: estudo comparativo e análise da função pragmática. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

NO TEMPO do Cativado (Ao Vivo) (feat. Boca Rica). Intérpretes: Mestre Toni Vargas / Mestre Boca Rica. *In*: FEIRA de Cantigas. © 2019 Mestre Toni Vargas. [S.l.], 20 out. 2020. Música digital. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oFHR1ZmTSQU>. Acesso em: 27 maio 2024.

NUNES PEREIRA, Luena Nascimento. **O ensino e a pesquisa sobre a África no Brasil e a Lei 10.639**. Em publicação: Los estúdios afroamericanos y africanos em América Latina: herencia, presencia y visiones del outro. Lechini, Gladys Centro de Estudios Avanzados, Programa de Estudios Africanos. Córdoba; CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias sociales, Buenos Aires, 2008, p. 253-273. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/sursur/AFRICAN/15nun.pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.

OLIVEIRA, José Batista de. **Diversidade linguística e educação**: desafios e perspectivas. Brasília: Letras Livres, 2017.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. A cultura afro-brasileira como patrimônio cultural: reflexões preliminares. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT, 15., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111688.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

OLIVEIRA, R. **Culturas em Contato**: Povos Indígenas e Colonizadores no Brasil. Editora Brasileira, 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, Clacso, Buenos Aires-Argentina, setembro, 2005.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro**: uma história humana. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RODRIGUES, Jaime. Navio Nегreiro. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras,

2018.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROLNIK, Raquel. **O Trabalho Escravo nas Plantações de Cana-de-Açúcar do Brasil Colonial: Uma Análise das Fontes Históricas**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 2006.

SANTANA, José Valdir Jesus de; MORAES, Jorlúcia Oliveira. História do negro na educação: indagações sobre currículo e diversidade cultural. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá/PR, n. 103, dez. 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Wilmhara Benevides S. Alves dos. A presença africana nas palavras que falamos em português. **Museu da Língua Portuguesa**, São Paulo, mar. 2018. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/presenca-africana-nas-palavras-que-falamos-em-portugues-um-artigo-de-wilmhara-benevides-s-alves-dos-santos/>. Acesso em: 30 maio 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil - O papel do Congresso Nacional na legislação de ensino**. Campinas/SP: Autores Associados, 1999.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **História do Brasil Nação: 1808-2010**. Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e Negro** – Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHWARCZ, Lília Moritz *et al.* **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. *In*: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio. (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1635**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

SILVA, Agenor. **Dicionário de Palavras e Expressões Brasileiras de Origem Africana**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

SILVA, Benedita da. Apresentação da edição brasileira. *In*: BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. Editora Ática, 1990.

SILVA, Benedito. **O léxico afro-brasileiro**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SILVA, Charliane Miranda da; CUNHA, Gabriella Weinz. **Fonética, fonologia e escrita**: processos fonológicos de harmonia vocálica e apagamento sob o olhar do professor de língua portuguesa. (Dissertação de Mestrado) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023. DOI <https://doi.org/10.47209/2594-4916>. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/index>. Acesso em: 15 out. 2024.

SOUZA, Izabel Cristina de; GUASTI, Maria Cristina Figueiredo Aguiar. Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 41., 2018, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: Repositório RIUFF. Acesso em: 23 jul. 2025.

SOUZA, Laura de Mello e. **Colonização e Cultura**: A Interseção de Mundos no Brasil Colonial. Editora Nacional, 2019.

SOUZA, Maria da Glória Lima. **Educação e diversidade cultural**: desafios para a prática pedagógica. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSELL, Angela. African Traders of Enslaved People. **ThoughtCo.**, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/african-traders-of-enslaved-people-44551>. Acesso em: 26 maio 2024.

XAVIER, Francisco da Silva. **Fonologia segmental e supra-segmental do Quimbundo**: variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange. 2010. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI <https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-20102010-091425>. Acesso em: 18 ago. 2025.

APÊNDICES

Nestes apêndices, exploraremos duas obras de grande relevância que enriquecem nosso estudo sobre as contribuições culturais e linguísticas afro-brasileira. Os livros *A Festa no Terreiro* (Andrade; Cristianini, 2024) e *Manual para Professores sobre as Contribuições Lexicais dos Povos de Matriz Africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024) oferecem percepções significativas e nos conduzem a uma jornada de descoberta.

Nas páginas de *A Festa no Terreiro* (Andrade, 2024), as palavras ganham vida, celebrando a rica herança cultural afro-brasileira. A obra nos transporta para um universo de festividades, tradições e histórias que ecoam através das gerações. Ao mergulhar nessa obra, exploramos as raízes culturais e linguísticas que moldaram nossa sociedade.

Ao passo que *Material para professores sobre as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o Português Brasileiro* (Andrade, 2024) é um recurso essencial para educadores. Nele, encontramos orientações sobre como abordar as contribuições lexicais dos povos de matriz africana em sala de aula. As palavras e expressões que enriquecem nosso idioma têm origens diversas, e este livro nos convida a explorar essas conexões profundas. Ao compreender melhor a influência dessas contribuições, podemos promover uma educação mais inclusiva e valorizar a diversidade linguística.

A FESTA NO TERREIRO



Samantha Andrade

A FESTA NO TERREIRO



Samantha Andrade

Esta é uma história original elaborada
como parte da pesquisa de
Mestrado Profissional em Letras,
desenvolvida por
Samantha Jackeline Costa de Andrade,
sob orientação da professora
Dra. Adriana Cristina Cristianini,
que também atuou como coautora,
colaborando na concepção do enredo,
bem como na seleção e contextualização das palavras
de origem africana que estruturam a narrativa.

As ilustrações, no entanto,
foram criadas a partir da utilização da
Inteligência Artificial *Copilot*.

A FESTA NO TERREIRO



Samantha Andrade



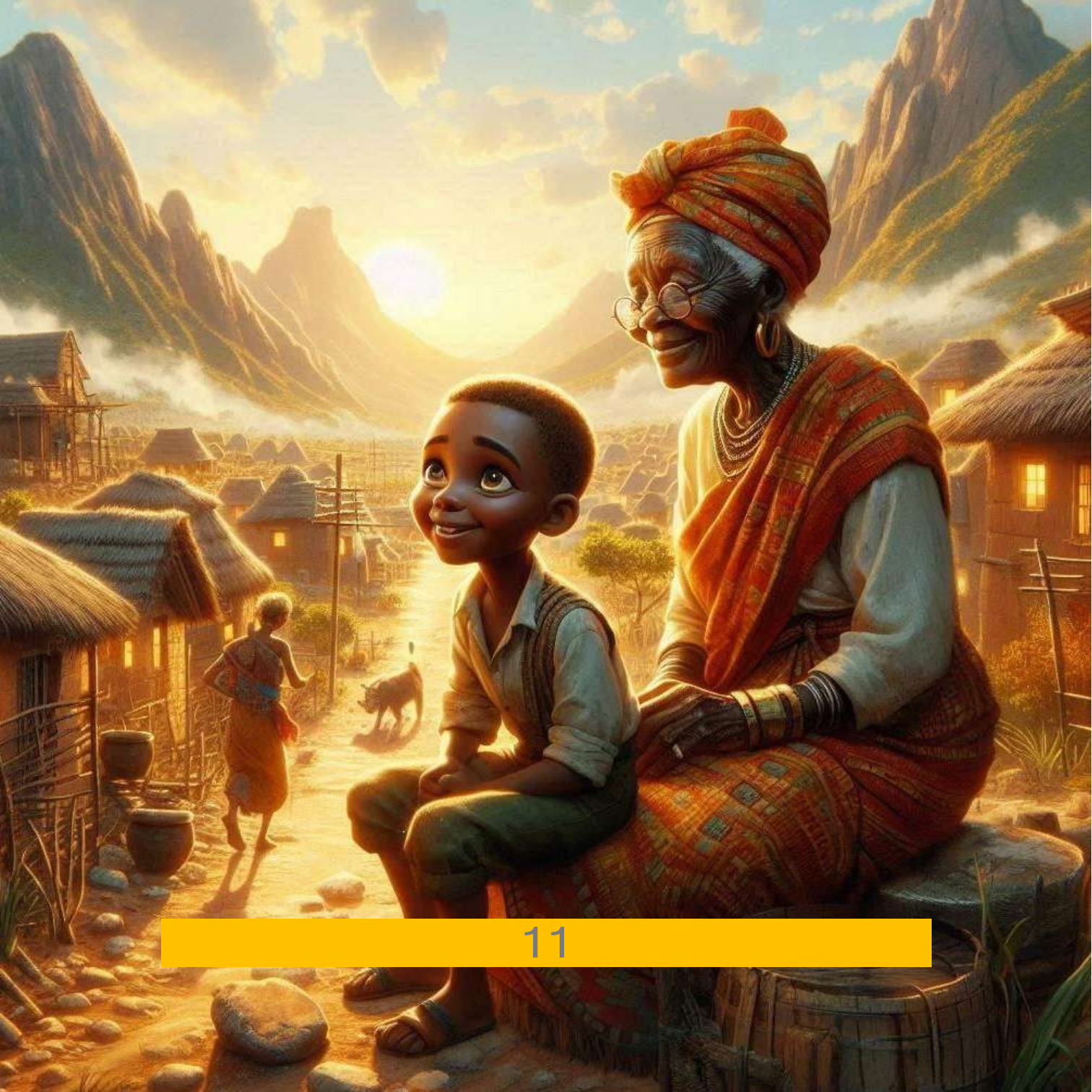
No Triângulo Mineiro, no coração
de uma comunidade repleta de
tradições e encantos, viviam um
menino vibrante e
uma sábia senhora.





Eles eram conhecidos por todos
como Moleque e Bá, e suas vidas
eram entrelaçadas por uma
história cheia de cores, ritmos e
palavras vindas da África.









A cada dia, quando o sol começava a se recolher no horizonte, a voz gentil de Bá chamava Moleque para os braços do sono.

Mas Moleque era um raio de energia, que corria de um lado para o outro, porque, naquele dia, não era um dia qualquer. Era dia de festa no terreiro.





Moleque corria de um canto a outro, como um raio de sol agitado, enquanto a ranzinza babá ainda insistia:

— Vem cá, meu dengo! Hora de nanar.

Mas Moleque não queria ouvir falar de descanso.









Hoje, a alegria estava no terreiro, onde a música ecoava ao som de berimbau, caxixi e pandeiro. Ele só queria brincar, dançar, pular e cantar, ao ritmo dos tambores e das palavras que fluíam como um riacho, trazendo memórias de longe, da terra dos antepassados.





— Quer nanar, não, Bá! Quer nanar,
não, Bá! Quero ficar no meio da
muvuca só espiando o catupé
passar.









E assim, a noite caía sobre o céu
estrelado.

A senhora Bá, com uma voz
ranzinza, chamava mais uma vez:
—Vem cá, moleque, hora de nanar.





Mas Moleque resistia, sua
empolgação o mantinha acordado,
porque hoje não era uma noite
qualquer. Hoje, o terreiro se
iluminaria com a luz das estrelas e a
chama da fogueira.

— Bá, já vou! Hoje tem samba no
terreiro e a fogueira a queimar.









A Bá brava continuava a insistir:
— Passa aqui, moleque, e deixe de
lengalenga!

Moleque já estava cedendo, as
pálpebras pesadas, pois queria
sentir o cafuné gostoso de Bá antes
de adormecer.



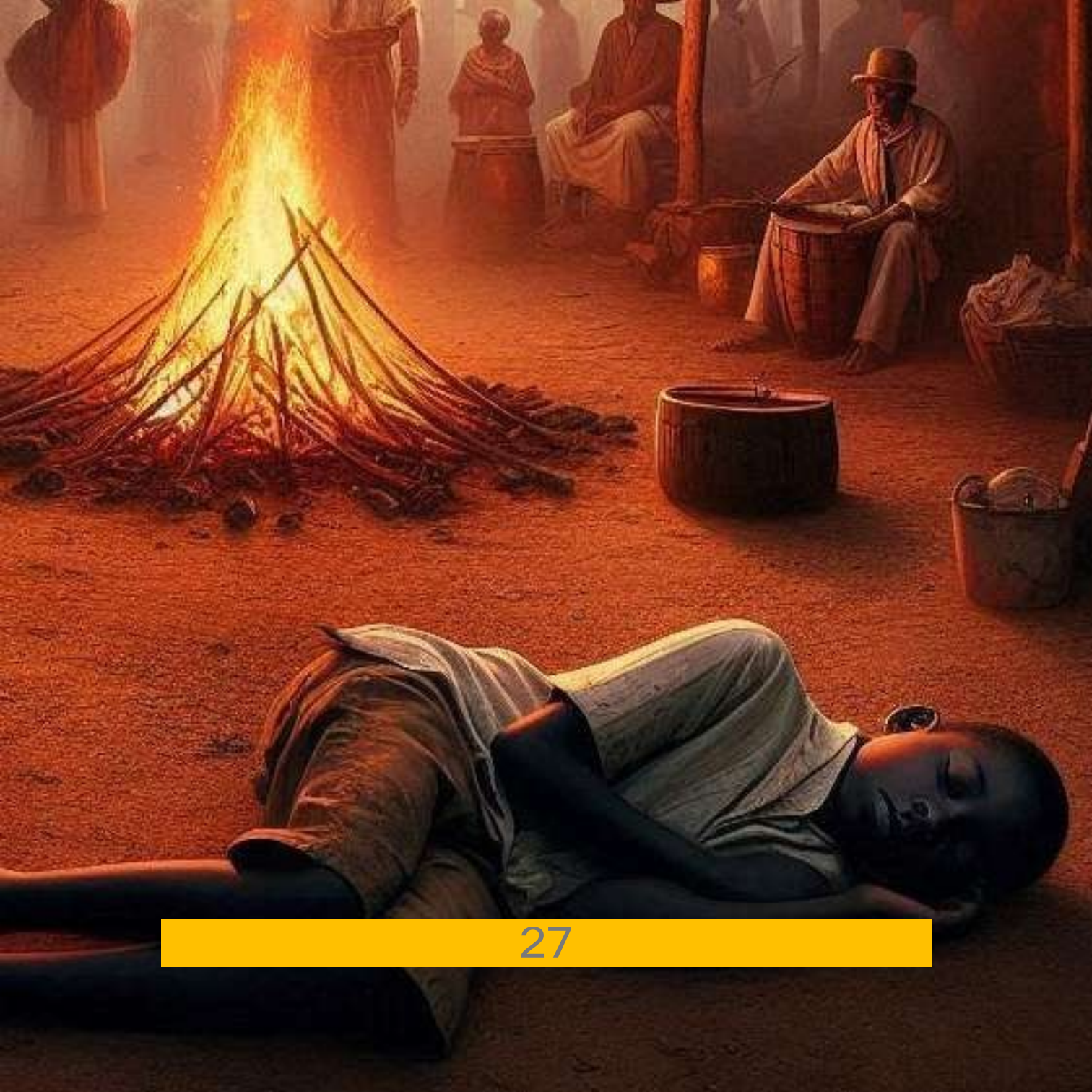


— Já vou nanar, Bá. Quero cafuné gostoso, cafuné até cochilar.

Bá, agora sorridente, completava:

— Nana, meu xodó! Nanar para ganhar cafuné!

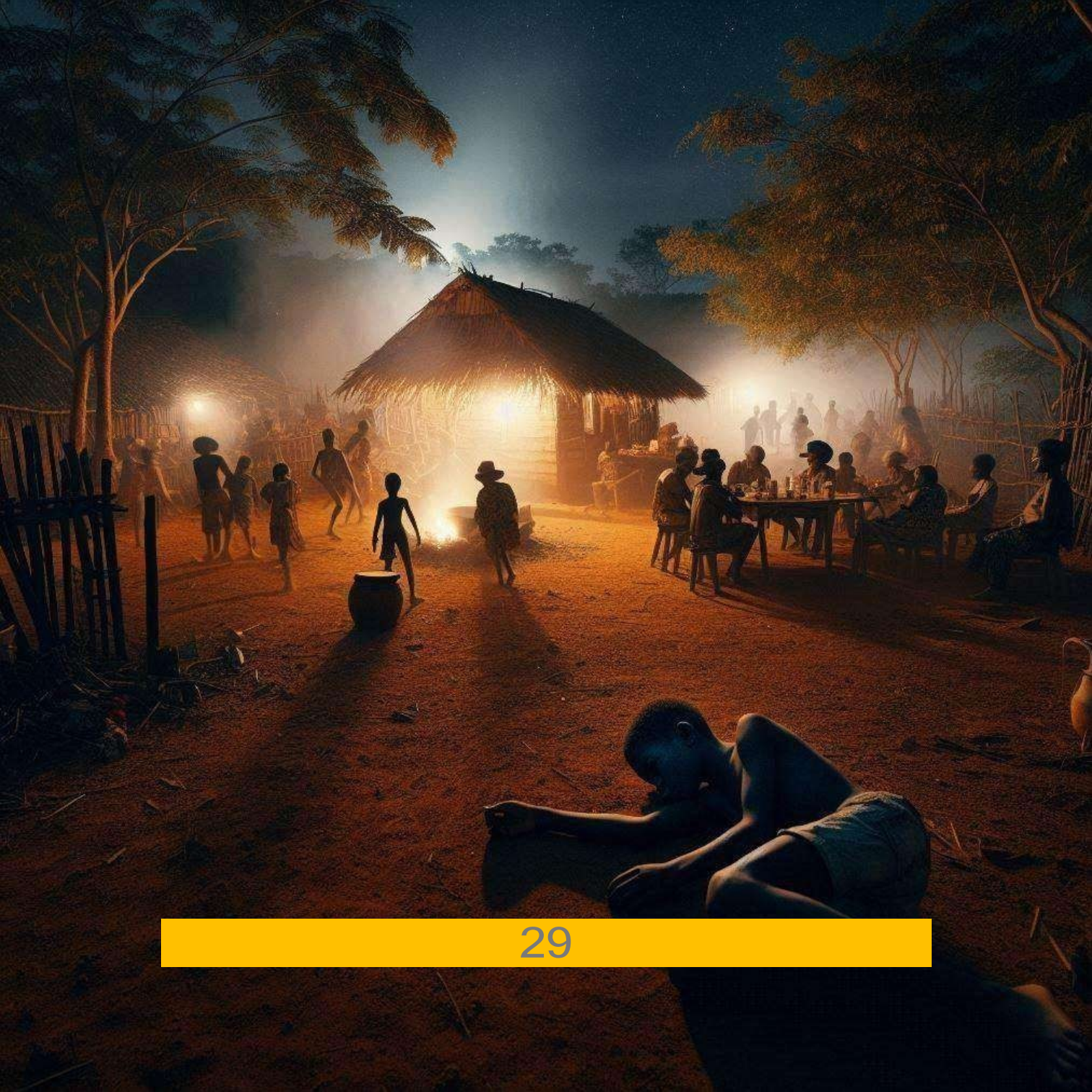






E, assim, Moleque adormeceu, ao
som do ritmo suave de “Oro mi
maió”:









“Quando eu era criança
Minha mãe cantava pra mim
Uma canção em yorubá
Cantava pra eu dormir
Uma canção muito linda
Que o seu pai te ensinou
Trazida da escravidão
E cantada por seu avô
Era assim:





Oro mi má

Oro mi maió

Oro mi maió

Yabado oyeyeo

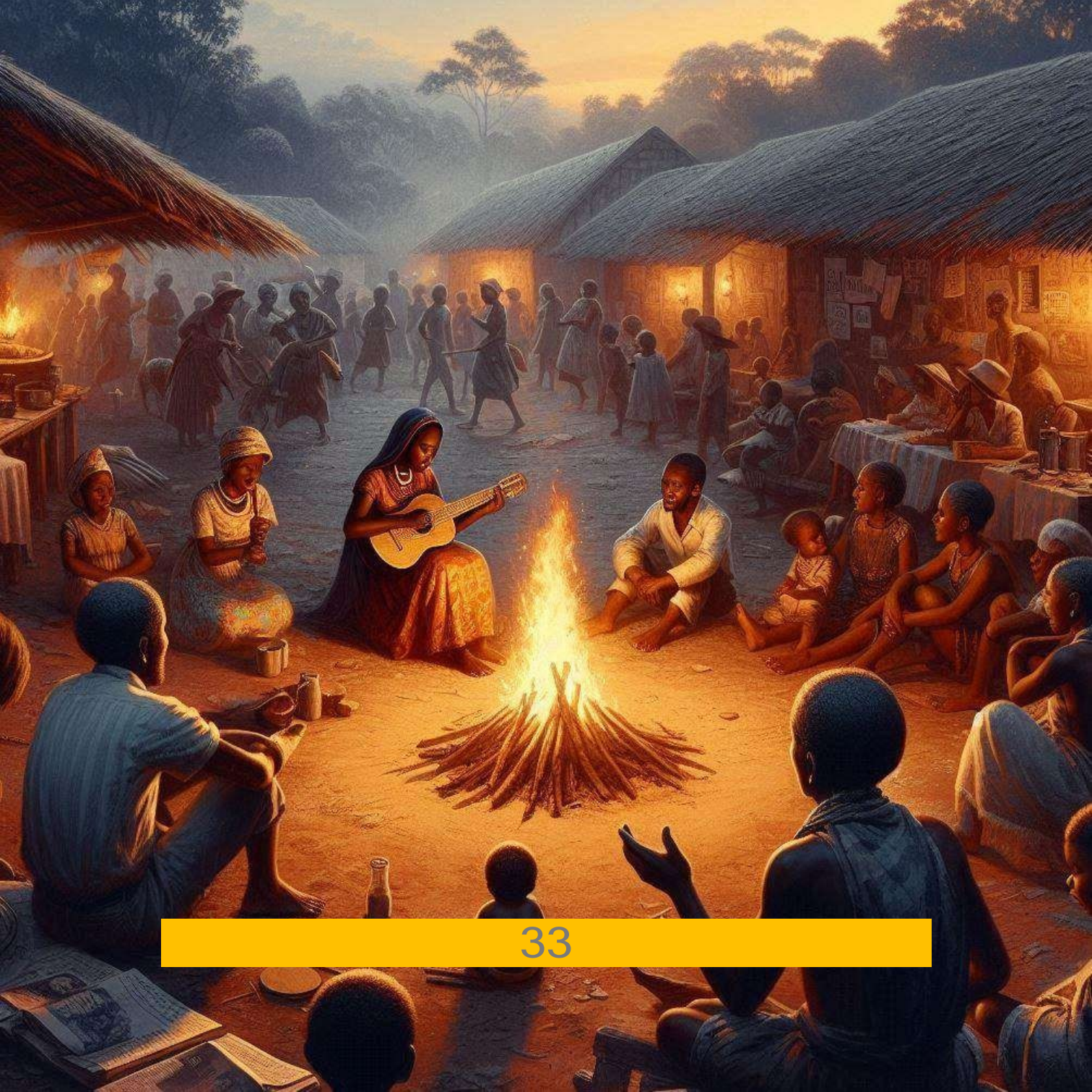
Oro mi má

Oro mi maió

Oro mi maió

Yabado oyeyeo









E Deus é o mar
Deus é o maior
Deus é o maior
Me ajudou a vencer
E Deus é o mar
Deus é o maior
Deus é o maior
Me ajudou a vencer!”





A noite estava viva no terreiro. O brilho das estrelas rivalizava apenas com o fogo da grande fogueira que crepitava no centro do local sagrado. As pessoas se reuniam, vestidas com roupas coloridas e sorrisos nos rostos, prontas para a celebração que estava prestes a começar.









Moleque acordou e, antes mesmo de abrir os olhos, já sentia o som dos tambores que ecoavam pela comunidade. Era o ritmo ancestral, que fazia seu coração bater em sintonia.

—Bá, Bá! Acordamos tarde, a festa já começou! — Moleque exclamou, empolgado.





— Vamos, meu denço, a festa nos espera! — Bá respondeu com carinho.

Moleque e Bá se uniram aos membros da comunidade no terreiro, onde todos dançavam ao som dos tambores e cantavam as canções que traziam palavras e histórias de sua herança africana.









As palavras fluíam como um riacho,
e Moleque entendia o significado
por trás delas. "Axé" significava
energia positiva, e todos ali a
compartilhavam. "Samba" era mais
do que uma dança; era uma
expressão da alma. Moleque sentia
que a herança de seus
antepassados estava viva em cada
movimento, em cada batida do
coração.

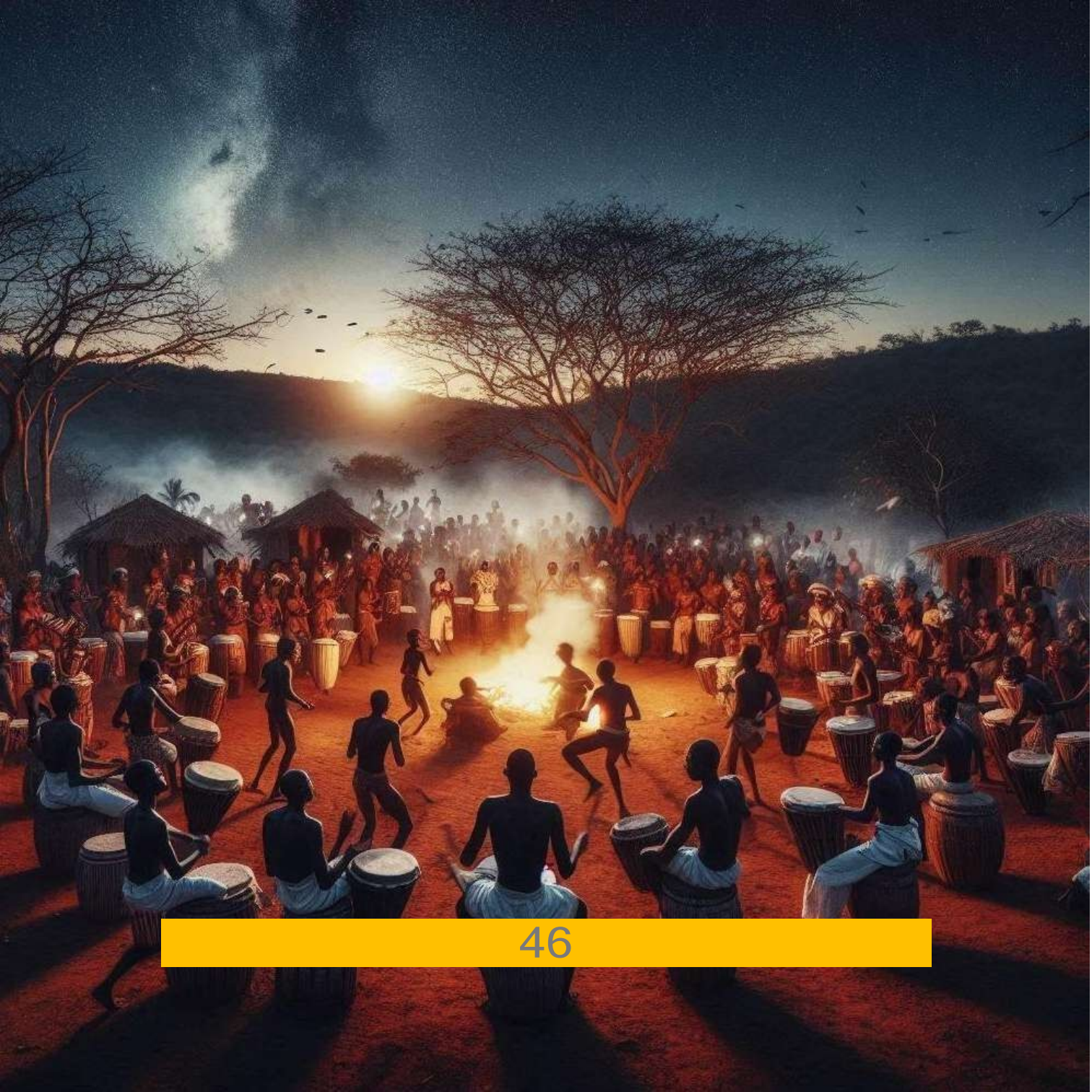




E assim, Moleque e Bá, com suas
palavras e ritmos africanos,
celebraram a vida, a história e a
cultura que os ligava
profundamente ao seu passado e ao
futuro brilhante que os aguardava.









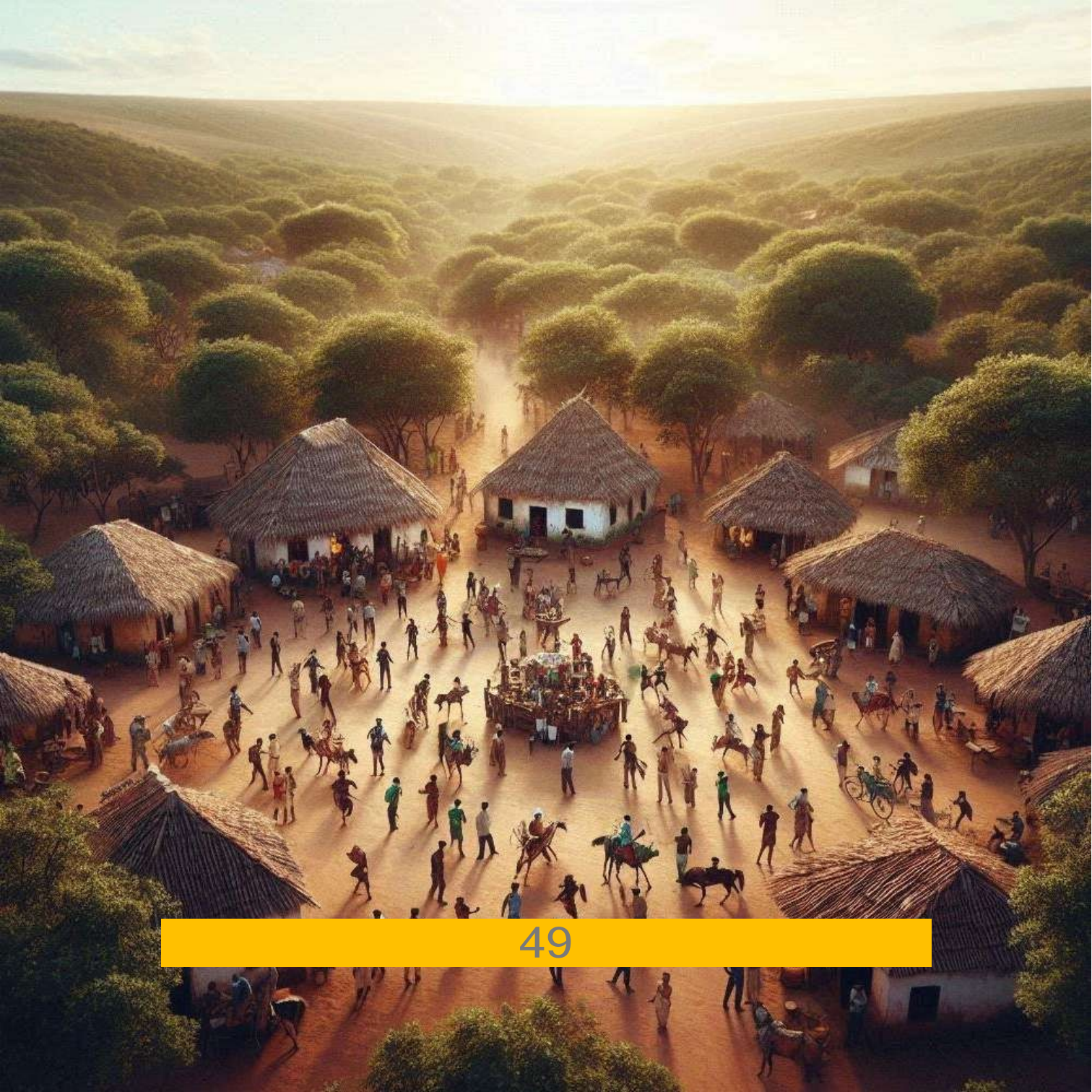
FIM.





GLOSSÁRIO









Axé: Saudação. Força vital e espiritual.

Babá: origem controvertida, para alguns estudiosos é originária do quimbundo; para outros, é do idioma iorubá. Pai-de-santo. Amaseca.



Berimbau: instrumento musical composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância.

Cafuné: coçar a cabeça de alguém.

Catupé: cortejo afro mineiro em que as fardas de seus integrantes são enfeitadas de fitas e dançam e cantam acompanhados por instrumentos de percussão.



Caxixi: chocalho pequeno feito de palha.

Cochilar: sono leve.

Dengo: palavra que se refere a um tipo de carinho, mimo ou afago.

Pode ser usado para descrever ações afetuosas ou demonstrações de ternura.

Dengoso: manhoso, chorão.

Lengalenga: conversa fiada.







Moleque: menino de pouca idade, travesso, bagunceiro.

Muvuca: confusão, esconderijo.

Ranzinza: rabugento, teimoso.

Samba: do “semba” dança de umbigada ou de peitada praticada em algumas regiões da África.





Tambor: instrumento musical de percussão que possui uma rica tradição na música africana. Também desempenhou um papel fundamental na música afro-brasileira, especialmente na cultura religiosa, como o candomblé e a umbanda.

Xodó: amor.



REFERÊNCIA

BRANDÃO, Ana Paula. **Memória das Palavras: A Cor da Cultura.** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.





**MATERIAL PARA
PROFESSORES**
SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES
LEXICAIS DOS POVOS DE
MATRIZ AFRICANA PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO



SAMANTHA ANDRADE

**MATERIAL PARA
PROFESSORES
SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES
LEXICAIS DOS POVOS DE
MATRIZ AFRICANA PARA O
PORTUGUÊS BRASILEIRO**



SAMANTHA ANDRADE

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
MAPA DO MATERIAL - CLICÁVEL.....	9
Módulo 1: Contexto Histórico — Colonização e Escravização Africana no Brasil	11
Roteiro Didático 1	12
Estabelecimento de Bases Históricas	14
Compreensão das Influências Linguísticas Iniciais.....	15
QUIZZES	16
Módulo 2: Fundamentos da Linguística e Evolução das Línguas	17
Roteiro Didático 2	18
Exploração dos Fundamentos Linguísticos	20
Entrelaçamento das Línguas ao Longo do Tempo	21
QUIZZES	22
Módulo 3: Origens das Palavras e Expressões Africanas no Português Brasileiro.....	23
Roteiro Didático 3	25
Desvendando a Riqueza Lexical.....	27
Intercâmbio Cultural e Linguístico	28
QUIZZES	29
Módulo 4: Atividades Práticas com jogos como Materiais Didáticos	31

Roteiro Didático 4	32
Jogos e Mapas Conceituais como Ferramentas Visuais	34
Representação Visual do Conhecimento Adquirido.....	36
QUIZZES	37
Módulo 5: Aplicação do Aprendizado em Contextos Amplos ..	39
Roteiro Didático 5	40
Debates e Discussões sobre Diversidade Cultural e Linguística	42
Promoção da Visão Crítica e Inclusiva	43
QUIZZES	44
CURIOSIDADE.....	47
REFERÊNCIAS E MATERIAIS DE APOIO	49


APRESENTAÇÃO

Bem-vindo ao *Material para Professores sobre as Contribuições Lexicais dos Povos de Matriz Africana para o Português Brasileiro*. Este material é uma fonte essencial para educadores da educação básica, desenvolvido com a missão de aprofundar a compreensão das riquezas linguísticas trazidas pelos povos de matriz africana ao nosso idioma, enriquecendo o vocabulário e a cultura do português brasileiro.

Uma das características distintivas deste material é a inclusão da história original *A Festa no Terreiro*, cuja narrativa é uma jornada fascinante que ilustra o encontro harmonioso de culturas, evidenciando as palavras que se entrelaçaram no tecido da Língua Portuguesa, resultantes do rico contato entre as culturas africanas e brasileiras.

O objetivo fundamental deste material é fornecer suporte prático e específico aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, apresentando estratégias pedagógicas para explorar e pesquisar as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o português brasileiro, incorporando-as ao ambiente de sala de aula. Além disso, destaca a relevância da Lei nº 11.645 de 2008, que obriga a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino.

Este material destaca-se por sua abordagem integrada para o ensino da Língua Portuguesa, cobrindo áreas cruciais como gramática, leitura, escrita e interpretação. Inspirado pela narrativa de



A Festa no Terreiro, apresenta estratégias de ensino especialmente desenvolvidas para o Português, alinhadas às contribuições lexicais dos povos de matriz africana.

Este material inclui roteiros didáticos estruturados, repleto de detalhamentos que incentivam a exploração ativa dos temas, promovendo a participação dos alunos de forma envolvente e interativa.

Para avaliar o progresso dos alunos, o material incorpora quizzes, que permitem acompanhar diferentes habilidades linguísticas. Além disso, faz uso de ferramentas online e atividades práticas, como jogos educacionais, para enriquecer a experiência de aprendizado dos alunos, criando um ambiente dinâmico e estimulante em sala de aula.

Ao final deste material, os professores encontrarão sugestões de materiais de apoio que proporcionarão o enriquecimento de suas aulas sobre as influências da cultura africana no português brasileiro.

Boa leitura, e que esta jornada de descobertas enriqueça suas práticas pedagógicas, elevando o ensino do português brasileiro a novos patamares de compreensão e apreciação.

MAPA DO MATERIAL - CLICÁVEL

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES LEXICAIS DE POVOS DE MATRIZ AFRICANA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Módulo 1: Contexto Histórico — Colonização e Escravidão Africana no Brasil	Módulo 2: Fundamentos da Linguística e Evolução das Línguas	Módulo 3: Origens das Palavras e Expressões Africanas no Português Brasileiro	Módulo 4: Atividades Práticas com Jogos como Materiais Didáticos	Módulo 5: Aplicação do Aprendizado em Contextos Amplios
Roteiro Didático 1	Roteiro Didático 2	Roteiro Didático 3	Roteiro Didático 4	Roteiro Didático 5
Estabelecimento de Bases Históricas	Exploração dos Fundamentos Linguísticos	Desvendando a Riqueza Lexical	Jogos e Mapas Conceituais como Ferramentas Visuais	Debates e Discussões sobre Diversidade Cultural e Linguística
Compreensão das Influências Linguísticas Iniciais	Entrelaçamento das Línguas ao Longo do Tempo	Intercâmbio Cultural e Linguístico	Representação Visual do Conhecimento Adquirido	Promoção da Visão Crítica e Inclusiva
QUIZZES	QUIZZES	QUIZZES	QUIZZES	QUIZZES



Módulo 1: Contexto Histórico — Colonização e Escravização Africana no Brasil

Neste módulo, os professores poderão trabalhar uma abordagem interativa com a temática da colonização e escravização africana no Brasil de forma envolvente e educativa. Inicialmente, os educadores podem utilizar recursos visuais, como mapas históricos e ilustrações, para contextualizar visualmente o período da colonização e escravização africana. Em seguida, recomenda-se a exploração de documentos históricos, relatos de testemunhas e obras de ficção que retratem esse período, proporcionando aos alunos diferentes perspectivas e contextos culturais. Além disso, atividades práticas, como dramatizações, debates e análise de músicas e obras de arte da época, podem enriquecer a compreensão dos alunos sobre as condições sociais, culturais e linguísticas da época. Ao integrar essas sugestões ao conteúdo do módulo, os professores podem criar uma experiência de aprendizado dinâmica e imersiva, permitindo que os alunos compreendam de maneira mais profunda as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o português brasileiro.



Roteiro Didático 1

No contexto da história brasileira, a colonização e escravização africana exerceram um papel fundamental na formação sociocultural do País. Com o intuito de promover compreensão desse período, propõe-se um roteiro de aulas estruturado em três etapas. Na primeira etapa, busca-se introduzir os alunos ao tema, avaliando o conhecimento prévio por meio de perguntas iniciais. A partir dessa base, adentra-se no contexto histórico propriamente dito, apresentando uma visão abrangente das datas, eventos e personagens que moldaram a colonização e escravização africanas no Brasil. Nesse processo, a utilização de recursos audiovisuais é considerada, ampliando a compreensão dos alunos.

Na segunda etapa, a abordagem se aprofunda por meio da discussão em grupo. Os alunos são divididos em pequenos grupos e recebem perguntas específicas relacionadas ao contexto histórico proposto. A interação entre os alunos permite uma troca de ideias e perspectivas, enriquecendo o aprendizado coletivo. A apresentação dos grupos em sala de aula permite a consolidação do conhecimento, com os pontos-chave sendo destacados para uma compreensão global e integrada do tema.

Por fim, a terceira etapa consiste na análise das influências linguísticas desse contexto histórico na Língua Portuguesa brasileira. Explora-se a incorporação de palavras e expressões de origem africana, destacando como esses elementos enriqueceram a nossa língua. A atividade de reflexão escrita, aliada à discussão em sala de aula, promove a internalização do conhecimento, incentivando os alunos a refletirem sobre a importância do entendimento desse contexto histórico para a compreensão das influências linguísticas presentes em nosso idioma.



Estabelecimento de Bases Históricas

Caro professor, é fundamental que você explore minuciosamente o contexto histórico da colonização e escravização africana no Brasil com seus alunos. Estabelecer essa base histórica sólida é essencial para compreendermos as profundas influências que permeiam a língua que falamos nos dias atuais. Ao fornecer esse alicerce robusto, seus alunos estarão preparados para compreender as contribuições lexicais dos povos de matriz africana para o português brasileiro de forma contextualizada e significativa.



Compreensão das Influências Linguísticas

Iniciais

Caro professor, esclareça a seus alunos que, no contexto da sociedade colonial brasileira, a interação entre negros africanos escravizados e brancos europeus era complexa e permeava diversas esferas da vida cotidiana, inclusive na criação das crianças brancas pelas escravas negras. Nas senzalas, onde os escravizados africanos viviam, ocorria uma rica mistura linguística. Os africanos traziam consigo uma variedade de línguas, dialetos e expressões. Ao serem forçados a se comunicar entre si e com os brancos colonizadores, essa diversidade linguística culminou em uma forma criativa e adaptativa de linguagem, que mesclava elementos das línguas africanas com o português dos colonizadores.

Nesse cenário, surgiram palavras como "caçula" (do quimbundo "kasule", significando o irmão mais novo), "moleque" (originado do termo quicongo "muléke", que se referia a um jovem) e "samba" (derivado do termo quimbundo "semba", que se refere a um tipo de dança). Essa interação linguística complexa e dinâmica entre negros africanos e brancos europeus na casa grande e na senzala contribuiu para moldar o vocabulário do português brasileiro, que reflete a riqueza cultural e histórica das influências africanas no Brasil.

QUIZ

Teste seu conhecimento com Nosso Quiz Linguístico! Identifique palavras de origem africana em um desafio cultural e linguístico. Prepare-se para uma jornada pelo fascinante mundo das influências africanas em nosso vocabulário.

Vamos lá!



Qual das seguintes palavras tem origem nos termos africanos mencionados no texto?

- ☐ Fado
- ☐ Tango
- ☐ Flamenco
- ☐ Samba

QUIZ

Qual das seguintes opções melhor descreve a expressão “muvuca” na frase: “Quero ficar no meio da muvuca só espiando o catupé passar”, na história *A Festa no Terreiro*?



- ☐ Silêncio absoluto
- ☐ Solidão profunda
- ☐ Agitação e confusão
- ☐ Alegria tranquila

Módulo 2: Fundamentos da Linguística e Evolução das Línguas

O processo de evolução linguística da Língua Portuguesa no Brasil, desde a colonização portuguesa até os dias atuais, está intrinsecamente ligado aos fundamentos da linguística e aos eventos históricos, como a escravização dos índios e negros. Com a chegada dos portugueses, o idioma português foi introduzido no Brasil, superpondo-se às línguas indígenas existentes. A escravização dos índios e, posteriormente, dos africanos trouxe consigo uma diversidade linguística significativa, resultando na integração de palavras e expressões de origem indígena e africana ao português brasileiro.

Esse processo de interação linguística e cultural levou à formação de uma variante específica do português no Brasil, enriquecida, posteriormente, por outras línguas europeias trazidas pelos imigrantes. A linguística histórica analisa as mudanças linguísticas ao longo do tempo, incluindo a formação do português brasileiro e suas características únicas.

Além disso, o contato entre as diferentes línguas e culturas no Brasil também influenciou a sintaxe, a fonética, a semântica e a morfologia do português brasileiro.



Roteiro Didático 2

No universo da Linguística, desvendar os fundamentos e a evolução das línguas é essencial para compreender a complexidade e a riqueza da comunicação humana ao longo dos tempos. Nesse contexto, propõe-se um roteiro de aulas estruturado para proporcionar aos alunos uma imersão nos pilares dessa ciência, guiando-os por uma jornada de aprendizado dividida em duas aulas de 50 minutos cada.

Na primeira etapa, inicia-se com uma Introdução (5 minutos) ao tema, cumprimentando os alunos e suscitando perguntas iniciais para avaliar o conhecimento prévio sobre Linguística. Aprofunda-se, então, nos Fundamentos da Linguística (15 minutos), apresentando os conceitos básicos dessa disciplina e delineando áreas como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. A utilização de exemplos simples enriquece a compreensão dos alunos, permitindo uma visão abrangente desse campo de estudo. A seguir, a Discussão em Grupo (10 minutos) entra em cena, dividindo os alunos em pequenos grupos para explorar questões específicas relacionadas aos fundamentos da Linguística. Cada grupo compartilha suas conclusões, a serem anotadas no quadro branco para destacar os pontos-chave.

A segunda etapa mergulha na fascinante evolução da Língua Portuguesa brasileira (10 minutos), explorando como se transformou ao longo do tempo devido a mudanças sociais, históricas e culturais. Exemplos concretos de palavras ou estruturas linguísticas que passaram por transformações ao longo dos séculos são

apresentados, ilustrando vividamente a dinâmica da evolução linguística. A Atividade de reflexão (5 minutos) estimula os alunos a escreverem breves pensamentos sobre a importância de compreender os fundamentos da Linguística e a evolução das línguas, promovendo a internalização do conhecimento. A Discussão em Sala (5 minutos) fomenta a interação, incentivando os alunos a compartilharem suas reflexões e a discutirem como o estudo da Linguística pode enriquecer sua compreensão da Língua Portuguesa. Por fim, na Conclusão (5 minutos) os pontos-chave são recapitulados, deixando os alunos com uma pergunta para reflexão pessoal sobre a evolução das línguas, estimulando o pensamento crítico e a aplicação dos conhecimentos adquiridos. A avaliação se baseia na participação dos alunos nas atividades em grupo e em sala, na qualidade das reflexões escritas e na compreensão geral dos fundamentos da Linguística e da evolução das línguas. Como tarefa de casa, os alunos devem ser incentivados a pesquisar uma língua que tenha passado por mudanças significativas ao longo dos séculos e a escrever um breve relatório sobre como essa língua evoluiu, consolidando assim seu entendimento prático sobre o tema.



Exploração dos Fundamentos Linguísticos

Linguisticamente, a variação em uma língua refere-se às diferentes maneiras pelas quais os falantes de uma comunidade linguística utilizam o idioma. Essas variações podem ocorrer em diversos níveis linguísticos, como fonético (sons), fonológico (padrões de sons), morfológico (formação de palavras), sintático (estrutura das frases e orações), semântico (significado das palavras e frases) e pragmático (uso da linguagem em contextos específicos).

A variação linguística pode ser influenciada por diversos fatores, como o regional (diferenças entre regiões geográficas), o socioeconômico (diferenças entre grupos sociais), o histórico (mudanças linguísticas ao longo do tempo) e o cultural (influências culturais na linguagem). As variações podem ser observadas em sotaques, gírias, expressões idiomáticas, formas de tratamento, entre outros aspectos linguísticos.

É importante notar que a variação linguística é natural e esperada em qualquer língua, refletindo a diversidade e a riqueza cultural de uma comunidade. Estudar a variação linguística ajuda os linguistas a compreenderem melhor as nuances e complexidades das línguas, contribuindo para uma análise mais completa e precisa do idioma em questão.

Entrelaçamento das Línguas ao Longo do Tempo

Os fundamentos linguísticos da variação da Língua Portuguesa no Brasil estão intrinsecamente ligados aos processos históricos e sociais que moldaram a evolução do idioma no País. Durante o período colonial, a Língua Portuguesa foi trazida pelos colonizadores europeus e se estabeleceu como língua oficial, substituindo gradualmente línguas indígenas faladas pelos povos nativos.

A principal mudança linguística em relação às influências da língua africana ocorreu devido à escravização dos africanos trazidos para o Brasil. Esse contato linguístico entre os colonizadores portugueses, os povos indígenas e os africanos escravizados levou a uma série de transformações linguísticas. Muitas palavras, expressões e estruturas linguísticas de origem africana foram incorporadas ao português brasileiro, enriquecendo significativamente o vocabulário e a gramática da língua.

Além disso, a variação linguística também foi influenciada por fatores regionais, sociais, culturais, levando ao surgimento de diferentes dialetos e sotaques em todo o País.

QUIZ

Desvende os segredos da dupla negação: um quiz sobre um fenômeno linguístico fascinante! Teste seu conhecimento e explore como a dupla negação transforma e enfatiza a negativa nas frases.

Desafia-se agora!



Qual é o fenômeno linguístico

que envolve o uso da dupla negação para enfatizar a negação de uma frase no português brasileiro, especialmente em algumas regiões?

- ☐ Elipse negativa
- ☐ Reduplicação negativa
- ☐ Dupla negação reforçada
- ☐ Sintaxe enfatizada

QUIZ

Qual dos fenômenos linguísticos está presente nas frases: “Eu não quero nada não”, “Ela não comeu nada não”, Eles não sabem de nada não”, e “Nós não vimos ninguém não”?



- ☐ Elipse negativa
- ☐ Reduplicação negativa
- ☐ Dupla negação reforçada
- ☐ Sintaxe enfatizada

Módulo 3: Origens das Palavras e Expressões Africanas no Português Brasileiro

A interação entre os povos africanos, indígenas e europeus no Brasil resultou em uma diversidade linguística, cultural e social significativa. Durante o período da escravidão e mesmo após a abolição, várias línguas, dialetos e costumes foram incorporados à sociedade brasileira.

Diversos idiomas africanos foram trazidos para o Brasil pelos escravizados. Entre eles estão o quimbundo, o quicongo, o iorubá, o fon, o jeje, entre outros. Muitas palavras dessas línguas foram incorporadas ao vocabulário brasileiro.

Antes mesmo da chegada dos africanos, o Brasil já era habitado por diversas tribos indígenas, cada uma com sua língua e cultura próprias. Muitas palavras e nomes de lugares no Brasil têm origem em línguas indígenas, como o tupi-guarani e o tupinambá.

A interação cultural também se reflete nas religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, que combinam crenças africanas com elementos do catolicismo, uma prática conhecida como sincretismo religioso.

Pratos típicos brasileiros, como o acarajé, a feijoada e o vatapá, têm influências africanas, indígenas e europeias. As técnicas de preparação e os ingredientes utilizados refletem essa diversidade cultural.

A música, a dança e as artes cênicas brasileiras foram profundamente influenciadas pelas tradições africanas e indígenas, criando um rico cenário cultural que inclui gêneros como o samba, a capoeira e o maracatu.

Essa interação linguística, cultural e social é parte fundamental da identidade brasileira e contribui para a diversidade e a riqueza cultural do País.



Roteiro Didático 3

Explorar as raízes linguísticas do português brasileiro através das palavras e expressões de origem africana é uma jornada enriquecedora e reveladora. Com o intuito de compreender profundamente essa influência cultural, propõe-se um plano de aula estruturado em duas sessões de 50 minutos cada.

A aula começa com uma Introdução (5 minutos) em que os alunos são saudados e introduzidos ao tema. Perguntas iniciais são feitas para avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre as influências linguísticas africanas no português brasileiro. Em seguida, explora-se a Influência das Línguas Africanas (10 minutos), explicando como a escravização de africanos no Brasil moldou o idioma português. Dados sobre a diversidade linguística dos povos africanos trazidos para o Brasil são apresentados, contextualizando a riqueza das origens linguísticas.

A etapa seguinte apresenta Exemplos de Palavras e Expressões (10 minutos) de origem africana incorporadas no vocabulário brasileiro. Cada exemplo é discutido em termos de significado e contexto de uso, utilizando recursos audiovisuais, se disponíveis, para aprimorar a compreensão visual. A Atividade de Identificação (10 minutos) divide os alunos em duplas ou pequenos grupos, fornecendo uma lista de palavras e expressões de origem africana para identificação. Os grupos compartilham suas descobertas e conclusões com a classe, promovendo a discussão e o intercâmbio de ideias.

A Discussão em Sala (5 minutos) incentiva uma conversa sobre a importância de reconhecer as contribuições linguísticas e culturais dos povos africanos no Brasil. Na Conclusão (5 minutos), os principais pontos da aula são recapitulados, ressaltando-se a relevância de compreender as origens das palavras e expressões africanas no português brasileiro para uma apreciação mais profunda e enriquecedora da língua.

A avaliação se baseia na participação ativa dos alunos durante a atividade de identificação das palavras, na qualidade das discussões em grupo e na compreensão geral dos alunos sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro. Como tarefa de casa, os alunos são desafiados a pesquisar uma palavra ou expressão de origem africana ainda amplamente usada no Brasil e a escrever um pequeno texto explicando seu significado e contexto de uso, incentivando a pesquisa independente e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.



Desvendando a Riqueza Lexical

No vasto mosaico linguístico do Brasil, a riqueza vocabular é resultado da intrincada fusão de culturas e influências que moldaram nosso idioma ao longo dos tempos. A Língua Portuguesa, trazida pelos colonizadores europeus, harmonizou-se com as línguas indígenas, enriquecendo nosso léxico com palavras como "jaguar", "abacaxi" e "tucano". Entretanto, foi com a chegada dos africanos como escravizados que a Língua Portuguesa ganhou tonalidades singulares.

Línguas africanas como quimbundo, quicongo e iorubá deixaram uma marca indelével, incorporando termos como "caçula", "samba" e "moleque". Cada expressão é um elo direto com o passado, estabelecendo uma ligação com as tradições e o legado cultural dos povos que, apesar das adversidades, contribuíram para a formação do Brasil.

Desvendar essa riqueza vocabular é mais do que uma exploração linguística; é uma reverência à diversidade e um tributo às vozes e narrativas que permeiam cada palavra do português brasileiro. Ao compreendermos a origem de nosso vocabulário, estamos celebrando a herança cultural que nos define e enriquece nossa percepção do mundo. Assim, ao desvelar essa riqueza vocabular, abrimos portas para o entendimento e o respeito pelas várias culturas que moldaram e continuam a moldar nossa amada nação.

Intercâmbio Cultural e Linguístico

O intercâmbio cultural e linguístico entre os povos africanos e o Brasil é um capítulo fundamental e multifacetado na história do País. Além das contribuições lexicais já mencionadas, essa troca rica e contínua também se estende a aspectos culturais e sociais. Durante o período colonial, os africanos trouxeram consigo não apenas palavras, mas também crenças, tradições, práticas religiosas e sistemas de conhecimento que se entrelaçaram com as culturas locais e europeias.

A influência africana no Brasil vai além do léxico, permeando o modo de vida, a culinária, a música, a dança e até mesmo a espiritualidade. O candomblé, por exemplo, é um sistema religioso de origem africana que se enraizou profundamente na sociedade brasileira, incorporando elementos linguísticos, rituais e mitos que ecoam as tradições africanas.

Além disso, o intercâmbio linguístico não se limita ao português brasileiro. Em regiões específicas do País, como na Bahia, dialetos africanos como o nagô e o ijexá persistem, persistindo nas palavras, nas estruturas gramaticais e entonações típicas dessas línguas.

Esse intercâmbio cultural e linguístico é um testemunho da resiliência e criatividade das comunidades afro-brasileiras.

QUIZ

Teste seus conhecimentos com nosso quiz e explore palavras como “Axé” e “Quilombolo”. Descubra como essas influências moldaram nossa cultura.

Aceita esse desafio?

A palavra “Axé” tem uma origem africana e é frequentemente usada no Brasil para se referir a uma energia positiva ou boa vibração. Qual é o significado de “Axé” e como essa palavra reflete a influência africana no português brasileiro?



- ☐ “Axé” significa “paz interior” e é uma palavra usada exclusivamente na cultura afro-brasileira para se referir à meditação.
- ☐ “Axé” representa uma energia positiva e é uma palavra de origem africana incorporada ao português brasileiro, evidenciando a influência cultural dos povos africanos no Brasil.
- ☐ “Axé” é uma saudação usada entre amigos e não tem relação com a influência africana na língua portuguesa.
- ☐ “Axé” é um termo usado apenas em contextos religiosos afro-brasileiros, sem impacto significativo no vocabulário do português brasileiro.



QUIZ



A palavra “Quilombolo” também tem raízes africanas e é usada para descrever comunidades formadas por descendentes de escravizados fugitivos no Brasil. Qual é o significado de “Quilombolo” e qual é a sua importância histórica e cultural no contexto brasileiro?



- ☐ “Quilombolo” é uma palavra que significa “terra fértil” em algumas línguas africanas, e sua importância no Brasil está relacionada apenas às tradições agrícolas.
- ☐ “Quilombolo” é um termo usado para se referir a comunidades formadas por escravizados fugitivos, representando resistência, autonomia e preservação cultural dos povos africanos no Brasil.
- ☐ “Quilombolo” é uma expressão para descrever um tipo de dança tradicional afro-brasileira, sem relevância histórica ou cultural significativa.
- ☐ “Quilombolo” é um termo arcaico sem uso atual no português brasileiro, não tendo impacto na cultura contemporânea do país.



Módulo 4: Atividades Práticas com jogos como Materiais Didáticos



Roteiro Didático 4

No universo educacional, a utilização de jogos como ferramentas didáticas é uma estratégia inovadora e envolvente para promover o aprendizado. Nesse contexto, propõe-se um plano de aula estruturado em duas sessões de 50 minutos cada, dedicado a explorar as contribuições lexicais africanas no português brasileiro por meio de atividades práticas e interativas.

A aula tem início com uma Introdução (5 minutos) na qual os alunos são saudados e informados sobre a dinâmica do dia: atividades práticas e jogos relacionados às influências africanas no vocabulário brasileiro. Os Jogos de Palavras Cruzadas (15 minutos) são distribuídos, e as regras são explicadas de maneira clara. Os alunos são encorajados a trabalhar individualmente ou em duplas para completar os jogos, enquanto o professor circula pela sala, oferecendo assistência e esclarecendo dúvidas. Em seguida, os alunos se engajam em uma atividade de Caça-Palavras (10 minutos) contendo palavras de origem africana no português brasileiro. A competição saudável é incentivada, promovendo uma experiência interativa e participativa.

A fase seguinte envolve uma Discussão (10 minutos) em sala de aula, onde os alunos compartilham suas descobertas e explicam o significado das palavras encontradas nos jogos. A importância dessas palavras no vocabulário cotidiano é ressaltada, ampliando o entendimento dos alunos sobre a riqueza linguística brasileira. Em seguida, os alunos são desafiados a exercitar sua criatividade ao

Criar um Jogo (5 minutos) em pequenos grupos. Cada grupo é encarregado de conceber um jogo de palavras relacionado às contribuições lexicais africanas, podendo escolher entre palavras cruzadas, caça-palavras, quebra-cabeças, entre outros.

A aula culmina com a Apresentação dos Jogos (5 minutos), onde cada grupo compartilha sua criação com a turma, explicando as regras e como o jogo ajuda a entender as contribuições lexicais africanas. Os jogos podem ser apresentados em formato impresso ou digital, fomentando a criatividade e a habilidade de apresentação dos alunos. Na Conclusão (5 minutos), os principais pontos da aula são recapitulados, ressaltando o valor dos jogos como ferramentas educacionais eficazes. Os alunos são incentivados a continuar explorando e aprendendo por meio de jogos, estimulando um aprendizado autônomo e contínuo.

A avaliação do desempenho dos alunos baseia-se na observação da participação e engajamento durante as atividades, na qualidade das respostas e discussões durante os jogos de caça-palavras e palavras cruzadas, bem como na criatividade demonstrada pelos grupos ao criar seus próprios jogos. Como tarefa de casa, os alunos são desafiados a pesquisar e trazer para a próxima aula mais exemplos de palavras de origem africana no português brasileiro, criando definições e aplicando essas palavras em contextos contemporâneos, estimulando assim a pesquisa independente e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.




Jogos e Mapas Conceituais como Ferramentas Visuais

No cenário educacional contemporâneo, compreender as contribuições lexicais dos povos africanos para o português brasileiro é mais do que um estudo linguístico; é uma viagem pela rica tapeçaria cultural que moldou nossa língua. Para facilitar esse aprendizado de forma envolvente e interativa, ferramentas visuais como jogos e mapas conceituais se destacam como recursos indispensáveis.

Jogos educacionais são portas de entrada para um mundo de aprendizado dinâmico. Ao explorar palavras como "samba", "quilombo" e "axé" através de jogos de palavras cruzadas, caça-palavras ou quebra-cabeças, os alunos não apenas ampliam seu vocabulário, mas também internalizam a riqueza cultural por trás dessas expressões. A competição amigável e o engajamento lúdico transformam o aprendizado em uma experiência memorável e motivadora.

Os mapas conceituais são valiosos para organizar e visualizar o conhecimento de forma hierárquica e interconectada. Ao criar mapas conceituais sobre temas como "Religiões de Matriz Africana no Brasil" ou "Influências Africanas na Gastronomia Brasileira", os alunos podem explorar a profundidade das contribuições africanas. Os mapas não apenas destacam palavras-chave, mas também estabelecem conexões contextuais, promovendo uma compreensão holística das influências linguísticas e culturais.



A combinação de jogos e mapas conceituais cria uma sinergia poderosa. Após jogar e explorar palavras, os alunos podem utilizar mapas conceituais para contextualizar o significado das palavras em diferentes áreas como música, religião, culinária e expressões cotidianas. Isso não apenas solidifica o conhecimento adquirido, mas também amplia a visão dos alunos sobre a diversidade cultural e linguística que permeia nossa língua.

Representação Visual do Conhecimento

Adquirido

No contexto educacional atual, a integração lúdica da tecnologia desempenha um papel essencial ao explorar as contribuições lexicais africanas no português brasileiro. Ao utilizar aplicativos educativos, os professores podem criar jogos interativos que desafiam os alunos a identificar palavras de origem africana, promovendo o pensamento crítico e o engajamento. Além disso, as ferramentas digitais permitem a criação de mapas conceituais dinâmicos, visualizando palavras africanas e conectando-as a aspectos culturais e históricos.

Em plataformas online, os alunos podem colaborar em projetos de pesquisa, utilizando blogs, apresentações digitais e vídeos interativos para compartilhar descobertas.

Este material serve como um guia dinâmico, incentivando a criatividade dos professores e estimulando adaptações e inovações. Ele pretende inspirar os educadores a criar jogos personalizados ou vídeos animados que exploram a evolução das palavras africanas no português brasileiro. Ao integrar tecnologia de maneira imaginativa, oferece uma abordagem educacional inovadora, encorajando os professores a explorar novos horizontes pedagógicos e transformar a sala de aula em um ambiente envolvente de descoberta, colaboração e aprendizado.



QUIZ

Desbrave as raízes culturais do Brasil!

Participe de nosso quiz sobre as contribuições africanas para o português brasileiro, inspirado no livro *A Festa no Terreiro*.

Leia o livro e embarque nessa jornada cultural, desvendando as riquezas linguísticas e históricas que moldaram nossa identidade.

Está pronto para o desafio?



No trecho do livro *A Festa no Terreiro*, qual é o significado atribuído à palavra “Axé” e como Moleque percebe essa herança cultural?

- ☐ “Axé” representa negativamente a tristeza, e Moleque sente-se desconectado de suas raízes.
- ☐ “Axé” simboliza energia positiva, compartilhada por todos, e Moleque sente a presença viva de seus antepassados.
- ☐ “Axé” refere-se a uma dança tradicional, sem conotação espiritual, e Moleque não tem qualquer ligação emocional com ela.
- ☐ “Axé” representa um tipo de música popular, e Moleque associa isso a momentos de diversão, não relacionados com suas raízes culturais.





QUIZ



No contexto do livro *A Festa no Terreiro*, qual é o significado atribuído à palavra “Samba” e como Moleque o interpreta?

- ☐ “Samba” é apenas uma dança tradicional, sem significado mais profundo, e Moleque não se importa com isso.
- ☐ “Samba” representa uma expressão da alma, mais do que apenas uma dança, e Moleque sente a conexão com seus antepassados através dessa forma de arte.
- ☐ “Samba” é um estilo musical moderno, sem relação com as tradições antigas, e Moleque não se interessa por ele.
- ☐ “Samba” é uma palavra sem significado específico no contexto do livro, apenas usada casualmente pelos personagens.



Módulo 5: Aplicação do Aprendizado em Contextos Amplos

Professores, inspirem seus alunos a explorar o mundo além da sala de aula! Descubra como promover a aplicação do aprendizado em contextos amplos, capacitando seus estudantes a utilizarem o conhecimento de forma significativa na sociedade.

Prepare-se para uma experiência educacional transformadora e prepare seus alunos para enfrentar desafios do mundo real!



Roteiro Didático 5

Explorar as contribuições lexicais africanas no português brasileiro vai além das paredes da sala de aula, ganhando relevância no mundo real. Nesse contexto, delineia-se um plano de aula que se estende por duas sessões de 50 minutos cada, focado na aplicação prática do conhecimento adquirido e na promoção de discussões sobre a riqueza cultural e linguística do Brasil.

A aula começa com uma Introdução (5 minutos), onde os alunos são saudados e recapitulam os temas das aulas anteriores. A ênfase é colocada na aplicação do aprendizado em contextos amplos. Na sequência, são Apresentados Casos (10 minutos) reais em que o conhecimento das contribuições lexicais africanas é essencial, como na compreensão de músicas, expressões populares ou literatura brasileira. Os alunos são encorajados a compartilhar exemplos que possam conhecer, estimulando a participação ativa da turma.

A etapa seguinte envolve uma Discussão em Grupo (15 minutos), onde os alunos são divididos em grupos pequenos e recebem casos específicos para analisar e discutir. Eles exploram como as contribuições lexicais africanas estão presentes nos exemplos dados, destacando sua importância cultural e linguística. Posteriormente, cada grupo apresenta suas descobertas e conclusões para toda a turma, promovendo um Debate em Sala de Aula (5 minutos) sobre a diversidade cultural e linguística no Brasil. Os alunos são desafiados a refletir sobre como o conhecimento das

influências africanas pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

Na etapa seguinte, os alunos são incentivados a fazer uma Aplicação Pessoal (5 minutos) do conhecimento, refletindo sobre como podem integrar as contribuições lexicais africanas em suas vidas diárias, seja na compreensão de músicas ou no respeito à diversidade cultural. A Conclusão (5 minutos) recapitula os principais pontos da aula, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar as influências africanas no Brasil. Os alunos são encorajados a continuar explorando essas contribuições em seu aprendizado contínuo.

A avaliação do desempenho dos alunos baseia-se na observação da participação ativa nas discussões em grupo e em sala de aula, na qualidade das apresentações dos grupos e na contribuição para o debate sobre diversidade cultural e linguística. Como tarefa de casa, os alunos são desafiados a escolher um exemplo da cultura brasileira, como uma música, um filme, um livro ou uma expressão popular, e pesquisar como as contribuições lexicais africanas estão presentes nesse exemplo. Eles devem compartilhar suas descobertas na próxima aula, incentivando a pesquisa independente e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.



Debates e Discussões sobre Diversidade Cultural e Linguística

Prepare-se para transformar suas aulas em espaços de aprendizado e reflexão com a Cartilha "Consciência Negra: Racismo nas Palavras", presente nos Materiais de Apoio deste material. Descubra a relevância de ressignificar termos que surgiram a partir do contato com os negros escravizados no Brasil colonial. Nesta jornada educativa, exploraremos palavras como "denegrir", "mercado negro" e "criado mudo", entre outras, desvendando sua origem histórica e discutindo como elas ecoam no presente. Ao encorajar debates e discussões sobre a diversidade cultural e linguística, você estará guiando seus alunos por um caminho de entendimento profundo das lutas passadas e da necessidade de moldar novos significados no mundo atual. Esteja preparado para inspirar mentes, promover a empatia e criar um ambiente de aprendizado verdadeiramente inclusivo. Juntos, vamos resgatar o passado para construir um futuro mais consciente e respeitoso para todos.

Promoção da Visão Crítica e Inclusiva

A inclusão e diversidade são pilares essenciais para promover uma sociedade mais justa e igualitária. Quando integramos pessoas de diferentes origens culturais, étnicas e sociais, criamos um ambiente enriquecedor onde as experiências variadas contribuem para um aprendizado mais amplo e significativo. Nesse contexto, a sustentabilidade cultural desempenha um papel crucial. Ao preservar e valorizar as tradições, línguas e práticas culturais das comunidades, garantimos que o conhecimento ancestral seja transmitido às gerações futuras, promovendo a continuidade das identidades culturais.

O uso responsável do conhecimento ganha destaque ao aplicar o aprendizado em contextos amplos. Devemos usar esse conhecimento de maneira ética e sustentável, respeitando as diferentes culturas e contribuindo para o bem-estar social, econômico e ambiental das comunidades. Ao integrar inclusão, diversidade, sustentabilidade cultural e uso responsável do conhecimento, construímos um futuro mais justo, equitativo e harmonioso para todos.



QUIZ

Teste seus conhecimentos sobre Inclusão, Diversidade, Sustentabilidade Cultural e Uso Responsável do Conhecimento! Participe do nosso quiz e descubra como esses princípios podem transformar o mundo em um lugar mais justo, equitativo e harmonioso para todos. Prepare-se para uma jornada de aprendizado e reflexão!



Qual é o papel da sustentabilidade cultural no contexto da promoção da inclusão e diversidade?

- ☐ Preservar e valorizar tradições culturais antigas.
- ☐ Reduzir a diversidade cultural para facilitar a inclusão.
- ☐ Ignorar as práticas culturais para promover a igualdade.
- ☐ Promover a exclusão de certas culturas para alcançar a diversidade.





QUIZ



Por que é importante usar o conhecimento de maneira ética e sustentável ao integrar inclusão, diversidade e sustentabilidade cultural?

☐

Para beneficiar apenas uma comunidade específica.

☐

Para garantir o desenvolvimento econômico a curto prazo.

☐

Para contribuir para o bem-estar social, econômico e ambiental das comunidades.

☐

Para promover a exclusão de culturas menos conhecidas.





CULTURA

Professores, assistam ao vídeo com os seus alunos:



[VÍDEO](#)



REFERÊNCIAS E MATERIAIS DE APOIO

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

HAUY, Amini Boainain. **História da língua portuguesa**: séculos XII, XIII e XIV. São Paulo: Ática, 1989.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

Link da cartilha sobre racismo nas palavras:

<http://www.amepe.com.br/anexos/CartilhaRacismoAmepe2020.pdf>

Link do livro A Festa no Terreiro:

https://1drv.ms/b/s!ApLDRydKUTCvhWT0qYYnK4yq_H7K?e=Lm61Zl

Link do vídeo Cultura: <https://1drv.ms/v/s!ApLDRydKUTCvhxyfRA-fYzuNMI1e?e=OnIROi>

MAIA, João Domingues. **Português**. São Paulo: Ática, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Para a história do português brasileiro**: primeiros estudos. São Paulo: Edusp, 2001.

TERSARIOL, Alpheu. **Biblioteca da língua portuguesa**. 7ª ed. São Paulo: Lisa, 1968.